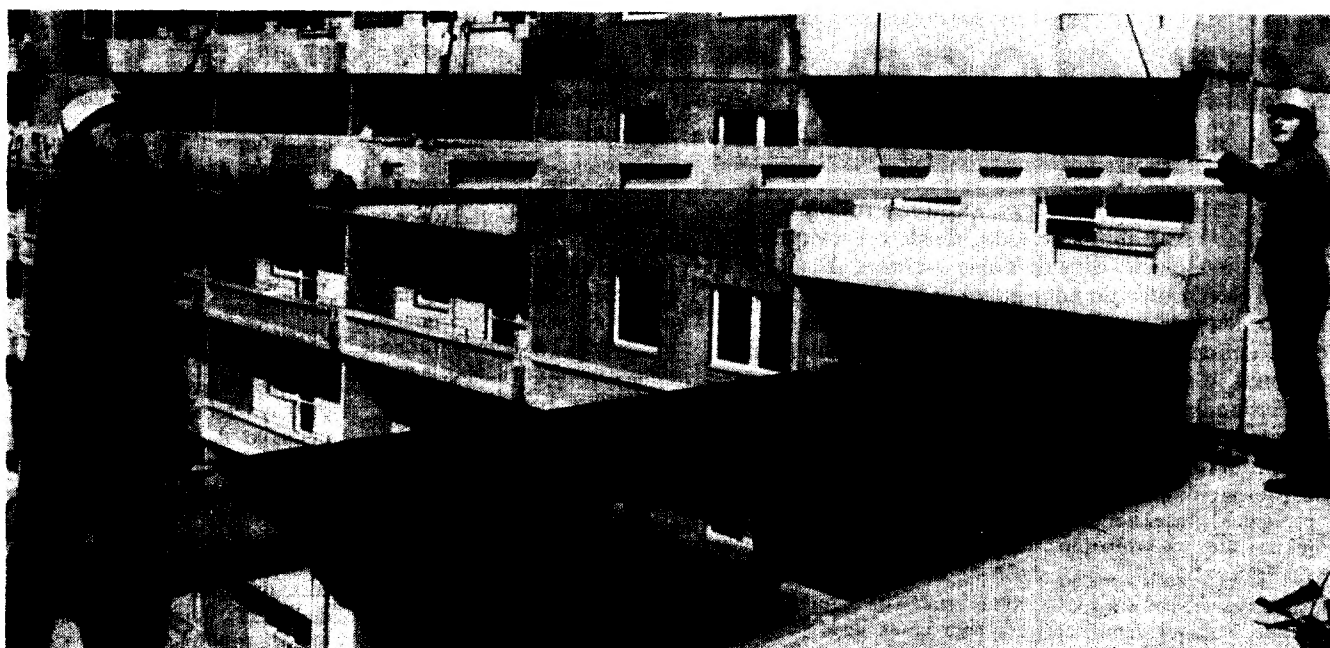


**"DL" publica novas tabelas em vigor**

## CRÉDITO À HABITAÇÃO: NOVO REGIME É PIOR

Uma grande parte dos pedidos para obtenção de crédito na compra de habitação própria não reunirá as condições mínimas para obtenção de bonificação, ainda que nos escalões mais baixos. Esta a conclusão que pode ser tirada a partir da consulta das tabelas que já estão a ser distribuídas pelos balcões das instituições de crédito e que o «DL» hoje divulga. Esta conclusão baseia-se no facto de não existirem habitações no mercado dentro dos limites estipulados pela actual legislação e, por outro lado, porque a maioria dos rendimentos familiares mensais não correspondem ao triplo do valor da amortização, como é exigido. Pág. 12



**CONHECE?**

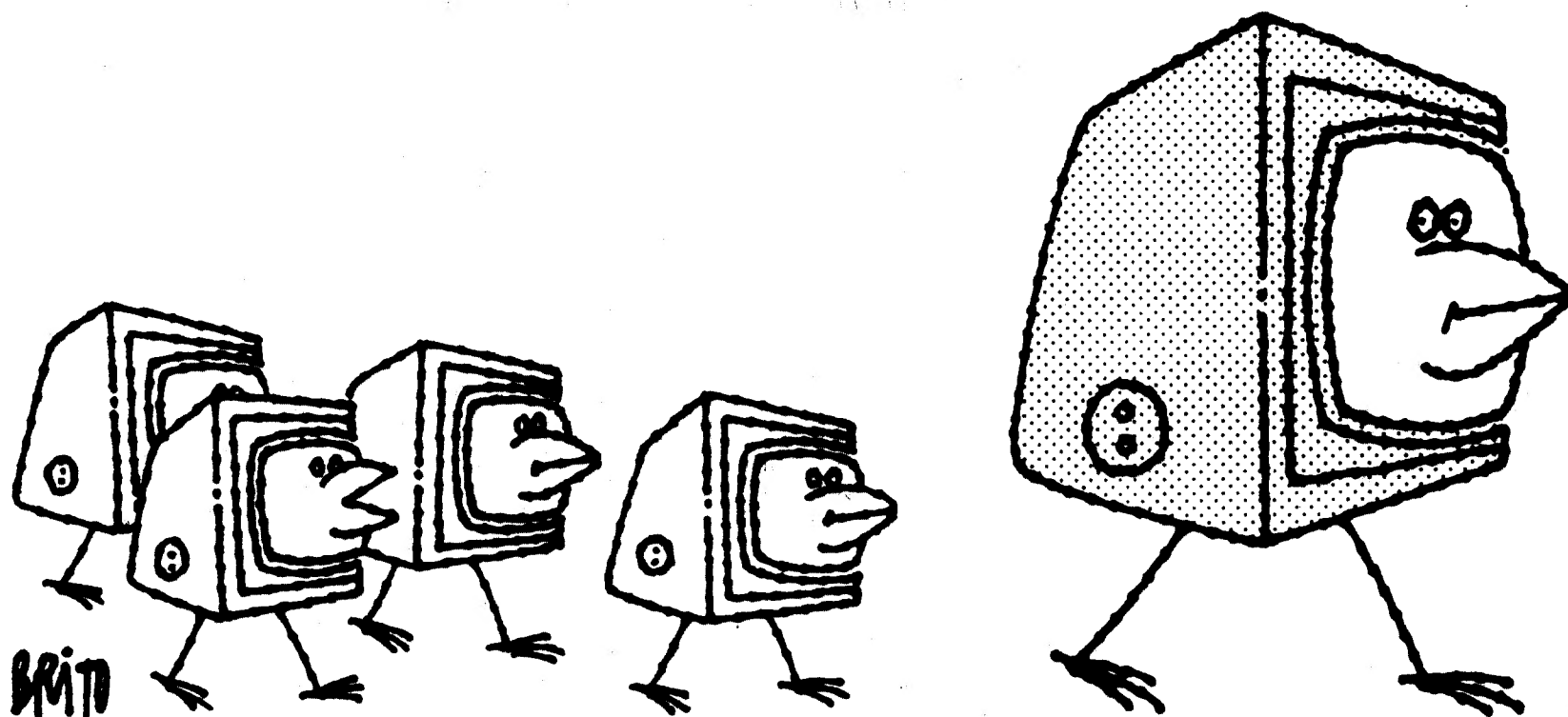
**Nobel da  
Literatura  
para Wole  
Soyinka**

O nigeriano Wole Soyinka, de 52 anos, tornou-se hoje o primeiro autor africano galardoado com o Prémio Nobel da Literatura. Romancista, dramaturgo e poeta, foi citado pela Academia de Letras da Suécia como sendo um escritor «que, numa vasta perspectiva cultural e com harmonias políticas, desenha o drama da existência».

**Aviso partiu do secretário de Estado, Carlos Pimenta**

## LISBOA: CHEIAS PODEM VOLTAR

As inundações podem voltar à zona da Grande Lisboa se chover em condições de cheia, declarou ontem o secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais. Carlos Pimenta falava na sessão de abertura do painel «A política de água em Portugal» promovido pela Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos. Apesar de, dentro de um mês e meio, se iniciar o quarto programa de emergência, o secretário de Estado sublinhou que, por enquanto, se tratam de «intervensões pontuais». Razão pela qual, se as condições meteorológicas forem propícias, a área da Grande Lisboa voltará a conhecer as já habituais inundações.



# Lar, doce lar electrónico

Beja Santos

**Quem, há quinze anos atrás, supunha tumultuosas alterações nos hábitos de vida, desde a corriqueira calculadora electrónica de bolso a clubes de vídeo, o painel electrónico do automóvel, a fragmentação dos grupos sociais, o consumo passivo de notícias e entretenimento, as preocupações com a alimentação racional, o espectro angustiante da desqualificação profissional, a progressiva extinção da comunicação directa?**

Quem, para os próximos quinze anos, prevê que, graças aos nossos equipamentos, à promoção do tempo livre, à reestruturação do trabalho doméstico, e à própria reabilitação da vida familiar, a casa voltará a ser o centro das nossas atenções depois desta grande vagabundagem pelo local de trabalho, pelas instituições de aprendizagem, pelas danceterias, pelas inumeráveis cate-drais, igrejas e capelas do consumo? Quem prevê que esteja próximo o apaziguador, o reconfortante regresso ao lar?

A questão certamente não surpreenderá aqueles que se documentam sobre a habitação e os consumos do porvir dos próximos lustros. A casa, até à industrialização, era concebida para ser desfrutada 24 horas por dia.

A sala de estar da casa típica do Minho serrano, por exemplo, como espaço multiocupacional (fumar carnes, estar aquecido, fazer convergir a família para o diálogo, receber visitas, costurar, etc.) será um dos paradigmas da casa do futuro, mas com uma alteração de fundo: o profuso acesso às redes de comunicação electrónica espalhada pelo Mundo. Ocorreu-me esta ideia da leitura do ensaio «Casas Vivas», da autoria de Roy Mason e Lane Jennings, divulgado na antologia «EUA 2000», 1985. Para os autores, a consecutiva pressão sobre o contexto urbano, a melhor assistência social, os novos

tipos de experiência na vida citadina, o elevado custo dos transportes e o cada vez menor número de famílias com muitos filhos estarão na base da tendência para casas mais pequenas, mais funcionais e seguras. «Muitas residências, apartamentos e pequenas vivendas são já concebidos com divisões que servem mais do que um fim, tais como a sala de estar, jantar e quarto de dormir, gabinete de trabalho. Os projectos modernos já conjugam as salas de jantar, estar, a cozinha e os quartos da família de modo a formar uma única divisão aberta que faz lembrar o espaço com lareira onde as famílias passavam grande parte do seu tempo». Haverá a reconversão de espaços desaproveitados, tais como armazéns abandonados em estúdios e apartamentos. A energia cara, os sucessivos aumentos nos transportes, os riscos ambientais, a crescente aversão pública contra o desperdício incorrerão para que se explorem cada vez mais padrões alternativos da vida suburbana.

Alguns futurólogos (basta ler «A Terceira Vaga», de Alvin Toffler) aventam que estamos no limiar das indústrias electrónicas caseiras. Não interessando aqui vaticinar quando, o que importa observar é que a casa moderna se está a transformar numa estrutura complexa com sistemas mecânicos por enquanto imperceptíveis: rádio, televisor, gira-discos,

magnetoscópio passarão a ter características de telecomputadores. A par da casa electrónica, dar-se-ão uma revolução nos la-zeres e cultura: a biblioteca transformada em videodisco; os computadores domésticos darão acesso a bancos de informação, informação que hoje está aramazenada numa enciclopédia de 20 volumes; a tecnologia holográfica pode trazer para dentro de casa a imagem tridimensional do cantor favorito, de um jogo de futebol, etc. Isto enquanto o cinema explora os ecrãs de 360º! Um homem do teatro desabafa: «Haverá uma cisão da sociedade entre as toupeiras electrónicas e aqueles que sentem necessidade de comunicação personalizada».

Mas este apaixonante tema do «regresso à casa» pode ser en-focado por outras vertentes, como faz Bernard Prél em trabalho publicado na revista «Futuribles», de Setembro último, ur-dindo uma espécie de cenário reversível e antinómico: ou todos os caminhos vão dar ao lar ou todos os progressos asseguram a nossa condição «anto-móvel». Aqui ficam as leituras contrasta-das entre a aproximação e a re-pulsa do lar.

Primeiro, o esvaziamento da família, confinada às suas funções de consumo afectivo, des-possada pelo Estado de certas ta-refas (educação dos filhos, cui-dados primários, protecção da velhice). Diminuída nas suas funções, a família «ganha» com o consumo de escravos mecânicos e de informações. A miniaturização das máquinas profissio-nais dá a ideia que somos emissores e receptores de tele-serviços. A casa cresce de impor-tância aos olhos dos cidadãos na mesma proporção em que a ci-dade se esvazia das suas funções de relação. Desaparecem os la-vadouros, os fontanários, os co-rejos; esvaziam-se os cinemas, as lavandarias, os teatros, os ca-fés. Depois, o tempo de lazer anda a par do tempo profissional. O pequeno ecrã televisivo, janelas

em «trompe l'oeil» aberta sobre o mundo, acaba por misturar e confundir a ficção e a realidade como uma lanterna mágica.

Segundo, a gosto ou sem ele, vive-se a epopeia das máquinas domésticas. Quando se prometia uma saturação absoluta do mercado de electrodomésticos, o seu embaratecimento relativo asse-gura um sobreconsumo de ma-quinaria. A escolarização pro-longada induz também à coabita-ção prolongada. Enquanto a rua surge como algo de inquietante, espaço propiciador da inseguran-ça imprevisível (veja-se o su-cesso do filme «Nova Iorque fora de horas»), desenvolve-se a cul-tura da tribo narcisística, a que também não é alheia a crise da legitimidade do Estado e das re-ligiões.

Com a maquinaria, com este co-lectivo constrangedor, desen-volve-se e aprofunda-se a regra de «3 vezes 8», a regra dos três terços aplicada ao quotidiano: um terço para trabalhar, um terço para viver e entre os dois um outro terço para garantir a «recu-peração». Depois, o terço para viver está a ser reorientado por acontecimentos insuspeitados há décadas atrás (fruto do desem-prego maciço, da queda do tempo profissional, e daí a forma natural como se assume a eco-nomia subterrânea, os biscates, etc). O ritmo binário trabalho-reposo é agora outro. É con-troverso que as pessoas querem mais tempo para viver e que pouca importância deem às fon-tes de rendimento. Com efeito, é notória a incapacidade da nossa economia em propor mais tempo disponível sem que por trás dele se perfile o espectro do desem-prego. A prova está na perda de mobilidade que devia merecer mais a atenção dos investiga-dores: muda-se cada vez menos de casa e as migrações são mais es-paçadas.

O doce lar readquiriu impor-tância, com efeito: a parcela do nosso rendimento com as despe-

sas da habitação tende a aumen-tar.

Terceiro, regresso ao lar mas com a família mais desunida: cresce o número de divórcios, de gente solitária. Dir-se-á que a fi-gura do indivíduo se instala no coração da família nuclear. Daí um leque de inenarráveis opções (na alimentação, no mobiliário, por exemplo) e, fora do lar, a consagração da poliactividade em busca do corpo e do relacio-namento afectivo (jogging, gi-násios, colectividades de re-creio, etc). É a plasticidade do consumidor que tem razões que a razão desconhece.

Regresso ao lar, mas atenção a dois grupos dinâmicos e extra-vertidos: os jovens e os quadros superiores preferem viver nas ci-dades; estes últimos com o seu forte sobreconsumo de espectá-culos, restaurantes e férias, en-quanto os primeiros desenca-deiam um dos fenómenos socio-lógicos mais curiosos da actuali-dade: as tribos juvenis, com os seus dialectos, usos e deambula-ções próprios.

Fica-nos uma incógnita de peso: os termos da recuperação económica. Se cresce o investi-mento, se se impulsionar uma au-téntica dinâmica e as comunida-des se sentirem associadas ao de-senvolvimento, haverá nova-mente uma reconciliação entre o homem e a empresa, pois, nessa altura, a palavra de ordem será a conquista dos mercados. Se assim acontecer, a gestão de pes-soal passará mais por uma inte-gração progressiva do tempo de lazer e do tempo de trabalho. Mas, enfim, não percamos o ho-rizonte de conjuntura em que nos movemos.

Fora deste enquadramento do industrialismo, a tentação dos países em desenvolvimento é a «casa ecológica», o sonho que pode contrariar os pesadelos da megalópolis. A casa sem elec-trónica, com um horto de ervas aromáticas, um galinheiro (duas fêmeas e um coelho podem sig-nificar que se come carne de co-

elho uma vez por semana, o que é importante na Cidade do Mé-xico, Bogotá, Rio ou São Paulo), uma vaca leiteira, o quintal pró-digo em hortícolas (já lá vai o tempo do desdém pelas hortas familiares e a prova é que um terço das verduras frescas con-sumidas nos EUA provém destas hortas), forragem, aquecimento solar que garante água quente das dez da manhã às oito da noite. Doçura electrónica ou doçura ecológica — como escolher me-lhor?

E não foi por acaso que se trouxe à ponderação a proposta de habitação ecológica. Num período tão atreito a sacralida-des, movimentos do místico e da busca do Paraíso perdido, a casa, que começou por ser a unidade de produção, e que depois se converteu num dos territórios primordiais do consumo, se-gundo o analista social Juan Cueto, «deixa também reflectir as nossas mitologias da fuga, e não só na evolução decorativa de seres interiores... O mito do re-gresso à natureza (casa secundá-ria) em versão burguesa, forma parte essencial das estratégias económicas da industrializa-ção». Mas é patente a fragilidade do movimento transfuga, aca-bando por reporduzir a poucas dezenas de quilómetros o mesmo tipo de habitação urbana. A in-culcação dos padrões do consu-mismo é demasiado forte, a ponto da fuga para existência idílica se traduzir numa conver-sação «pub», rodeado pelos mesmos objectos electrónicos.

Porque uma coisa é certa: não são só as necessidades psicoló-gicas que conseguem fazer esque-cer a intervenção tecnológica e as técnicas de organização domé-stica e familiar que engendram. O lar, o doce lar electrónico, pas-sou já ao nível de inovação so-cial, dada a catadupa de mudan-ças concretas que imprimiu no nosso quotidiano. Dessa inova-ção social falaremos no próximo apontamento.

No Vietname, os americanos usaram como arma de guerra a técnica de saturação das nuvens — denominada «Weathercord» — para inundar plantações e cobrir estradas. Por que razão se não utiliza essa mesma técnica para fins pacíficos, nomeadamente nos países africanos, vítimas das mais terríveis secas?

## Essas curiosas técnicas da guerra moderna

Os norte-americanos utilizaram a técnica da modificação do clima para melhor lutarem contra os norte-vietnamitas. As acusações, muito precisas, contra esta curiosa técnica militar, foram publicados na imprensa americana, mas o Pentágono, quartel general do Ministério da Defesa em Washington, nunca desmentiu nem confirmou o facto destas acusações terem sido feitas.

Parece quase estabelecido que as forças americanas procuraram muitas vezes modificar o tempo, não só no Vietnã do Norte e no Vietnã do Sul, mas também no Laos e no Camboja, entre 1967 e 1972. As inscrições feitas por alguns oficiais do Pentágono deixaram perceber que os aviões encarregados de modificarem o tempo, alteraram realmente o

clima pelo processo das nuvens especiais. Estas missões elevaram-se a mais de mil e todas elas tiveram resultados positivos.

Um senador americano propôs que as técnicas de modificação do clima como uma arma de guerra fossem interditas por meio de uma convenção internacional.

### Ataque ao centro da nuvem

Um técnico de meteorologia de Montreal, M. Bernard Power, confirma que foram os aviões americanos que provocaram a chuva no Vietnã. Como apoio para as suas afirmações, pediu 95 milhões de dólares ao governo americano a título de direitos de invenção.

M. Power é director da Corporação Americana do Génio Meteorológico e da Corporação Meteorológica do Canadá. Mas é igualmente o inventor de um método de sobrecarga das nuvens para provocar chuva. Segundo as suas palavras, este método é actualmente o único que permite sobrecarregar a nú-

vem na altura certa, com a quantidade de cristais de iodo necessária, para desencadear a chuva. Este método chama-se «weathercord». Um avião ligeiro aproxima-se, e mais perto possível da nuvem, e expõe na direcção do seu centro um bidão de um quilo e trezentos e sessenta gramas, cheio com cristais de iodo de prata, cuja abertura é comandada por um explosivo.

Esta é a única maneira de saturar correctamente uma nuvem a partir de um avião, para se obterem bons resultados, segundo M. Power. No decorrer das campanhas de saturação de nuvens no Irão, as quedas de chuva aumentaram numa proporção de oitenta por cento, numa superfi-

cie de mais de mil cento e trinta quilómetros quadrados.

### Combate à seca no Sara

O inventor canadiano declarou-se pronto a abandonar as suas reivindicações, se os Estados Unidos se decidirem pela utilização do processo «Weathercord» para provocar as quedas de chuva nos países africanos da região do Sara, actualmente, grandes vítimas de secas cruéis. A técnica terá aí tanto êxito como na Ásia, onde as chuvas artificiais tinham por fim, não somente comprometerem as colheitas e inundarem as plantações, mas também transformarem em verdadeiros pântanos, certas regiões

da floresta, nomeadamente as estradas que permitiam aos «maquisards» circularem livremente entre o Vietnã, o Laos e o Camboja. A saturação efectuada, nomeadamente, por aviões da Marinha, permitiu, por exemplo, prolongar os períodos de chuva das monções, detestadas pelos asiáticos, devido à desolação que provoca com a sua violência. Segundo M. Power, pelo menos um milhão e noventa mil barris «Weathercord» de iodo de prata foram utilizados na guerra do Vietnã. Um bidão era facturado por cerca de cinquenta dólares ao seu utente e é por isso que o inventor reclamou uma tal soma ao governo americano.

## Jornais de província (II)

Luis Miranda Rocha

Que grande parte dos jornais regionais não tem uma noção muito rigorosa dos seus alcances e limitações, nem a distância que vai entre aquilo que são e o que, exigivelmente, deveriam ser, poderá ver-se nos próprios jornais e na abundância de erros e disparates que os caracterizam — das concepções mais amplas até aos mais pequenos pormenores — e que decorrem duma estratégia muitíssimo limitada ou da ausência de qualquer estratégia.

Dir-se-á que a situação nos jornais de Lisboa e Porto também não é muito diversa. Não será muito, mas é alguma coisa. É a diferença entre um amadorismo total, ou quase razoavelmente destituído de conhecimentos técnicos, — embora, por vezes, muito assistido e informado de grande instrução noutros domínios — e um mínimo de profissionalismo, competência técnica e ofício, se bem que nem sempre ajudado por uma superior formação, designadamente cultural. E nem valerá a pena repetir que há sempre excepções, num meio e noutro.

Não cabendo aqui um mínimo de análise de qualquer exemplo do que se fez nos jornais em questão, podemos talvez reparar noutros aspectos da situação, certamente não menos elucidativo do valor das questões que aqui se levantam.

Um desses aspectos podem ser as reclamações mais frequentes da Imprensa regional e daqueles que a fazem.

Os apoios financeiros já não estão em causa. São o porte pago e o chamado subsídio de

papel. Os governantes não os questionam, embora estejam a lembrar o valor total deles com demasiada frequência, quando deveriam talvez preocupar-se mais com os critérios (que são discutíveis — mas não cabe aqui falar disso). Mas nada garante que, de hoje para amanhã, tais subsídios não venham a falhar. Então será o fim da maior parte dos jornais. A hipótese, só admiti-la, e às suas sequências, põe em evidência a situação de dependência em que toda a Imprensa regional se encontra em relação ao Estado, isto é, a administração política do Estado. Esta dependência é muito maior no caso da Imprensa regional, que quase não tem público para além dos assinantes, e conta com os CTT (a quem o Estado paga) para a distribuição. As despesas disso, pouco jornais as poderiam suportar, e terem, de suportá-las os assinantes seria impensável.

Os jornais regionais não se queixam muito, nem terão razões para se queixarem. Cometem, porém, por vezes talvez, o erro de questionar os critérios, — na convicção (algo presunçosa) de que estão a ser lesados pela concorrência. Há quem, falando disso, se refira a uma quantidade inúmera de jornais e revistas de variado teor, — desde o científico até à pornografia, ou quase, — e se, nuns casos, sugere pura e simplesmente a exclusão, noutros casos sugeriria que fossem outros departamentos do Estado a tratar do assunto, já que não se trata propriamente de órgãos de comunicação social.

E há quem aponte para o que chama de «boletins paroquiais», que se fazem passar por «jornais regionais»: tais papéis impressos não corresponderão a uma mínima exigência conceptual do que seja jornalismo. E, no entanto, recebem subsídio como quaisquer outros.

Na verdade, há muitos jornais assim, destituídos de credibilidade para um mínimo de exigência. Mas será tudo menos fácil — possível, sequer — estabelecer e aplicar critérios que os marginalizem ou excluam.

Aqui a imprensa regional mais consciente e mais evoluída não pode esperar que o Estado intervenha, porque a sua administração política não está preparada para isso, nem interessada sequer. É essa Imprensa que deve fazer alguma coisa para se demarcar duma concorrência incómoda e falsificadora, assumindo uma atitude selectiva mas rigorosa e exigente de qualidade.

Há uns dois anos foi criada uma associação da Imprensa Não-Diária. Aqui está um exemplo de como a Imprensa regional está equivocada a respeito dela própria, das suas condições e, da sua especificidade. Na AIN-D fazem parte inúmeros jornais regionais, mas também, e desde logo, os semanários de grande expansão a nível nacional. São todos jornais, e associativismo é sempre saudável. Mas são também demasiado óbvias as diferenças — de situação, de problemas, de perspectivas, estruturais, enfim, — entre os grandes semanários de Lisboa, e os pequenos jornais de província, para não se ver que o maior e talvez único benefício

que estes últimos poderão tirar de tal associação dependerá da força dos primeiros em tratando-se de direitos e reivindicações. A força dos pequenos jornais de província é pouca coisa. Terá a ver com o elevado número deles, ou pouco mais. Há alguma coisa de excessivo na classificação de «imprensa não-diária» para quase todos os jornais que se fazem na província. Designação mais apropriada será naturalmente regional — ou local. Se bem que tal designação se aproprie melhor ainda à maior parte, ou mesmo à totalidade, dos jornais de Lisboa e Porto, principalmente aos do Porto; os de Lisboa, são, de preferência, jornais de vocação nacional (por decorrência de centralismo político-administrativo, e pela incapacidade, dos próprios jornais, para se implantarem a nível nacional — e por vezes nem a nível regional conseguem implantação).

É demasiado óbvio que os pequenos jornais provinciais devem organizar-se e formar associações. Já há algumas, mas no máximo, a nível de distritos. É um caminho, mas é possível ir mais longe. Mais do que possível, necessário. Não muito fácil, todavia. As dificuldades têm a ver com o quase total amadorismo que caracteriza a vida da maior parte desses jornais. Num regime assim, é problemático que o que se fizer passe dos domínios do simbólico, do folclórico, do divertido, do recreativo.

Mas a imprensa provincial precisa de pensar-se em termos de maiores exigências, mais do que de inflectir-se nas suas actuais e grandes limitações e necessidades. Precisa dum estatuto, por exemplo.

Como consegui-lo? Não é, certamente, através da integração na AIN-D. Mas pode (ou deve mesmo) ser por via associativa, com representatividade quantitativa que lhe dê poder para além dum significado não mais do que simbólico ou moral.

O estatuto — um estatuto — é necessário, antes de mais, enfim, para que, por uma vez e para prevalecer sem dúvidas ou complexos de inferioridade além dos que decorrem das suas limitações estruturais, se defina a actividade jornalística que aí se desenvolve.

Há cerca de três centenas e meia de jornais provinciais, e raros serão aqueles em que tal actividade se encontra significativamente desenvolvida. Mas o desenvolvimento de tal actividade, tem de ser preocupação objectiva de todos os jornais, mesmo naqueles que se fazem num regime de total amadorismo. É uma questão de credibilidade.

E toca aqueles que fazem esses jornais. É incompreensível, por exemplo, que se façam jornais pelos quais não haja, como responsável, um jornalista. A Lei de Imprensa tem de ser revista. É uma situação absurda que não tenham estatuto de jornalista ou código deontológico que possam invocar, pessoas que têm de conhecer e respeitar a Lei de Imprensa e poderão ter de responder em tribunal por infracções dela que tenham cometido. São incalculáveis as situações de formal transgressão, que, ao abrigo do código ou do estatuto mudam de figura.

Dir-se-á que em muitos casos predomina a irresponsabi-

lidade — com que o amadorismo (nem sempre bem intencionado) se confunde. Mas só uma definição das actividades jornalísticas no âmbito dessa imprensa permitiria ajuizar seguramente sobre isso. Uma associação, quando a houver, terá de impor regras de comportamento aos seus associados, terá de exigir-lhes condições mínimas de seriedade e credibilidade.

Certamente, nem todos, apenas muito poucos jornais provinciais, estão hoje em condições de profissionalizar aqueles que os fazem. Mas é talvez por esses que se deve começar. E uma das reclamações a fazer é que todos os licenciados ou diplomados em Jornalismo pelas escolas onde já há tais cursos a nível superior ou médio tenham de fazer estágio ou uma primeira parte do estágio, nesses jornais. Já nem seria sem precedentes: em tempos, guineenses e caboverdianos, futuros jornalistas nos jornais «Nô Pintcha» e «Voz do Povo» estiveram a estagiar alguns meses no «Jornal do Fundão», — e eis, este jornal «de província», um exemplo talvez único de profissionalismo em que a generalidade dos restantes deveria reparar.

Aqueles que fazem os jornais provinciais têm de reflectir sobre tudo isto e fazê-lo será preferível a certas reivindicações menos sensatas e das quais é exemplo a da carteira profissional. Seria incompreensível a concessão de carteiras profissionais a pessoas que serão tudo excepto isso, ou são isso mas nas horas vagas de outras profissões, — por mais respeito que a carolice nos mereça.

## Encontro de jovens PRD—Unita

## Direcção do PRD desconhecia e lamenta

O ex-Presidente da República, general Ramalho Eanes está em «total discordância» com o encontro entre uma delegação de jovens do PRD e elementos da Unita — disse à Anop o seu assessor, Silas de Oliveira, comentando a notícia ontem publicada pelo «Diário de Lisboa» sobre essa reunião.

Ramalho Eanes assegurou que quando assumir a presidência do PRD a questão das relações com os movimentos que combatem governos dos países africanos de língua oficial portuguesa será «completamente clarificada», acrescentando:

«Mantenho acerca dos movimentos, nomeadamente da Unita, que se opõem a países africanos com os quais Portugal mantém relações, a mesma posição de sempre», a qual, como se sabe, sempre foi e é, a de considerar que «a sua presença e actuação não deverá ser legalmente admitida em Portugal».

«Ao assumir a responsabilidade de direcção do PRD» — acrescenta a declaração de Ramalho Eanes — «esta é uma questão que será completamente clarificada no seu interior, de modo a não haver nesta matéria senão uma atitude inequivocamente coerente».

## Dois comunicados

Entretanto o PRD tomou ontem posição sobre a notícia do «Diário de Lisboa», emitindo dois comunicados. No primeiro, o presidente do partido, eng. Hermínio Martinho e a Comissão Directiva Nacional afirmam terem ficado «absolutamente surpreendidos com a notícia», sublinhando que «a ter havido qualquer encontro» ele se terá efectuado «à margem da direcção política do PRD». Assim lê-se no comunicado, «o presidente e a Comissão Directiva do PRD rejeitam integralmente concordância com o significado político do mesmo, considerando rigorosamente abusiva a invocação da qualidade de representação do PRD nesse hipotético encontro, seja por quem for».

No segundo comunicado, o PRD, já depois de ter efectua-

do diligências para saber exactamente o que se havia passado, e num esforço de informação sincero que apraz registar, declara:

«Dois jovens alegadamente da UNITA, solicitaram a elementos da Juventude do PRD um encontro informal para a entrega de um 'dossier'. Este encontro realizou-se efectivamente na quarta-feira, 8 de Outubro. Aqueles elementos da Juventude do PRD, não tendo atribuído a tal encontro qualquer significado político, não deram dele conhecimento ao presidente e à Comissão Directiva do partido que, assim, o ignoravam completamente».

No final do comunicado os responsáveis pelo PRD adiantam: «Como é sabido, o PRD entende que Portugal deve desenvolver cada vez mais as suas relações com os países africanos de expressão oficial portuguesa, através dos respectivos governos, com todas as consequências daí decorrentes, e continuará a pautar por estes princípios a sua acção política neste domínio».

## Como uma «bomba»

A notícia ontem publicada pelo «DL» caiu como uma «bomba» na Travessa do Fala-Só. Através de vários contactos que ontem efectuámos com dirigentes do PRD para desenvolvimento da notícia publicada, verificámos que na verdade o presidente do partido, eng.º Hermínio Martinho e a Comissão Directiva Nacional foram apanhados de surpresa. E isto aconteceu «apenas» porque Ana Gonçalves, que efectivamente tinha conhecimento do pedido de audiência de jovens que se disseram da UNITA, nada comunicou à direcção do partido, uma vez que não lhe atribuiu significado ou importância. Em vésperas de início de mais uma sessão legislativa no Parlamento e com a Convenção do PRD à porta, aquela dirigente da Juventude do partido, «assobrada com trabalho» e, uma vez que se tratava de entregar um dossier, não se apercebeu do modo como o encontro podia vir a ser interpretado — disseram ao «DL» fontes do PRD.

«A coisa estava morta, a ní-



Eanes tomou posição contra a realização de encontros deste tipo



Ana Gonçalves não se apercebeu da gravidade do encontro

vel da direcção a questão não fora nem seria ventilada, mas ninguém duvida que tal encontro não se deveria ter realizado. De qualquer modo este lamentável incidente serviu para, de uma forma inequívoca, se ficar a saber qual a posição do partido face a movi-

mentos que combatem governos dos países africanos de língua oficial portuguesa — afirmaram ainda as mesmas fontes, que nos remeteram para o segundo comunicado do PRD emitido ao fim da noite.

## INTERARTE/USL 86

artes  
plásticas  
artesanato  
teatro  
dança · música  
marionetas  
cinema  
video  
ENTRADA LIVRE

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS ARTES (AO CHIADO) LISBOA 16 a 27 DE OUTUBRO DE 1986  
todos os dias das 17 h às 22.30 h. sáb. e dom. das 15 h às 22.30 h

ESBAL



Rádio Comercial

897e

DIÁRIO POPULAR

## COLABORAÇÕES

Associação Portuguesa de Escritores (APE); Instituto Português de Fotografia (IPF); Sociedade de Língua Portuguesa (SLP); Sociedade Portuguesa de Autores (SPA); Associação Portuguesa de Arte Fotográfica (APAF); Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA); Delegação Regional de Lisboa do FAOU; Divisão de Audiovisuais da DGAC; Departamento de Documentação e Pesquisa e Serviço ACARTE do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian; Instituto de Tecnologia Educativa; Serviço de Montras e Exposições da Direcção Geral de Divulgação; Associação de Amizade Portugal - RDA; Edições Assírio e Alvim; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Edições Rolim; Edições Almontamento; Editorial Caminho; Instituto Português do Livro; Campiães; Filmarie; Fundação de Oeiras; Regis - Manufacturas de Plásticos, Lda.; O Diário

## A REDE DA ÁGUA PASSA POR SUA CASA...

Aproveite as novas facilidades  
de leitura e cobrança da EPAL



No seu interesse utilize a sua conta bancária para liquidar os seus débitos à EPAL. Para beneficiar deste serviço, basta contactar o seu Banco.

Passará a receber da EPAL uma factura-aviso. Este aviso, com a informação exacta do montante a pagar, funcionará como recibo a partir da cobrança bancária. Para que não se perturbe o ciclo do fornecimento da água ao domicílio, procure aproveitar as novas modalidades de leitura e cobrança que a EPAL criou para si. Para mais informações, contacte os serviços da EPAL.

Construir hoje a qualidade de vida do amanhã



EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS LIVRES

# Mandato do Presidente passa para quatro anos

O mandato do Presidente da Assembleia da República irá passar a ter a duração de uma legislatura (quatro anos) por consenso verificado entre os partidos com assento parlamentar. Tal decisão respeita também ao prolongamento dos mandatos dos restantes membros da Mesa do plenário de deputados e dos presidentes das diversas comissões especializadas.

De realçar que a eleição para a Mesa da Assembleia da República decorrerá no próximo dia 21 existindo até agora uma única candidatura para a presidência — precisamente o Presidente em exercício, Fernando Amaral, deputado do PSD, que conta à partida com o apoio expresso do seu partido e do PRD.

Fernando Amaral que ontem mesmo deu conta aos jornalistas das decisões da primeira conferência de líderes desta sessão legislativa realizada durante a tarde. Assim, de entre os temas abordados destaque para a análise da Lei das Finanças Locais cuja votação final global está agendada para o próximo dia 23. Foi também debatido um convite do Governador de Macau para que uma delegação do Parlamento português visite aquele território e foi dada resposta positiva à solicitação do vice-Presidente do Parlamento Europeu, Lucas Pires, para que se realize na Assembleia da República a reunião do Parlamento Europeu com os parlamentos da América Latina.

Interrogado sobre qual tinha sido a resposta da Assembleia à carta do Ministro-Auxiliante, Fernando Nogueira,

que sugeria que se transformassem as idas dos ministros às comissões especializadas em sessões plenárias de perguntas ou interações ao Governo, Fernando Amaral disse: «A Assembleia considerou que a sugestão do Ministro-adjunto, embora aceitável, não poderia suprir a necessidade que as comissões têm da presença dos ministros na forma regimental».

O Presidente do Parlamento chamou ainda a atenção para o facto de terem sido ontem entregues pelo Governo os documentos sobre as Grandes Opções do Plano e o Orçamento de Estado para o próximo ano, bem como dos elementos que os deputados haviam solicitado sobre a formação do preço dos combustíveis.

## Reunidas 13 Comissões

Entretanto, durante o dia de ontem reuniram-se 13 comissões parlamentares especializadas, a comissão eventual criada para o acompanhamento da situação de Timor-Leste e a sub-comissão de inquérito aos actos do Ministério da Agricultura na zona de intervenção da Reforma Agrária.

Realce para a decisão da Comissão de Administração Interna e Poder Local que fixou o calendário para o processo de criação das regiões administrativas, tendo estabelecido como data limite para a apresentação de projectos de lei o dia 15 de Janeiro. Inicia-se então o debate público de todos os projectos, sendo 15 de Março de 1987 a data marcada para o termo da sua discussão na Assembleia da República.

Quanto à comissão de Agricultura, foi decidido propor uma reunião com o secretário de Estado da Alimentação para analisar problemas relacionados com o escoamento do tomate e com o armazenamento de cereais; enquanto que a comissão criada para o acompanhamento da situação de Timor-Leste aprovou um plano de encontros com o Ministro dos Negócios Estrangeiros e com dirigentes da UDT e da Fretilin, bem como contactos com o Presidente da República, Primeiro Ministro, embaixadores dos cinco países africanos de expressão portuguesa, núncios apostólicos e embaixadores do Brasil e da Holanda. Por seu lado, a Comissão de Defesa elaborou um plano de visitas às bases militares estrangeiras em território português; a de Educação exigiu do Governo a resolução do problema dos professores de português no estrangeiro e a Comissão da Condição Feminina mudou de nome. Passará a designar-se comissão parlamentar para a

Igualdade de Direitos e Oportunidades.

## CDS e municipalismo

O CDS decidiu apresentar um projecto de lei sobre regionalização. Disto deu conta a respectiva Comissão Permanente num comunicado no qual afirma que, para tal projecto, os centristas partirão de «uma realidade fundamental que é o municipalismo e o poder local».

No mesmo documento, a direcção centrista afirma ter confirmado a orientação já dada ao grupo parlamentar no sentido de propor alterações ao estatuto político-administrativo dos Açores «com vista a clarificar o alcance das disposições que têm suscitado divergências de interpretação entre os diversos órgãos».

## Completada direcção parlamentar do PS

Raul Junqueiro e Jorge Sampaio, por um lado, e Jorge Lacão e Manuel Alegre, por outro, foram os deputados mais e menos votados, respectivamente, na eleição dos sete vice-presidentes do grupo parlamentar do PS.

Esta eleição, que decorreu ontem à tarde na Assembleia, completou o elenco da nova bancada dos socialistas, após o sufrágio da semana passada para a respectiva presidência do qual saiu vencedor o deputado Ferraz de Abreu.

Os novos vice-presidentes socialistas são: Raul Junqueiro, Jorge Sampaio, Lopes Cardoso, José Lello, Manuel Alegre, Jorge Lacão e Eduardo Pereira.

# Soares defende regionalização

O Presidente da República foi ontem a Évora defender a regionalização. «É uma questão que não pertence apenas ao Governo ou às Oposições, mas que pertence a todos os portugueses», disse ao falar na Universidade local durante a sessão de encerramento das Jornadas de Desenvolvimento Regional, iniciativa das comissões organizadoras do Dia de Portugal.

Para Mário Soares, é preciso sensibilizar a opinião pública para esta questão, por forma a suscitar «um verdadeiro debate nacional sobre os problemas da regionalização».

«É para aí que devemos caminhar, mas um consenso mínimo entre os partidos é desejável que se possa estabelecer», sublinhou, destacando que se trata de um «problema muito sério que, como tal, tem de ser assumido por todos os portugueses».

Considerou ainda ser uma «exigência» a criação de «um plano equilibrado de regionalização do país, que consolide a unidade nacional, traduza as diferenças regionais e estimule o desenvolvimento», plano que, se for bem aplicado, poderá «representar uma verdadeira reforma estrutural de consequências benéficas para o futuro».

Durante a sua deslocação, Soares falou também em Vendas Novas, onde recebeu cumprimentos das autoridades locais, e visitou a zona de S. Bento de Castre, em Évora.

## NATO não está na agenda da cimeira luso-espanhola

O tema NATO não entrará na agenda das conversações a realizar este mês entre Cavaco Silva e Felipe Gonzalez. O desmentido vem de Madrid, na sequência de notícias publicadas na imprensa portuguesa.

Não é uma questão bilateral, nem entra na agenda dos assuntos internacionais que possam ser discutidos entre os dois governantes», disseram fontes diplomáticas na capital espanhola, acrescentando que Portugal, como país aliado, é informado pelas vias normais sobre esta questão.

Um outro tema parece, entretanto, ir figurar na Cimeira de Guimarães. Trata-se da abertura, ou reabertura, de algumas fronteiras entre os dois países, reivindicada pela região centro.

Em questão estão os postos fronteiriços de Barca d'Alva, Penamacor, Monfortinho, Sabugal e Segura. Populações interessadas no funcionamento destes postos alegam o interesse dos mesmos para o incremento do comércio local.

Embora este assunto possa ser abordado pelos dois chefes de Governo, ele não parece destinado a ter grande futuro, já que a Espanha levanta problemas relacionados com a sua segurança. As autoridades espanholas, que enfrentam um dos mais graves problemas de terrorismo da Europa, alegam que a multiplicação de postos fronteiriços dificultará o controlo de elementos suspeitos.

## Comissão Nacional do PS reúne pela segunda vez

A Comissão Nacional do Partido Socialista vai reunir, pela segunda vez desde que foi eleita, no próximo dia 1 de Novembro. Objectivo: analisar a situação política e tratar de questões organizativas internas.

A Comissão Nacional, principal órgão do PS entre Congressos, reuniu-se pela primeira vez logo após o Congresso do partido que elegeu Vítor Constâncio para o cargo de secretário-geral.

Hoje, entretanto, está reunido — o que acontece pela primeira vez — o gabinete de estudos do PS na área de Comunicação Social.

## Responsáveis açorianos

## reúnem com Governo Central

Membros dos Governos da República e regional dos Açores vão reunir amanhã em Lisboa para harmonizarem legislação nacional com os princípios e poderes dos órgãos de governo daquele arquipélago.

A delegação açoriana é constituída pelos secretários regionais das Finanças, Álvaro Damaso, do Comércio e Indústria, Costa Santos, e da Agricultura e Pescas, Adolfo Lima. Do Governo Central comparecerão os titulares das pastas do Comércio Externo, do Comércio Interno, e das Finanças.

A harmonização de preços, abastecimentos e questões alfandegárias serão alguns dos assuntos abordados.

## Históricos eanistas na directiva do PRD

José Rabaça, um dos elementos do grupo de personalidades próximas de Ramalho Eanes e que com ele mantiveram permanentes contactos no longo período de reflexão que precedeu a formação do PRD, será muito provavelmente um dos elementos da nova Comissão Directiva a eleger pela Convenção Nacional no próximo domingo. O facto desmente notícias postas a circular nos últimos tempos segundo as quais este grupo estaria mais ou menos desligado de Eanes e do PRD.

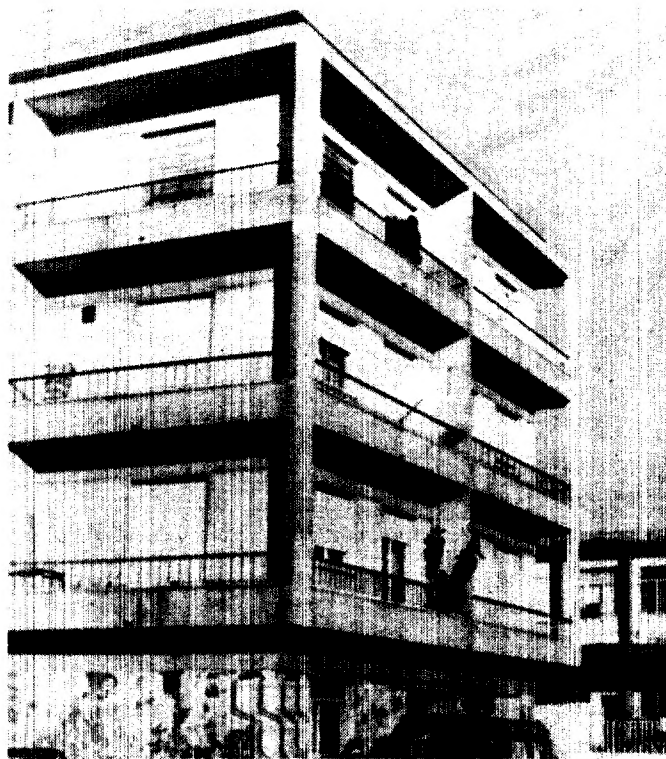
Aliás o ex-Presidente da República e futuro líder do PRD almoçou hoje num hotel de Lisboa com José Rabaça, Miguel Caetano e João Botequilha uma espécie de ritual de amigos que tem ocorrido com certa frequência de há uns dois anos para cá.

A presença de José Rabaça na Comissão Directiva Nacional do PRD, que deverá sofrer importantes modificações relativamente à sua composição actual, pode ser interpretada como a presença desse grupo de personalidades no PRD e o seu contributo para o órgão executivo.

Entretanto, a actual Comissão Directiva reuniu ontem pela última vez e ouviu uma exposição do presidente da comissão organizadora da

Convenção sobre a última reunião dos respectivos trabalhos

Num comunicado final a Comissão Directiva do PRD manifestou o seu agrado pela forma como têm decorrido todos esses trabalhos e exprimiu o seu reconhecimento e apreço «a todos os militantes, apoiantes e simpatizantes que por todo o nosso País tornaram possível o nascimento e implantação deste projecto novo de esperança, que com a assumpção pelo general Ramalho Eanes da posição de liderança que naturalmente é a sua, constituirá um marco fundamental e um passo decisivo da vida do partido e da concretização dos seus objectivos».



Neste banalíssimo edifício da Rua João de Deus, na Venda Nova, ocorreram longas reuniões em que foram preparados os textos que serão apresentados na Convenção do PRD. Reuniões em que participaram os dirigentes nacionais do PRD e o seu futuro presidente, o general Ramalho Eanes.

# Convenção da Esquerda Democrática quer ser "espaço de diálogo e convívio"

«A Convenção da Esquerda Democrática (CED) será um espaço de diálogo e convívio centrado na reflexão em torno dos grandes temas que a profunda transformação das sociedades modernas coloca ao ideário da esquerda democrática e dos desafios políticos específicos da sociedade e do sistema partidário português», afirma-se no Regulamento da CED, agora divulgado.

No capítulo «Objectivos», ainda que, «convocada, a Regulação especifica, apelo do Partido Socialista,

por um vasto grupo de personalidades da esquerda democrática, a CED será um fórum de participação exclusivamente individual, aberto a todos aqueles que rejeitem uma concepção conservadora da sociedade e um modelo dogmático e autoritário, de esquerda ou de direita, para o funcionamento do sistema político».

A CED vai decorrer em duas fases distintas. Numa primeira, nos dias 8 e 9 de Novembro, realizar-se-ão as jornadas preparatórias que terão carácter regional ou sectorial.

As regionais, diz o Regulamento, «são iniciativas que a nível distrital se organizem, fruto de uma dinamização própria, como mobili-

zação, preparação e contribuição para o debate que se realizará em plenário nacional». «As sectoriais», estabelece por sua vez o Regulamento, «também providas da iniciativa regional, serão promovidas por sectores sócio-profissionais ou agentes sociais interessados e serão igualmente consideradas como um contributo para a mobilização e preparação do debate em plenário nacional».

Uma comissão síntese elaborará um relatório sobre estas jornadas para análise no plenário nacional.

Este, terá lugar nos dias 22 e 23 de Novembro, em Lisboa, e será desdobrado em painéis sectoriais centrados nos seguintes temas: «A Esquerda e a Democracia» (que mudanças nas últimas décadas? que realizações? que

futuro?); «A Esquerda Democrática na organização da Democracia Política e no exercício do Poder» (como informar? como participar? como inovar? como exercer o Poder?); «A Esquerda Democrática na transformação da sociedade» (Estado e Sociedade, o Governo democrático e desenvolvimento social, movimentos sociais, desafios da modernidade: problemas e valores); «A Esquerda Democrática e Portugal» (na Europa, no Mundo).

Funcionarão mesas por cada tema, às quais poderão ser apresentadas teses escritas (não excedendo 20 páginas) e teses ou intervenções orais.

A sede da Convenção da Esquerda Democrática funcionará nas instalações do PS do Largo do Rato.

# CEL-CAT

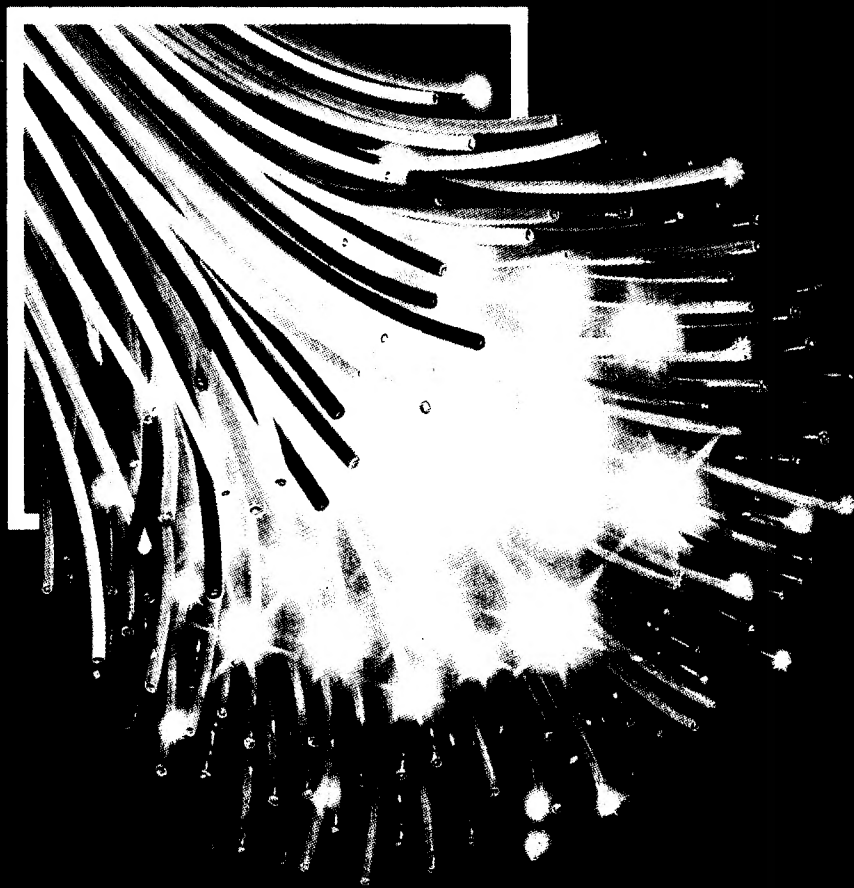
## TRANSMITIMOS ENERGIA AO FUTURO

Empresa líder de mercado, a CEL-CAT sempre tem estado presente em acontecimentos de relevada importância para o país, na área da Energia Eléctrica e das Telecomunicações. Situando-se na vanguarda da moderna tecnologia das Comunicações, a CEL-CAT

investe actualmente parte dos seus recursos humanos e financeiros em equipamento de fibra óptica, conduzindo mais luz ao futuro das Comunicações, consolidando o seu prestígio junto das empresas mais cotadas nas áreas da Energia e das Telecomunicações.

A CEL-CAT é a única empresa no mercado português que tem uma efectiva associação com um grande grupo internacional do ramo, apresentando-se com uma sólida estrutura financeira e um nome que inspira confiança.

A CEL-CAT transmite energia ao futuro.



FÁBRICA NACIONAL DE CONDUTORES ELÉCTRICOS, SARL

45 anos de experiência · Líder de mercado

## Manifesto da CED

«Instrumento de modernização da esquerda democrática portuguesa», é o que os promotores da Convenção da Esquerda Democrática pretendem que ela venha a ser. Esta intenção está expressa no manifesto da CED, divulgado pelo gabinete de Imprensa do Partido Socialista e que transcrevemos na íntegra:

«Em doze anos Portugal mudou. Fundou-se o regime democrático. Encerrou-se a era colonial. Consolidou-se o poder autárquico. Desenvolveu-se livremente o movimento sindical, cooperativo e associativo. Portugal integrou-se na Comunidade Económica Europeia. Mas há ainda um longo caminho a percorrer. A população aumentou, os recursos diminuíram. Há que corrigir desigualdades e assimetrias, acelerar o desenvolvimento sem destruir o quadro de vida, garantir o aprofundamento da justiça social, fortalecer a identificação cultural portuguesa na Europa e no Mundo, lutar por uma sociedade aberta.

«Ao longo destes doze anos, o Mundo mudou também. Os choques petrolíferos, a crise financeira à escala mundial, a tensão entre as superpotências, o medo nuclear e o consequente sucesso dos movimentos pacifistas, a revolução tecnológica e a explosão dos meios de Comunicação Social, tudo isto mudou a face do Mundo e influenciou a realidade portuguesa. Novos desafios polarizam o moderno debate ideológico, obrigando a destrinçar com clareza o que entre as propostas tradicionais da esquerda assenta em princípios e valores imutáveis e o que era apenas herança de uma conjuntura histórica hoje ultrapassada.

«O movimento de renovação da esquerda democrática portuguesa é já uma realidade. Mas importa aprofundá-lo num diálogo aberto e sem preconceitos entre todos aqueles que se identificam com os seus valores essenciais e os querem debater à luz das novas realidades culturais, económicas e sociais.

«Só aprofundando esse debate a esquerda democrática portuguesa criará condições para as vitórias políticas necessárias à construção de uma sociedade pluralista, fundada na tolerância, incentivadora da participação e da criatividade, valorizando a diferença e a iniciativa individual num quadro de solidariedade alargada. Para isso é necessário um Estado efectivamente descentralizado, composto por cidadãos informados com transparência e rigor, que se expressem e votem em liberdade, capazes de assumir como missão cívica a defesa da paz, a preservação do património e do meio ambiente, a protecção do consumidor, dando assim uma cada vez maior expressão aos direitos participativos num clima de diálogo, concertação e convivência.

«Apoiamos, por isso, a realização desta Convenção na certeza de que ela pode ser um importante instrumento de modernização da esquerda democrática portuguesa».

Números referentes a 16 de Outubro

# Ainda há cerca de 30 mil alunos sem aulas

**Trinta mil alunos dos ensinos preparatório e secundário estão ainda sem aulas anível nacional, dos quais, cerca de 20 mil se situam na área da Grande Lisboa, apesar das pressões por parte da Inspeção-Geral de Ensino.**

Os números foram hoje divulgados em conferência de Imprensa pela Federação Nacional dos Professores cujo secretário-geral, António Teodoro, considerou que a «cor-de-rosa» com que oficial e publicamente se plasmou este ano a abertura das actividades lectivas, é em grande parte responsável pelo facto de a educação não ser considerada sector prioritário no Orçamento Geral do Estado para 87. Na óptica do MEC, de facto, a educação parecia ter os problemas resolvidos ou em vias de resolução pelo que terão sido considerados outros sectores mais carenciados de investimento.

Só no distrito de Setúbal são dez mil os alunos que ainda não têm aulas e, em Sesimbra, nenhuma escola do preparatório e secundário está a funcionar.

Os motivos fundamentais para o atraso das actividades lectivas são: construção não concluída de novas escolas; equipamento e material didáctico ainda não fornecido; obras em curso impedindo a abertura (reparação e conservação); falta de pessoal auxiliar e administrativo e falta de professores (a colocar na segunda fase).

Começando pela Zona Norte, no início desta semana estavam por colocar 2 315 professores. Cerca de 5 500 alunos não iniciaram ainda aulas pelas seguintes razões: a secundária Fontes Pereira de Melo está em fase de conclusão; a secundária de São Mamede não tem equipamento nem instalações desportivas; a C+S de Cinfães não tem equipamento; preparatória de Paredes está em construção; secundária de Ermesinde não tem equipamento; a secundária de Barcelinhos não tem comissão instaladora, enquanto a secundária de Melgaço tem duas comissões instaladoras.

Na Região Centro, correspondente ao sindicato filiado na

Fenprof, ficaram por colocar na segunda fase 2582 professores e não iniciaram ainda as aulas cerca de 7350 alunos. No que respeita às escolas já em funcionamento são inúmeras as que funcionam em péssimas condições, desde as que têm aulas com obras ainda a decorrer, como a C+S da Guia, às que têm falta de equipamento e material didáctico como a preparatória de Tortosendo e secundária de Alcains, falta de cantina, entre outras razões.

Na Grande Lisboa, zona integrada pelos distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal, estão por colocar 4490 professores, correspondentes às colocações da segunda fase que ainda não terminaram.

Para além dos 20 mil alunos do preparatório e secundário que ainda estão sem aulas (num número de escolas discriminadas na informação da Fenprof), várias escolas abriram mas funcionam só parcialmente ou com graves carências e sem condições de segurança mínimas, ou mesmo inexistentes.

Na Zona Sul estão para colocar em segunda fase 1256 professores, ou seja, 23,5 por cento do total e estão sem aulas entre 2 500 a 3 000 alunos.

Por sua vez, na secundária de Olhão, embora já estejam a decorrer as actividades lectivas, devido a não estarem concluídos os pavilhões necessários ao crescimento da escola, esta funciona num regime rotativo em que em cada hora uma turma fica sem aula.

Embora a abertura do ano lectivo tenha sido marcada por um esforço na construção de escolas novas como resultado dum reforço orçamental no que respeita a planeamento e funcionamento das actividades lectivas, este ano começou tão mal ou até pior do que outros anos, considera a Fenprof.

**Duas mil educadoras no desemprego**

A Federação salientou ainda sintomas preocupantes na colocação de pessoal docente, na medida em que, por exemplo, estão ainda por colocar 2000 educadoras de infância, tendo algumas aceite ser colocadas em estabelecimento do ensino

como contínuas. A Fenprof vai apresentar propostas ao MEC para solucionar o problema.

Também no ensino primário há professores não colocados em muitos distritos.

Quanto ao poder de compra da classe docente poderá ser «catastrófico» em 87, por duas razões: por um lado, a percentagem de 10,5 por cento de aumento salarial que o Governo

propõe, por outro, a introdução de impostos sem que sejam conhecidos os mecanismos compensatórios. A Fenprof propõe-se lançar uma campanha no sentido de a introdução desses impostos só ser aceite com duas condições: lançamento do imposto único para todos os portugueses e introdução de mecanismos correctores que englobem os impostos profissional e

complementar.

Na conferência de Imprensa, os representantes sindicais manifestaram-se ainda sobre a lei de enquadramento das actividades científicas e tecnológicas, que hoje será debatida na AR. Em sua opinião, o instrumento legal deverá ser de início simples, para se poder rever e adaptar mais tarde sempre que necessário.

**CAF**  
**CAMPANHA**  
**DE VENDAS 86**

*Preços especiais em Outubro e Novembro*

## COLLEGE III

Memória com 256 KB  
Uma Diskette de 360 KB  
Disco de 20 MB  
Monitor e Teclado  
Saída RS 232 C para Impressora  
Saída paralela para Impressora  
MS-DOS 2.11  
Com tratamento de texto em Português

**410 CONTOS**

## MASTER\*

Memória com 1 MB  
Uma Diskette de 1,2 MB  
Disco de 30 MB  
Monitor e Teclado Enhanced  
Saída RS 232 C para Impressora  
Saída paralela para Impressora  
MS-DOS 3.2 + GW Basic  
Com tratamento de texto em Português

**680 CONTOS**



Nos Concessionários:

**COIMBRA** — MI - MICRO INFORMÁTICA, LDA.  
Telef. 28676

**COVILHÃ** — AUDION - Telef. 23924

**ÉVORA** — MICROTRÓNICA - Telef. 26069

**LEIRIA** — REGISMEX - Telef. 24432

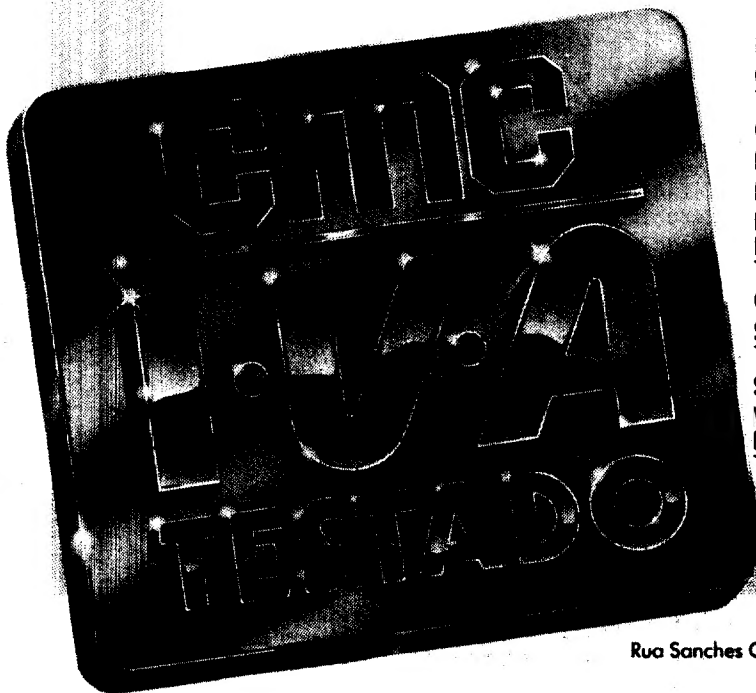
**PONTA DELGADA** — GIA - GABINETE DE ESTUDOS E INFORMÁTICA DOS AÇORES, LDA.  
Telef. 27307

**QUELUZ** — CONTA ALPHA - Telef. 958528

**S. JOÃO DO ESTORIL** — ESTORILMÁTICA  
Telef. 2671644

**SINES** — DIGITAL SUL, LDA. - Telef. 633391

**VILA DO CONDE** — HARDOFT-INFORMÁTICA E GESTÃO, LDA.  
Telef. 63 18 63



Rua Sanches Coelho, 2 1600 LISBOA Telef. 777012/770661

**CMC**  
PORTUGAL

\* Entregas do Modelo Master a partir de 15 de Novembro

## Conselho de Reitores analisa universidades

O Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) reúne-se no próximo dia 24 com o ministro da Educação para analisar os problemas das universidades particulares e da legislação educativa superior.

A audiência foi solicitada ao ministro da Educação pelo CRUP, tendo o pedido sido aceite com «muito agrado» por João de Deus Pinheiro que «reconhece que o conselho de reitores quer ter maior capacidade de resposta em relação a alguns problemas», de acordo com declarações duma fonte do MEC à Anop.

João de Deus Pinheiro terá ainda um encontro informal com os reitores universitários no próximo dia 20 e participa na próxima reunião do Conselho de Reitores no dia 10 de Novembro.

## Rua das Praças: sentido único

A Rua das Praças passa, a partir de hoje, a ter sentido único na direcção nascente-poente, informou o gabinete de Imprensa da Câmara Municipal de Lisboa. Esta medida, de acordo com a edilidade, visa descongestionar aquela artéria, onde se encontram situados diversos colégios, permitindo, deste modo, uma maior diminuição dos riscos de acidente.

**Turismo social é mais barato...**

# Bichas para passear no Inatel

Rui Eduardo Paes

Até ao ano passado as pessoas iam passar a noite ali na Calçada de Santana, a fim de marcarem lugar quando as portas dos serviços de turismo social do INATEL abrissem para fazerem as suas reservas em excursões dentro e fora do País.



Primeiro ficavam na igreja, um pouco mais acima, quando ela permanecia aberta durante a noite. Mas fecharam-na e os automóveis passaram a amontoar-se por ali com gente dormindo dentro. De manhã o espectáculo era sempre o mesmo: bichas até ao princípio da rua.

Já não acontece assim, pois procurou-se um novo método organizativo que impedisse a confusão de outras alturas. Começou hoje a distribuição de senhas que regulariza as inscrições na próxima semana a terem o seu início. De manhãzinha já havia uma fila de mais de cem pessoas à espera, apesar de se ter estabelecido que cem das senhas poderiam ser dadas durante toda a manhã e mais 150 à tarde. A explicação imediata é o medo de que elas se esgotem rapidamente: assim, às dez da manhã já se entregavam as senhas que haviam sido reservadas para a tarde.

## Excursões de mais baixo preço

Falámos com o director dos serviços de turismo social do Inatel, Carlos Cardoso, que nos fez o ponto da situação do último ano turístico, terminado com este Verão: 23 000 pessoas viajaram nas suas excursões. A razão é óbvia, já que o Inatel proporciona as deslocações mais ao alcance da população assalariada, comparando com os preços das agências de turismo. Um exemplo explícito é o custo de um fim-de-semana de quinta a domingo em Madrid: pouco mais de oito mil escudos.

Refere Carlos Cardoso ser a clientela quase sempre a mesma de anos anteriores, predominando talvez a terceira idade, reformados so-

bretado. Em termos de níveis sociais afirma não encontrar uma preferência pelas excursões de mais baixo preço, geralmente só pelo interior do País — todos os preços encontram interessados e todas as classes de trabalhadores por conta de outrem que são sócios do INATEL (um total de 600 000, diga-se de passagem) procuram viajar por esta via mais disponível. O ano passado esgotaram idas ao Brasil durante oito dias, custando 219 000\$00.

## Descobrir coisas novas

Álvaro Pinheiro, reformado, foi hoje buscar a sua senha. Faz com a sua mulher cerca de duas viagens por ano pelo Inatel. No Verão foram até Benidorm, Espanha: «Foi terrível, estava imenso calor. Tinha que andar no quarto nu, mas claro que a você não interessam estes pormenores».

«A minha mulher até gostaria de fazer vinte excursões por ano, se fosse possível, mas eu é que não estou para isso. Não suporto aqueles quilómetros todos até Madrid, já me sinto velho. Enfim, é sempre uma guerra lá em casa: eu quero ir o menos possível e ela o mais possível. «E continua Álvaro Pinheiro, um homem bem humorado ao contrário de muitos que nos «guichets» do Inatel já discutiam, porque queriam inscrever-se já, imediatamente: «O ano passado fomos até à Hungria, um país lindo. Só não gostei do rio Balaton. Aquilo eram águas paradas, estagnadas, tudo cheio de limos. Agora no fim do ano ainda temos de escolher onde é que iremos. Enfim, tenho que fazer a vontade à patroa, não é assim?»

Maria da Conceição Ramos é uma senhora idosa, caminha devagar, treme as mãos. Apesar das vezes que viaja em cada ano tem dificuldades ao preencher a sua ficha para se candidatar como excursionista. «Agora que tenho uma certa idade já não vou para fora. Dantes ia até Espanha, mas agora não me atrevo. Vou passar o fim do ano ao Algarve, a Albufeira. No dia de Natal vou passear por Sintra. Estive há pouco tempo em Vila da Feira, quinze dias».

«Vou sozinha. Distraio-me, é bonito conhecer estes lugares todos, gosto muito». — diz Maria da Conceição. «Este ano já fui também ao Buçaco e à Luz, sempre sozinha». Uma mulher solitária no fim da sua vida, mas que ainda procura descobrir coisas novas.

## Português queimado era ladrão de gado

Riso dos Santos, o português espancado e queimado com gasolina, próximo de Salamanca, terá sido conduzido para Portugal numa ambulância espanhola, com a convicção, ao que afirma a NP, das autoridades fronteiriças do país vizinho.

O nosso compatriota, de 24 anos, natural de Malhada Sorda, no concelho de Almeida, ainda em perigo de vida no Hospital de São José, é acusado pelos seus agressores de ter roubado gado em Fuentes de Oñoro.

## Detidos em Vilar Formoso com passaportes falsos

Nove indivíduos (de nacionalidade cabo-verdiana, angolana e moçambicana) foram detidos pela Guarda Fiscal quando tentavam entrar em Espanha pela fronteira de Vilar Formoso, munidos de passaportes falsos. Segundo as autoridades, os nove viajantes clandestinos, cuja prisão foi formalizada pelo juiz de Instrução Criminal da Guarda, terão sido «vítimas de uma rede de falsificação de passaportes portugueses mediante um pagamento de 40 contos», pretendendo, ao que afirmaram, dirigir-se para França.

## Rolls-Royce de 1957 vai a leilão esta noite

Um «Rolls-Royce» modelo «Silver Wraith» de 1957, comprado na altura por um português por mais de 5.000 contos, vai esta noite a leilão na Sociedade Nova Aliança. O automóvel, que desde então pertenceu sempre a uma família da zona de Cascais, vale no estrangeiro cerca de 35.000 contos, mas por cá o valor da sua venda não deverá ultrapassar os 20.000 contos, segundo nos disse esta manhã um dos responsáveis pela sociedade de leilões.

A mesma fonte adiantou que o automóvel hoje leiloado valerá dentro de dois anos o dobro daquela quantia e que pode já ser considerado como uma peça de museu. Não é assim de estranhar que um dos potenciais compradores deste raro brinquedo seja

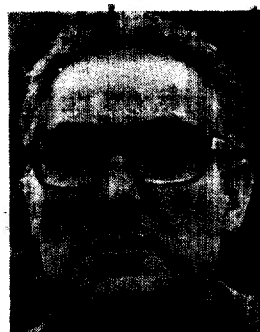


o museu do Caramulo, instituição que segundo a nossa fonte deverá esta noite passar da categoria de potencial comprador para a de pro-prietário do Rolls.

Este carro, que durante

anos permaneceu encerrado numa garagem, tem um carroçado especial e conta no seu interior com duas secretárias, um bar, e uma «pequeneira», entre outras curiosidades.

Mário Castrim



## Postal para António Paulouro

*O que mais amo em ti é o teu abraço.*

*A gente sabe nele que tudo se passa num círculo sem armadilhas nem subterrâneos.*

*Fruto partilhado com as estrelas e a neve.*

## Postal para José Moraes

*Um dia Deus há-de chamar-te:*

*— José, tenho para aí uma constelação desarranjada.*

*Então subirás com um arame um cordel um demorado olhar.*

*E Deus ao pé sentado a admirar...*

## Postal para Carlos de Oliveira

*Um dia vou talvez habituar-me a não te ver.*

*Um dia.*

*Quando Lisboa deixar de me doer.*

*Postal para a Maria Faz-se às vezes tão breve o horizonte faz-se tão de conchas vazias tão de escombros.*

*É preciso subir ver mais adiante. E por isso, Maria, te levamos aos ombros.*

## Postal para mim próprio

*Passas. Passas dando de esporas numa lágrima. As ferraduras chispam. Chispam*

*sorriso guiso bárbaro granizo*

*Vá, lágrima: juízo!*

# Cheias podem voltar à Grande Lisboa

Nuno Ribeiro

Apesar de dentro de um mês e meio se iniciar o quarto programa de emergência, as inundações podem voltar à Grande Lisboa se chover para condições de cheia, revelou o secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais. Carlos Pimenta falava na sessão de abertura de um painel sobre «A Política de Água em Portugal», promovido pela Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos em que participaram representantes de forças políticas com assento na Assembleia da República.

«Continuamos a remendar», lamentou o secretário de Estado, depois de assegurar que «se este ano chover outra vez com condições de cheia, continuaremos a ter inundações». No entanto, em vésperas da entrada em vigor do quarto programa de emergência que, como os anteriores, pretende resolver apenas problemas pontuais, Carlos Pimenta mostra-se entusiasmado: «pela primeira vez no País demarcou-se a área adjacente de um curso de água na Ribeira da Laje, juntando-se o ordenamento do território à Hidráulica e Câmaras».

Os passos na correcção de males endémicos vão ter seguimento «Estamos a observar a evolução do projecto do Rio Ave, do Alviela e do projecto Alentejo-Algarve», este último a estar concluído até Julho de 1988, que conta com o trabalho de 15 equipas tendo sido pedidas, a nível oficial, cerca de 80 participações.

Do mesmo modo, o secretário de Estado anunciou que o projecto Tejo irá arranjar dentro em breve, tentando-se «fazer a síntese dos trabalhos que existem».

Para além destas actuações pontuais, «1987 vai ser um ano de discussão e de reflexão», durante o qual se procurarão definir as metodologias, e as grandes linhas da futura Lei das Águas. «Seria mal se não fosse uma lei votada por unanimidade na Assembleia da República», sustentou Carlos Pimenta, sublinhando ser «necessário criar pontos de consenso, pois o problema dos recursos hídricos é uma questão de regime».

## Do consenso técnico...

O consenso referido pelo secretário de Estado do Ambiente, e expresso no «decálogo» da Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos (APRH), existe em termos técnicos.

Os representantes dos Verdes, MDP/CDE, PRD, PCP, PS e PSD estão de acordo sobre o reconhecimento da água como um dos factores fundamentais de uma política de desenvolvimento económico-social, na adopção de uma estrutura regionalizada de gestão dos recursos hídricos, pela implementação de uma política integrada de protecção e promoção dos cursos de água.

Tal política deve promover o incentivo da participação das populações e dos utiliza-

dores da água no processo de formação das decisões, a criação de condições para a participação activa dos técnicos portugueses e a adopção de incentivos económicos na gestão dos recursos hídricos, que possibilite a modernização da legislação, o apoio à investigação, a formação de pessoal e, por fim, actualize o acordo com a Espanha relativo à gestão das bacias internacionais.

Os pontos referidos foram, no entanto, desenvolvidos, de forma diferente pelos diversos participantes. Jaime Leote, dos Verdes, assinalou que 70 por cento da água portuguesa tem origem em Espanha, país que instalou centrais nucleares em bacias comuns, e assinalou que a Lei das Águas, ainda em vigor, data de 1919... Nos números, Rui Godinho, do PCP, fez o balanço das carencias: só 60 em cada 100 portugueses beneficiam do abastecimento domiciliário de água, apenas 45 em 100 dos cidadãos deste país disfrutam de sistema de esgotos, e urge levar a água em boas condições a 3,5 milhões de pessoas que vivem em 8 mil pequenos e médios agregados populacionais.

Uma gestão que tenha por base a bacia hidrográfica, pela instalação de Administração de bacias, só possível pela descentralização de poderes, e a necessária coordenação destas estruturas com as futuras regiões administrativas foi outro dos pontos consensuais. Para Santos Gonçalves, do MDP, tal preocupação deveria levar a que «a água fosse considerada na definição das regiões administrativas», e evitar, na opinião do representante do PS, Trigo Abreu, «a tecno-burocracia da água, os tratamentos únicos, pela definição de zonas-problemas, e a funcionalização das administrações das bacias, pela participação das populações e de outras entidades». O dirigente socialista adiantou, ainda, que o seu partido vai avançar com uma proposta de uma nova Lei das Águas. Para Rui de Carvalho, do PSD, «a gestão dos recursos hídricos num plano de Desenvolvimento Económico-Social» tem que ter como postulado base que «o desenvolvimento de Portugal deve ser um desenvolvimento regional», corroborando, assim, a opinião da importância das administrações de bacias.

## ...às dúvidas sobre o desenvolvimento

Foi sobre este ponto que incidiram as reservas dos representantes do MDP, PCP e PS. Se, para Gomes Guerreiro, do PRD, «na nossa civilização de consumo há sempre poluição», sendo necessário tentar reduzi-la pelo civismo e tecnologia, o socialista Trigo Abreu defendeu a adopção de um modelo de desenvolvimento próprio.

«Não é indiferente ter uma política tecnicamente corre-

cta nas mãos de um qualquer governo que tem os seus objectivos próprios», salientou Santos Gonçalves, enquanto que Rui Godinho, numa intervenção extremamente crítica, referiu que uma política de desenvolvimento económico-social que «não vá no sentido de satisfazer as grandes necessidades colectivas» trará, como inevitável, uma contradição com os enunciados teóricos da política de águas.

A ausência de uma política industrial definida, um dos

temas da intervenção do engº Adolfo Gonçalves, trouxe à baila um caso concreto: o da aplicabilidade do princípio poluidor-pagador, que segundo o «DL» apurou tem estado no centro dos debates da comissão parlamentar de Equipamento Social e Meio Ambiente.

«Há uma empresa, instalada em 1984, que tem todo o material para a instalação de uma estação de tratamento que não está a ser utilizada por ser mais barato pagar as multas do que se abastecer

das matérias-primas necessárias para a despoluição», denunciou a engª Dália Lázaro. O exemplo seria caricato se não fosse real, e, enquanto o PCP defende a ajuda do governo às pequenas e médias empresas para a instalação dos dispositivos de combate à poluição, o social-democrata Rui de Carvalho referiu-se à hipótese de uma estrutura colectiva financiada pelo Estado, colocada nas mãos dos utilizadores que depois a irão amortizando.

## A QUINTA DO DOIS TEM MUITOS AUTOMÓVEIS!

Hoje no 2º canal às 21,30 h.

# GRANDE PRÉMIO Cola Cao em casa

Concorra, no programa QUINTA DO DOIS, ao GRANDE PRÉMIO COLA CAO EM CASA.

E ganhe um excelente automóvel, todas as semanas.

Envie um rótulo de COLA CAO ou a parte deste onde se encontra escrita a marca COLA CAO. No verso, escreva de forma clara o seu nome completo, morada e número de telefone. Envie pelo correio\*, dentro de um sobrescrito, para:

NUTREXPA - PROGRAMA QUINTA DO DOIS

Apartado 8202-1803 Lisboa Codex

Participe no GRANDE PRÉMIO COLA CAO EM CASA.

E assista ao programa QUINTA DO DOIS. Boa sorte!

\*São admitidos a concurso todos os sobrescritos recebidos até às 12 horas dos dias dos sorteios.

# Cola Cao

ajuda com força

Primeiro será a serra da Estrela

## Demolições na Ria Formosa em Janeiro

A demolição dos clandestínos da Ria Formosa, no Algarve, iniciar-se-ão em Janeiro, segundo revelou o vice-presidente nacional dos parques e reservas, em declarações à ANOP. Trata-se do prosseguimento da política do actual Governo em matéria de defesa do meio ambiente, reiterada, de resto, pelo ministro do Plano e da Administração do Território que ontem manifestou a disposição governamental de prosseguir a campanha de reposição da legalidade em áreas protegidas, encetada com as recentes demolições no Portinho da Arrábida.

O vice-presidente dos par-

ques e reservas, José Macário, recordaria à ANOP que a data inicialmente prevista para o início das demolições na Ria Formosa era o dia 15 de Outubro mas que foi alterada devido às acções desencadeadas na Arrábida e às que se seguirão, na Serra da Estrela.

«Não se pode fazer tudo numa semana, corrigindo erros com mais de dez anos», disse este responsável, que sublinharia o facto de a Ria Formosa constituir «um bem demasiado importante» para que o processo em curso não fosse irreversível.

A situação neste importante parque caracteriza-se actualmente pela existência de

1600 casas em situação ilegal. Muitas das casas pertencem a núcleos de pescadores, com incidência na ilha da Culatra, Farol, Armona e Faro. Nestes casos será aplicado um estatuto de «clémência», atendendo a razões históricas e sócio-económicas, segundo o vice-presidente dos parques e reservas.

Por seu lado, o ministro do Plano, em declarações prestadas à partida para uma reunião da OCDE, apontou a Costa da Caparica, a Ria Formosa e a Serra da Estrela como as áreas do país relativamente às quais o Governo se prepara para, na sequência da operação desencadeada na Arrábida, procurar erradicar

proximamente o problema da construção clandestina.

A reunião da OCDE em que Valente de Oliveira participa hoje e amanhã visa tratar o papel actual e as possibilidades de regeneração das grandes cidades modernas, afectadas por «limitações e doenças ligadas à sua estrutura económica».

Desse encontro resultarão, para os países interessados, recomendações sobre áreas do urbanismo como o desenvolvimento económico urbano e a melhoria dos serviços colectivos e do meio ambiente, tudo apontando para a questão fulcral da revitalização dos centros das cidades.

## Anop contesta tomada de posse da Comissão Instaladora da Lusa

Os órgãos representativos dos trabalhadores da Anop consideram «intempestiva e inoportuna» a posse, ontem verificada, da Comissão Instaladora da nova agência («Lusa») que o Governo pretende criar. «A posse da Comissão Instaladora constitui uma nova tentativa do secretário de Estado adjunto de colocar o Presidente da República e a Assembleia da República perante um facto consumado» — esta a opinião dos órgãos acima mencionados.

Os órgãos representativos dos trabalhadores reafirmam «que o projecto de estatutos da 'Lusa' que lhes foi fornecido não assegura a defesa dos interesses dos trabalhadores da Anop, nem garantem uma efectiva independência em relação ao Governo e ao poder económico, constituindo até um retrocesso em relação aos actuais estatutos da agência».

Aqueles órgãos defendem que «os estatutos de uma nova agência deverão ser aprovados pela Assembleia da República, única forma de garantir a sua permanência por um prazo dilatado e única forma de traduzir um consenso nacional».

A justificar que a posse da Comissão Instaladora da 'Lusa' é «intempestiva e inoportuna» um comunicado dos órgãos representativos refere que «a versão definitiva do projecto de estatutos da nova agência ainda não está concluída, o que só deverá acontecer, segundo o secretário de Estado adjunto, em fins deste mês».

O documento acrescenta que «o Conselho de Ministros ainda não definiu as condições de participação do Estado na nova agência, nomeadamente o prazo durante o qual a parte pública não se poderá exonerar».

«Ainda não foi aprovado pelo Conselho de Ministros, nem promulgado pelo Presidente da República, nem ratificado pela Assembleia da República, o decreto-lei que deverá, eventualmente, extinguir a Anop» — acentuam os mesmos órgãos representativos dos trabalhadores da Agência Noticiosa Portuguesa.

Marques Mendes — extinção da Anop em 1 de Janeiro

Entretanto, e como ontem noticiámos, a Comissão Instaladora da 'Lusa' foi ontem empossada, tendo afirmado Marques Mendes, secretário de Estado adjunto do ministro adjunto para os Assuntos Parlamentares, estar convicto que a nova agência já estará em funcionamento no dia 1 de Janeiro.

Ao dar posse à Comissão Instaladora, que o Governo decidiu criar, através da projectada extinção da Anop-EP e da alteração estatutária da NP, Marques Mendes defendeu que «o Estado não se pode dar ao luxo de subsidiar duas agências».

Aquele membro do Governo afirmaria ainda que a 'Lusa' deverá «corresponder aos interesses do Estado, dos utentes e dos trabalhadores».

Marques Mendes disse também que o Estado tem sido «o mediador e estimulador» dos esforços realizados pelas Direcções das duas agências no sentido da criação da 'Lusa'.

A Comissão Instaladora da 'Lusa' funcionará no prazo máximo de 60 dias, «cabendo-lhe exclusivamente executar as deliberações e o plano de actividades, aprovados conjuntamente pelos membros da cooperativa de interesse público a criar» — estabelece o documento assinado na cerimónia de posse por parte do Estado e da NP.

A formulação final do projecto de estatutos da 'Lusa' deverá estar pronta até ao fim deste mês, segundo Marques Mendes disse já aos representantes dos trabalhadores da Anop. Também aos trabalhadores da Anop o secretário de Estado revelou que o Governo aprovará brevemente um decreto-lei destinado a extinguir a Agência Noticiosa Portuguesa em 1 de Janeiro.

A Comissão Instaladora é presidida por Alfredo César Torres e constituída ainda pelos directores financeiros da Anop e NP, respectivamente Pedro Alenquer e Maria Teresa Nunes.

## Eclipse da Lua

### é visível amanhã em Portugal

A Lua irá nascer amanhã parcialmente «em sombra» no Continente e na Madeira e totalmente eclipsada nos Açores. De acordo com o Observatório Astronómico de Lisboa, o fenómeno será visível no Continente entre as 17 e 34 e as 17 e 50. Nos Açores, embora se verifique um eclipse total, o instante do nascimento da Lua irá verificar-se entre as 18 e 57 e as 19 e 9, enquanto na Madeira o seu nascimento ocorrerá pelas 18 e 27.

Segundo a mesma fonte, o começo da fase de sombra do eclipse total da Lua irá ser visível na Nova Zelândia, Austrália, na parte Oriental da do Oceano Pacífico, na ponte Oriental da Antártida, na Ásia, na Europa (excepto na extremidade Ocidental da Antártida, na Ásia, na Europa (excepto na extremidade

Ocidental) e na África (com excepção da extremidade Oriental). Quanto ao fim do eclipse será visível na extremidade Ocidental da Austrália, na parte Oriental da Antártida, no Oceano Índico, na Ásia (excepto na extremidade da parte Oriental), na Europa, em África, na Gronelândia, na extremidade Nordeste da América do Norte, na parte Oriental da América do Sul e no oceano Atlântico.

Para os leitores mais interessados no fenómeno, o Instituto Astronómico de Lisboa forneceu os seguintes dados: a Lua entrará na penumbra às 16 e 20, na sombra às 17 e 29, o eclipse total começará às 18 e 41, o meio do eclipse ocorrerá às 19 e 18, o eclipse terminará às 19 e 55, a Lua sairá da sombra às 21 e 7 e da penumbra às 22 e 16.

## VAMOS VIVER O PAÍS TERRA A TERRA

50%  
de redução

Esta, na hora de se meter no comboio e conhecer Portugal de verdade.

O País terra a terra. Agora, os destinos certos são Vila Real e Leiria.

Porque, entre 4 e 19 de Outubro, a CP oferece-lhe 50% de redução no seu bilhete inteiro de ida e volta.

Basta que as suas viagens tenham início em Período Verde e não sejam interrompidas.

É tempo de viver Portugal.

Vale a pena ir de comboio.

VISITE VILA REAL E LEIRIA  
E APROVEITE A REDUÇÃO  
NOS BILHETES DE IDA E VOLTAS

Para mais informações, contacte a estação mais próxima ou a sua Agência de Viagens



Comboio, a opção dinâmica.

**Sindicatos do Sul e Centro confirmam-no**

# Greve dos médicos mantém-se para amanhã

Mantém-se a greve nacional dos médicos, convocada para amanhã. As direcções dos Sindicatos dos Médicos das Zonas Centro e Sul confirmaram ontem que a marcação da greve não sofreu nem sofrerá qualquer alteração, pelo que decorrerá amanhã em todo o País.

«Face às declarações da ministra da Saúde e do presidente da Ordem dos Médicos no final da reunião com o Primeiro-Ministro, os sindicatos vêem redobradas as razões

que levaram à convocação de greve e mantém esta forma de luta para amanhã, abrangendo todos os médicos» — informou a Direcção Sindical Médica da Zona Sul.

Aquele organismo sindical sublinhou que «mais uma vez ficou demonstrada a cumplicidade da Ordem dos Médicos, para com a política atentatória dos interesses profissionais dos médicos de Leonor Beleza e do Governo e a sua coincidência de objectivos para a área da Saúde».

As direcções sindicais dos médicos apelam à população para que evite recorrer às consultas externas e serviços de urgência na sexta-feira «só o fazendo em caso de manifesta necessidade».

Entretanto, no Porto, dirigentes do Sindicato dos Médicos do Norte acusaram Leonor Beleza de «desconhecer totalmente o sistema de saúde em Portugal».

Os dirigentes sindicais falavam em conferência de Imprensa sobre as razões da greve

nacional daqueles profissionais marcada para amanhã.

A greve, de acordo com os dirigentes do Sindicato dos Médicos do Norte, visa garantir o «direito ao trabalho para todos os médicos, dado não existirem razões para o não aproveitamento de todos os médicos disponíveis».

Os sindicatos do sector pretendem ainda impor ao Ministério da Saúde, através desta forma de luta, o cumprimento do direito constitucionalmente estabelecido de discus-

são» com os organismos sindicais «de toda a legislação laboral respeitante aos médicos — frisaram.

## Protesto junto de Cavaco Silva

O Sindicato dos Médicos da Zona Sul protestou por Cavaco Silva nunca ter recebido a direcção sindical, enquanto concedeu uma audiência à Ordem dos Médicos, que não considera «representativa dos profissionais em luta».

Em comunicado enviado ao Primeiro-Ministro, o sindicato afirma que não considera a Ordem representativa dos médicos, porque «lhe está vedada, por força da lei, a intervenção em assuntos laborais de carácter negocial».

O sindicato recorda que já solicitou várias vezes audiência a Cavaco Silva, inclusive através de uma vigília junto à sua residência oficial, para «expor as suas razões e procurar soluções para os problemas existentes».

## Ao longo da faixa costeira

### Dia Mundial da Alimentação: homenagem aos pescadores

Os pescadores portugueses são hoje homenageados do Minho ao Algarve, no quadro do Dia Mundial da Alimentação. Em Portugal, onde existem cerca de 140 comunidades piscatórias, há trinta mil pescadores que se espalham ao longo dos 832 quilómetros de faixa costeira. A Comissão Nacional da FAO salienta, a propósito do dia que hoje se celebra em todo o Mundo, a importância e o papel dos pescadores.

Em Portugal, membros dessa Comissão da FAO, promovem uma sessão em que estarão presentes o ministro dos Negócios Estrangeiros e o secretário de Estado das Pescas. Segundo Paulino Pereira, vogal das Pescas da Comissão Nacional da FAO, a decisão daquela organização das Nações Unidas de escolher para 1986 o tema das pescas foi tomada numa Conferência Mundial sobre Estratégia de Ordenamento e Desenvolvimento das Pescas, realizada há dois anos.

«Essa decisão responde às linhas de orientação sugeridas aos governos, a nível nacional, e pretende levantar a questão da pesca artesanal, em particular, na definição das políticas a praticar, e tendo em conta a importante contribuição dos pescadores para uma alimentação adequada» — acrescentou Paulino Pereira.

Necessidade básica de todas as pessoas, comer é antes de mais uma questão de ritmo e segundo recomendações da Direcção-Geral de Cuidados da Saúde Primários, o ideal seria que cada português não estivesse mais de três horas e meia sem comer.

Optando por comemorar o Dia Mundial da Alimentação com uma campanha de «alfabetização» onde se ensina como, quando e quanto comer — aquele departamento do Ministério da Saúde divulgou um «ABC» da alimentação, onde recomenda, em particular, que hoje, como em todos os restantes dias do ano, devem começar

bem, ou seja, «com um bom pequeno almoço».

#### Leite ou iogurte numa refeição

Para festejar com dignidade o Dia Mundial da Alimentação, os promotores das comemorações em Portugal aconselham-nos a incluir numa refeição, hoje — neste caso ao jantar — um copo de leite ou de iogurte, um sumo natural ou uma peça de fruta, pão, de preferência de mistura ou cereais, manteiga doce ou queijo e, para as crianças e adolescentes, um ovo.

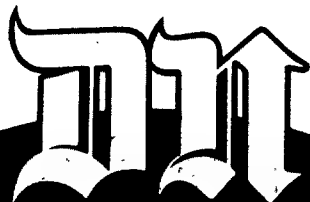
Se o fizer está de parabéns e adquiriu a proporção certa das calorias e proteínas necessárias para se manter em forma, ou seja cerca de 1/4 das calorias diárias e de 15 a 20 gramas de proteínas, parte que deve corresponder ao pequeno almoço.

Entre outras curiosidades e recomendações, o «ABC» da alimentação chama a atenção para as calorias fornecidas pela ingestão de bebidas alcoólicas.

«Não podendo ser considerado um alimento e não fornecendo a energia que serve para trabalhos musculares, nem para lutar contra o frio ou ter mais força, o álcool e as calorias que fornece não são em geral incluídos quando as pessoas pretendem avaliar o número de calorias adquiridas» — afirma aquele pequeno guia alimentar.

Contudo — acrescenta —, «um grama de álcool fornece 7 calorias e se um litro de vinho pode traduzir-se num aumento de 700 a 900 calorias, já um uísque é equivalente a ingerir 100 gramas de batatas».

Se por vezes nem sempre é fácil cumprir «o que fazer» comer bem, o «ABC» da alimentação recomenda ainda o que, em particular «não se deve fazer». Salienta: não saltar regularmente uma refeição, não se privar sistematicamente de certos alimentos, como o pão, não mastigar «coisinhas» a toda a hora, nem tomar frequentemente aperitivos e ou digestivos».



magazine

## O seu Domingo abre-se para o Mundo!...



Quando você compra o Diário de Notícias e abre o DN Magazine ...  
... o seu domingo abre-se para o mundo! ...  
Diário de Notícias DN Magazine  
Ao domingo você faz desporto com os maiores atletas ...

Vive os grandes acontecimentos em muitas páginas a cores ...  
Você destaca o suplemento interlúdio e programa as suas noites de televisão.  
Agora, sim! O DN Magazine é o seu domingo em cheio!

## O seu Domingo em cheio!...

| LOCALIZAÇÃO                            | VALOR MÁXIMO DA HABITAÇÃO SEGUNDO A AVALIAÇÃO DA CAIXA EM FUNÇÃO DO NÚMERO DE PESSOAS DO AGREGADO FAMILIAR |       |       |       |         |       |       |        |         |       |        |        |          |        |        |        |          |        |        |        |
|----------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|-------|-------|---------|-------|-------|--------|---------|-------|--------|--------|----------|--------|--------|--------|----------|--------|--------|--------|
| * ZONA I                               | 3 360                                                                                                      |       |       |       | 4 200   |       |       |        | 5 040   |       |        |        | 5 460    |        |        |        | 5 880    |        |        |        |
| ** ZONA II                             | 2 957                                                                                                      |       |       |       | 3 696   |       |       |        | 4 435   |       |        |        | 4 805    |        |        |        | 5 174    |        |        |        |
| *** ZONA III                           | 2 688                                                                                                      |       |       |       | 3 360   |       |       |        | 4 032   |       |        |        | 4 368    |        |        |        | 4 704    |        |        |        |
| NÚMERO DE PESSOAS DO AGREGADO FAMILIAR | 1                                                                                                          |       |       |       | 2       |       |       |        | 3       |       |        |        | 4        |        |        |        | 5        |        |        |        |
| RENDIMENTO ANUAL BRUTO (contos)        | Até 525                                                                                                    | > 525 | > 630 | > 735 | Até 788 | > 788 | > 945 | > 1103 | Até 908 | > 908 | > 1065 | > 1223 | Até 1028 | > 1028 | > 1185 | > 1343 | Até 1148 | > 1148 | > 1305 | > 1463 |
| CLASSE BONIFICAÇÃO                     | I                                                                                                          | II    | III   | IV    | I       | II    | III   | IV     | I       | II    | III    | IV     | I        | II     | III    | IV     | I        | II     | III    | IV     |

PRESTAÇÕES MENSIS EM ESCUDOS, A CARGO DO MUTUÁRIO, POR CADA 1 000 CONTOS

|                                                                            | ANOS | CLASSE I         |            | CLASSE II        |            | CLASSE III       |            | CLASSE IV        |            | REGIME GERAL |
|----------------------------------------------------------------------------|------|------------------|------------|------------------|------------|------------------|------------|------------------|------------|--------------|
|                                                                            |      | JOVEN BONIFICADO | BONIFICADO | JOVEN BONIFICADO | BONIFICADO | JOVEN BONIFICADO | BONIFICADO | JOVEN BONIFICADO | BONIFICADO |              |
| REGIME DE PRESTAÇÕES CRESCENTES<br>(Valores já deduzidos das bonificações) | 1    | 3 824\$          | 3 824\$    | 5 460\$          | 5 460\$    | 7 096\$          | 7 096\$    | 8 733\$          | 8 733\$    | 10 369\$     |
|                                                                            | 2    | 4 275\$          | 4 275\$    | 6 040\$          | 6 040\$    | 7 805\$          | 7 805\$    | 9 570\$          | 9 570\$    | 11 335\$     |
|                                                                            | 3    | 4 779\$          | 4 779\$    | 6 680\$          | 6 680\$    | 8 581\$          | 8 581\$    | 10 482\$         | 10 482\$   | 12 382\$     |
|                                                                            | 4    | 5 343\$          | 5 343\$    | 7 385\$          | 7 385\$    | 9 430\$          | 9 430\$    | 11 473\$         | 11 473\$   | 13 516\$     |
|                                                                            | 5    | 6 193\$          | 6 193\$    | 8 353\$          | 8 353\$    | 10 577\$         | 10 577\$   | 12 769\$         | 12 769\$   | 14 741\$     |
|                                                                            | 6    | 7 148\$          | 7 148\$    | 9 494\$          | 9 494\$    | 12 155\$         | 12 155\$   | 14 187\$         | 14 187\$   | 16 064\$     |
|                                                                            | 7    | 8 470\$          | 8 470\$    | 10 975\$         | 10 975\$   | 13 480\$         | 13 480\$   | 15 985\$         | 15 985\$   | 17 488\$     |
|                                                                            | 8    | 9 950\$          | 10 484\$   | 12 618\$         | 12 618\$   | 15 286\$         | 15 286\$   | 17 954\$         | 17 954\$   | 19 021\$     |
|                                                                            | 9    | 11 602\$         | 12 169\$   | 14 435\$         | 14 435\$   | 17 267\$         | 17 267\$   | 20 097\$         | 20 097\$   | 20 666\$     |
|                                                                            | 10   | 13 437\$         | 14 037\$   | 16 434\$         | 16 434\$   | 19 432\$         | 19 432\$   | 22 429\$         | 22 429\$   | 22 429\$     |
|                                                                            | 11   | 15 467\$         | 16 099\$   | 18 626\$         | 18 626\$   | 21 785\$         | 21 785\$   | 24 313\$         | 24 313\$   | 24 313\$     |
|                                                                            | 12   | 17 700\$         | 18 363\$   | 21 016\$         | 21 016\$   | 24 332\$         | 24 332\$   | 26 321\$         | 26 321\$   | 26 321\$     |
|                                                                            | 13   | 20 147\$         | 20 839\$   | 23 609\$         | 23 609\$   | 27 072\$         | 27 072\$   | 28 457\$         | 28 457\$   | 28 457\$     |
|                                                                            | 14   | 22 812\$         | 23 531\$   | 26 407\$         | 26 407\$   | 30 002\$         | 30 002\$   | 30 722\$         | 30 722\$   | 30 722\$     |
|                                                                            | 15   | 25 698\$         | 26 439\$   | 29 406\$         | 29 406\$   | 33 114\$         | 33 114\$   | 33 114\$         | 33 114\$   | 33 114\$     |
|                                                                            | 16   | 28 804\$         | 29 563\$   | 32 597\$         | 32 597\$   | 35 632\$         | 35 632\$   | 35 632\$         | 35 632\$   | 35 632\$     |
|                                                                            | 17   | 32 123\$         | 32 891\$   | 35 965\$         | 35 965\$   | 38 271\$         | 38 271\$   | 38 271\$         | 38 271\$   | 38 271\$     |
|                                                                            | 18   | 35 641\$         | 36 410\$   | 39 487\$         | 39 487\$   | 41 026\$         | 41 026\$   | 41 026\$         | 41 026\$   | 41 026\$     |
|                                                                            | 19   | 39 336\$         | 40 095\$   | 43 127\$         | 43 127\$   | 43 886\$         | 43 886\$   | 43 886\$         | 43 886\$   | 43 886\$     |
|                                                                            | 20   | 43 177\$         | 43 910\$   | 46 840\$         | 46 840\$   | 46 840\$         | 46 840\$   | 46 840\$         | 46 840\$   | 46 840\$     |
|                                                                            | 21   | 47 122\$         | 47 811\$   | 49 877\$         | 49 877\$   | 49 877\$         | 49 877\$   | 49 877\$         | 49 877\$   | 49 877\$     |
|                                                                            | 22   | 51 121\$         | 51 743\$   | 52 987\$         | 52 987\$   | 52 987\$         | 52 987\$   | 52 987\$         | 52 987\$   | 52 987\$     |
|                                                                            | 23   | 55 126\$         | 55 654\$   | 56 182\$         | 56 182\$   | 56 182\$         | 56 182\$   | 56 182\$         | 56 182\$   | 56 182\$     |
|                                                                            | 24   | 59 138\$         | 59 538\$   | 59 538\$         | 59 538\$   | 59 538\$         | 59 538\$   | 59 538\$         | 59 538\$   | 59 538\$     |
|                                                                            | 25   | 64 994\$         | 64 994\$   | 64 994\$         | 64 994\$   | 64 994\$         | 64 994\$   | 64 994\$         | 64 994\$   | 64 994\$     |
| REGIME DE PRESTAÇÕES CONSTANTES ... AQUISIÇÃO                              |      |                  |            |                  |            |                  |            |                  |            | 16 488\$     |

- a) CLASSE DE BONIFICAÇÃO: Nos termos da Portaria regulamentadora a bonificação é uma percentagem da taxa de juro contratual tendo a CLASSE I - 40% CLASSE II - 30%; CLASSE III - 20% e CLASSE IV - 10%.
- b) A taxa de juro contratual é de 21,5% ao ano actualmente, e será a máxima legal em cada momento em vigor para este tipo de operações.
- c) A percentagem máxima do empréstimo é de 90% s/o valor da avaliação ou da aquisição se este tiver sido inferior a aquele. No crédito jovem a percentagem é de 100%.
- d) Nos financiamentos à construção de habitação, os juros são calculados dia a dia e cobrados mensal e postecipadamente, durante o período de construção.
- \* - Concelhos de Lisboa e Porto
- \*\* - Concelhos sede de distrito não incluídos na zona I e Concelhos da grande Lisboa (Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Loures, Moita, Montijo, Oeiras, Seixal, Sintra, Torres Vedras, V.F. Xira), do grande Porto (Condado, Maia, Matosinhos, Valongo, Vila do Conde, V.N. Gaia, Povos de Varzim) e de Caldas da Rainha, Chaves, Covilhã, Elvas, Entroncamento, Espinho, Figueira da Foz, Guimarães, Ilhavo, Lagos, Odivelas, Peniche, Peso da Régua, Portimão, Santiago do Cacém, S. João da Madeira, Sines, Tomar e Torres Vedras.
- \*\*\* - Restantes Concelhos do Continente.

## COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

| (Por Unidade)                        |         |         |
|--------------------------------------|---------|---------|
| COTAÇÕES DE NOTAS                    | COMPRA  | VENDA   |
| ÁFRICA DO SUL (rand) .....           | 47\$80  | 53\$80  |
| ALEMANHA FED. (marco) .....          | 72\$60  | 73\$90  |
| ÁUSTRIA (xelim) .....                | 10\$30  | 10\$50  |
| BÉLGICA (franco) .....               | 3\$289  | 3\$539  |
| BRASIL (cruzado) .....               | 3\$900  | 6\$400  |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) .... | 103\$30 | 105\$80 |
| (notas de 5 a 1000) .....            | 103\$80 | 106\$30 |
| DINAMARCA (coroa) .....              | 19\$30  | 19\$70  |
| ESPAÑA (peseta) .....                | 1\$066  | 1\$186  |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) .....   | 143\$70 | 147\$20 |
| (notas de 5 a 1000) .....            | 144\$20 | 147\$70 |
| FINLÂNDIA (marka) .....              | 29\$75  | 30\$35  |
| FRANÇA (franco) .....                | 22\$20  | 22\$90  |
| HOLANDA (florim) .....               | 64\$35  | 65\$45  |
| IRLÂNDIA (libra) .....               | 198\$85 | 202\$85 |
| ITÁLIA (lira) .....                  | \$095   | \$110   |
| JAPÃO (iene) .....                   | \$887   | \$942   |
| NORUEGA (coroa) .....                | 19\$75  | 20\$25  |
| REINO UNIDO (libra) .....            | 207\$75 | 212\$25 |
| SUÉCIA (coroa) .....                 | 21\$10  | 21\$60  |
| SUÍÇA (franco) .....                 | 88\$90  | 90\$40  |
| VENEZUELA (bolívar) .....            | 6\$30   | 7\$30   |

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

# Novas tabelas de crédito à habitação já em vigor

A generalidade dos balcões da Caixa Geral de Depósitos, Crédito Predial Português e Montepio Geral começará na próxima segunda-feira a aceitar pedidos de empréstimos ao abrigo do novo regime de crédito à habitação própria, cuja legislação foi publicada a 10 deste mês com data de 30 de Setembro. Algumas dependências de crédito já tinham recebido processos posteriormente ao dia 1 de Outubro, data em que o novo regime começou a vigorar, mas o atraso verificado na publicação da sua regulamentação só agora permitiu a elaboração das tabelas definitivas com as prestações mensais. A Caixa Geral de Depósitos começou a divulgá-la ontem na sede dos seus serviços de crédito à habitação e, segundo informação ali obtida pelo «DL», as restantes agências só terão os impressos e as tabelas a partir de segunda-feira. No Crédito Predial as tabelas estão disponíveis a partir de amanhã, enquanto que no

Montepio Geral se espera que estejam prontas nos primeiros dias da próxima semana.

Conforme se verifica na tabela da Caixa que reproduzimos nesta página as prestações mensais (no regime de crédito bonificado) por cada mil contos emprestados variam entre 3 824\$00 e 8 733\$00 conforme os candidatos ao crédito se incluam na classe de bonificação I ou IV que dependem do rendimento familiar e do número de pessoas do agregado.

Os mutuantes estão no entanto limitados pela fixação de valores máximos da habitação, segundo a avaliação da caixa, em função do número de pessoas do agregado familiar e da zona em que o fogo a comprar se situa. Como se vê no quadro de cima, por exemplo, uma família de 4 pessoas só poderá obter crédito bonificado se a avaliação que a caixa fizer da casa pretendida for inferior a 5 460 contos nos concelhos de Lisboa e Porto (zona I), a 4 805 nos concelhos

suburbanos enumerados na nota de pé de página com a referência \*\* (zona II) e a 4 386, nos restantes concelhos do continente (zona III).

A sua classificação nas diferentes classes de bonificação aparece no mesmo quadro, referente aos agregados de 4 pessoas, e varia conforme o rendimento é inferior a 1028 contos (classe I), se situa entre 1028 e 1185 (classe II), entre 1185 e 1343 (classe III) ou entre 1343 e 1500 contos (classe IV).

De acordo com informações obtidas pelo «DL» e confirmadas por fontes bancárias, este regime de crédito, anunciado pelo Governo como mais «justo» que o anterior, vem dificultar imenso a aquisição de habitação própria na grande maioria dos casos. Por um lado torna-se extremamente difícil encontrar casas com a dimensão necessária às famílias, dentro dos limites de valor máximos fixados pela lei e, por outro, as mensalidades têm que ser inferiores a um terço do rendi-

mento mensal do agregado, o que muitas vezes não acontece.

Uma outra inovação do novo sistema reside no facto de ele impedir a venda de casas adquiridas com crédito bonificado, antes de decorridos cinco anos. Caso esta venda se efectue antes desse prazo, o mutuante terá que devolver todas as bonificações entre-tando obtidas, acrescidas de 20%.

**Fixado o coeficiente de actualização para 1987**

O coeficiente de actualização das rendas livres para vigorar em 1987 é de 1,085 - determina uma portaria conjunta dos ministérios das Obras Públicas e das Finanças, hoje publicada no Diário da República. Uma outra portaria dos mesmos ministérios também publicada hoje, estabelece em 1,090 o coeficiente de actualização das rendas condicionadas para 1987.

# 24 HORAS

## Congresso para a paz

O Congresso Mundial para a Paz foi inaugurado em Copenhaga entre manifestações de protesto e com um apelo para a suspensão dos ensaios nucleares, como meio para «deter a perigosa Guerra das Estrelas» do presidente norte-americano, Ronald Reagan. O congresso é participado por cerca de 2300 delegados de 132 países. O presidente do congresso, Hermod Lannung, antigo deputado dinamarquês do partido liberal (radical), de 91 anos, disse que o objetivo do congresso é o de assegurar a paz das gerações futuras.

## Shultz em São Salvador

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, chegou hoje a El Salvador para avaliar os danos provocados pelo sismo que abalou o país — anunciou o departamento de Estado. Durante a sua breve estada em São Salvador, Shultz conferenciará com as autoridades locais e será informado dos planos para a reconstrução da cidade e, nomeadamente, das instalações da Embaixada norte-americana naquela cidade, afectadas pelo terramoto, que provocou mais de 1200 mortos.

## Nova Constituição

A presidente Corazon Aquino aceitou o esboço final da nova Constituição filipina e garantiu que ela «protege a essência da verdadeira democracia». Fontes oficiais em Manila garantiram que Aquino fará campanha em apoio da Constituição submetida à aprovação do eleitorado num plebiscito marcado, em princípio, para o dia 23 de Janeiro. A nova Constituição permite a continuidade de bases militares norte-americanas nas Filipinas, após o final de um acordo que expira em 1991, mas submete essa continuidade à aprovação do Senado.

## Orçamento militar

A Câmara dos Representantes norte-americanos aprovou um orçamento de 292.000 milhões de dólares destinado a gastos de defesa em 1987, provocando reduções em alguns projectos militares do presidente Reagan. O orçamento, que foi aprovado por 283 votos contra 128 e que será ainda submetido à apreciação do Senado, permite progressos na produção de armas químicas e reduz os gastos previstos para o projecto Guerra das Estrelas.

## Atentado em Jerusalém

A Organização de Libertação da Palestina (OLP) reivindicou a autoria do atentado com granadas perpetrado ontem em Jerusalém, junto ao Muro das Lamentações e que fez um morto e pelo menos 70 feridos, entre civis e militares. A informação foi dada por um porta-voz militar da OLP, através de comunicado tornado publico pela delegação da organização palestina no Cairo. O documento afirma que «esta operação heróica» constitui uma confirmação da decisão adoptada na última reunião da direcção da OLP, no sentido de prosseguir a luta armada para «combater o cancro sionista e colonialista que afecta os territórios palestinos ocupados».

## Apelo a Reagan

O fundador do sindicato Lech Walesa, e oito intelectuais apelaram a Reagan para levantar as sanções económicas ainda em vigor contra a Polónia, argumentando que a crise do país não pode ser ultrapassada sem a ajuda do ocidente. Numa declaração distribuída a jornalistas Ocidentais, o grupo afirma que a Polónia pode tornar-se num perigo internacional devido à recessão económica que atravessa.

## Visita de Savimbi

Embaixadores em França dos países da Linha da Frente contestaram a anunciada deslocação oficial a Paris do líder da guerrilha angolana, Jonas Savimbi.

Os representantes na capital francesa dos Estados da Linha da Frente apresentaram a sua objecção à visita que Savimbi, dirigente da UNITA, fará na próxima semana a Paris, a convite do primeiro-ministro Jacques Chirac.

# INTERNACIONAL

## Espanha discute em Washington redução de bases norte-americanas

Com a participação de delegações oficiais de Espanha e dos Estados Unidos, decorre em Washington uma nova ronda de negociações sobre a redução da presença militar norte-americana em território espanhol.

O governo espanhol exige, de acordo com a posição assumida há ano e meio e os resultados do referendo sobre a permanência de Espanha na NATO, uma redução progressiva da presença militar norte-americana, em pessoal e instalações.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Fernandez Ordóñez, disse que o convénio com os Estados Unidos corre perigo se não houver acordo quanto à redução de tropas.

O actual convénio termina em 1988. Prevê a concessão anual de um crédito especial de 400 milhões de dólares para a compra de material militar norte-americano.

No ano passado, os Estados Unidos transferiram para Espanha 191 milhões de dólares, correspondente a gastos de

manutenção e salários de pessoal civil espanhol.

Actualmente, estão em Espanha perto de 12 000 homens (o convénio prevê até um máximo de 12 500) em quatro bases e alguns centros de comunicação.

Os Estados Unidos acederam a negociar na Primavera do ano passado e há poucas semanas anunciaram que já tinha começado a redução de pessoal militar, substituído por civis em algumas bases,

mas entre as duas partes há sé-

rias divergências quanto ao âmbito da redução.

A anterior ronda de negociações foi em Madrid, no princípio de Julho, tendo o governo espanhol apresentado uma proposta, para que espere agora resposta da delegação norte-americana.

As autoridades espanholas calculam que as negociações poderão prolongar-se por todo o ano que vem, mas a data limite para o acordo é Novembro de 1987.

As duas partes não têm muita pressa, pois partem do princípio de que esta negociação é paralela à que será feita a partir de Novembro em Bruxelas sobre a forma de colaboração militar de Espanha na defesa do Ocidente, em resultado da decisão do povo espanhol de permanecer na NATO sem integração na estrutura militar.

O governo enviou na Primavera passada um «memorandum» a Bruxelas com uma

proposta de formas de colaboração, que tinha carácter secreto, mas uma revista publicou-o na íntegra depois de lhe ter sido «filtrado» por uma delegação estrangeira em Bruxelas.

Espanha e Estados Unidos estão de acordo com o princípio da redução mas divergem sobre o seu âmbito.

O governo espanhol pretende que algumas missões das forças militares norte-americanas destinadas às bases de utilização conjunta sejam suprimidas e outras sejam substituídas.

Os Estados Unidos consideram que a redução deve ser em função das missões que Espanha vai ter na sua colaboração militar com a NATO e da capacidade para substituir os militares norte-americanos em algumas dessas missões, sem que o sistema defensivo ocidental seja afectado.

## Moçambique vai receber armas e treino militar de firma britânica

Uma firma britânica ganhou um contrato para treinar e equipar as tropas moçambicanas com material moderno, a fim de que Moçambique defenda uma linha férrea vital contra os rebeldes da Renamo, disseram fontes da indústria.

Fontes governamentais confirmaram o negócio de 1,6 milhões de libras esterlinas entre a Hall and Watts, com sede em St. Albans, no centro de Inglaterra, e o Governo do presidente Samora Machel, que pretende assegurar a defesa da linha de Nacala, que liga o porto de Moçambique ao Malawi.

A linha férrea tem sido alvo de fortes ataques do movimento da Resistência Nacional Mo-

çambicana (Renamo), que tem destruído a economia do país desde a independência em 1975 com uma guerra de guerrilha.

Ao abrigo do acordo, que conta com a total aprovação do governo britânico, Maputo espera ter uma força de elite de 600 soldados para defender Nacala a partir de Janeiro, que será treinada por ex-membros do Regimento dos Serviços Aéreos Especiais.

O acordo implica o fornecimento de 600 espingardas Enfield L85A1, uma arma com uma grande precisão que nunca foi vendida ao estrangeiro.

Funcionários do governo britânico disseram que não existe qualquer embargo à venda de

armas a Moçambique e que as relações entre os dois países têm vindo a melhorar nos últimos anos.

A Grã-Bretanha vai auxiliar Moçambique em cerca de oito milhões de libras este ano (excluindo a ajuda alimentar), que serão utilizados na sua maioria para promover projectos de infra-estruturas.

### Conversações com o Zimbábue

Os responsáveis zimbabueanos da Defesa e da Segurança mantiveram ontem conversações em Maputo com os seus congéneres moçambicanos, anunciou um porta-voz gover-

namental zimbabueano.

Não foram fornecidos pormenores sobre o encontro.

O Zimbábue, um dos principais aliados de Moçambique, mantém 12 000 soldados estacionados em território moçambicano para auxiliar na luta contra os rebeldes da Renamo, que combatem o regime de Maputo, e para proteger vias de transportes vitais.

As conversações entre as duas delegações coincidiram com um encontro entre o presidente zambiano, Kenneth Kaunda, e o primeiro-ministro do Zimbábue, Robert Mugabe, em Vitória Falls, na fronteira comum, para rever a segurança regional e questões bilaterais.

## Propostas de Reiquejavique debatidas nas conversações de Genebra

As delegações dos Estados Unidos e da União Soviética que negociam em Genebra sobre armas nucleares e espaciais estão preparadas para «dar seguimento» às propostas debatidas recentemente em Reiquejavique pelos líderes dos dois países. A informação foi dada pelo chefe da delegação norte-americana, Max Kampelman, em comunicado distribuído quarta-feira pela missão diplomática dos Estados Unidos acreditada nas Nações Unidas.

As conversações de Genebra foram ontem retomadas,

ao mesmo tempo que nas missões diplomáticas das EUA e da URSS nas Nações Unidas se reuniam as comissões negociadoras sobre mísseis espaciais e armas estratégicas.

No comunicado divulgado pela missão dos Estados Unidos, kampelman lamentou que os soviéticos condicionem a questão dos mísseis de médio alcance a outros aspectos do desarmamento, como as armas estratégicas e a Iniciativa de Defesa Estratégica.

Ontem, contudo, o principal negociador soviético em

materia de controlo de armamentos, Viktor Karpov, disse que Moscovo estava pronto a iniciar negociações separadas sobre mísseis de médio e longo alcance. Em conferência de imprensa, Karpov explicitou que o dirigente soviético Mikhail Gorbachev não tinha estabelecido uma relação permanente entre aqueles tipos de mísseis e o programa «guerra das estrelas» do presidente Reagan na cimeira de Reiquejavique durante o fim-de-semana.

Entretanto, em Washington, a Casa Branca comentou o

discurso feito por Gorbachev na terça-feira, classificando-o de positivo. Segundo a Casa Branca, Gorbachev mencionou as «mesmas zonas de progresso» relativamente ao desarmamento já apontadas por Washington.

Na alocução destinada a informar os soviéticos sobre os resultados de Reiquejavique, o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética criticou a posição norte-americana, mas acrescentou que Moscovo não se negaria à continuação das conversações.

# Política do Governo para a Saúde não será alterada nem um milímetro

Cavaco Silva afirmou ontem em Lisboa que a política do Ministério da Saúde não será alterada. O Primeiro-Ministro reafirmou, com efeito, ao Conselho Executivo da Ordem dos Médicos que os princípios accionados pelo Governo não se modificarão. Mais tarde, Leonor Beleza reafirmaria essa posição à saída de uma audiência de duas horas, concedida pelo Primeiro-Ministro à direcção da Ordem, na qual a titular da Saúde participara.

Beleza acrescentou que «não haverá alteração da política de saúde», desmentindo que «alguma vez tenha sido interrompido o diálogo entre o Ministério e a Ordem».

«A Ordem dos Médicos tem sido ouvida pelas instâncias competentes do Ministério sempre que isso é adequado» — disse.

Leonor Beleza confirmou, contudo, não ter recebido durante algum tempo Gentil Martins, presidente da Ordem dos Médicos. Acrescentou que, «por diálogo, o Governo entende ouvir aqueles que podem dar uma opinião consistente em relação a certos assuntos», sublinhando que «é o Governo quem tem de tomar as decisões e não há diálogo que o faça afastar-se

daquilo que considera importante».

«O Primeiro-Ministro tornou claro à Ordem dos Médicos que as linhas que têm vindo a ser seguidas assim continuarão» — observou. E, a propósito da anunciada greve dos médicos e ao pedido de audiência feito pelo respectivo Sindicato, Leonor Beleza salientou que o seu Ministério «não ouve sindicatos quando está em curso um processo de greve».

Leonor Beleza referiu não estar agendada qualquer outra reunião com a Ordem.

**«Greve de amanhã não tem justificação»**

Gentil Martins, acompanhado dos representantes da

Região Centro e Sul da Ordem dos Médicos, acrescentou que o diálogo foi positivo, embora não tivessem chegado às soluções que pretendiam, nomeadamente em relação aos concursos dos médicos P2 e P3, que continuam em simultâneo.

«Nós estamos discordantes, mas pelo menos consideramos indispensável que este tipo de diálogo seja feito, diálogo que até agora não existia com a intensidade que se torna necessária» — disse.

«Em relação ao problema dos jovens médicos, a solução que propusemos não foi acolhida pelo Governo e, aí, confesso que estou desconsolado» — considerou o presidente da Ordem dos Médicos.

Em relação à greve de amanhã, Gentil Martins afirmou que «a Ordem pensa que, neste momento, não tem justificação, pese embora a razão dos policlinicos P2 e P3 em relação ao seu concurso». Concluiu que as divergências entre as várias secções da Ordem têm que ver com o período eleitoral que se vive na própria Ordem.

Também Guimarães dos Santos, candidato à presidência da Ordem, defendeu a separação dos concursos dos policlinicos, mas referiu que a nível da direcção Regional do Norte entende-se que «a política global do Governo está em parte de acordo com a política que entendemos dever ser prosseguida neste país».

«Há uma divergência pontual com as medidas da ministra da Saúde, mas o que é fundamental é alterar a gestão hospitalar de forma tornar os hospitais empresas viáveis e eficazes».

Guimarães dos Santos acrescentou que, em relação a Gentil Martins, «não há divergência ideológica de fundo, mas apenas diferença de estratégia na forma como a Ordem deve evoluir e prosseguir as suas funções».

**Concurso de 25 explicado à AR**

A Ordem dos Médicos transmitiu à Comissão Parlamentar de Saúde a sua posição acerca do concurso programado para 25 de Outubro, para médicos policlini-



Cavaco com a Ordem dos Médicos

cos chamados P2 e P3.

O despacho da ministra da Saúde obriga os dois grupos a fazerem exame em simultâneo, mas a Ordem considera errado este procedimento e pensa que devem fazê-lo em separado, «por razões jurídicas e por razões morais» — disse Gentil Martins.

«A Ordem acha que deve procurar-se com a possível brevidade actuar no sentido de que os concursos de acesso à especialização tenham lugar logo após terminar o Internato Geral» — explicou ainda. E pretende que «as regras do jogo sejam rapidamente conhecidas, para que os médicos possam saber com o que contam, mas considera que esta adaptação deve ser rápida, embora gradual» — acrescentou

Gentil Martins.

Durante a reunião, a Ordem aproveitou para transmitir a sua posição acerca de outros problemas, tais como regime de trabalho, carreiras e saber se o sistema de saúde é misto ou monopólio do Estado.

Entretanto, a Ordem tomou também posição relativamente a um projecto de lei de gestão hospitalar que foi preparado por deputados do PRD — disse ainda.

A Comissão Parlamentar de Saúde convidou a Ordem (cerca de 25 mil membros) e os Sindicatos dos Médicos para uma reunião, ontem, na Assembleia, para auscultar a sua posição acerca de algumas questões actuais de saúde.

## Informação COMERCIAL

### CONCURSO

Até as 17 horas do dia 28 de Outubro de 1986, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão para venda de frutas e hortaliza no apeadeiro de Santa Cruz de Benfica.

A anuidade mínima a oferecer é de 80.000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C.P., a quantia de 13.400\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Cacém

Santa Cruz de Benfica

Região Suburbana de Lisboa  
Lisboa (Rossio)

Direcção Comercial (Passageiros)  
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar  
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida à Direcção Comercial (Passageiros) dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se aquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão no apeadeiro de Santa Cruz de Benfica.»

**Caminhos de Ferro Portugueses**

### TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

#### 5.º JUÍZO CÍVEL

#### 3.ª Secção

#### ANÚNCIO

Por este Tribunal, na execução Sumária Processo n.º 5334/81 que a Exequente — Polinox — Representações Centro de Metais Fina, SARL, move contra o Executado — José Isidro Tripa Balaia, residente na Quinta da Mimosas n.º 7 — Fogueteiro — Comarca de Seixal correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior aos dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 6 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito,  
(assinatura ilegível)

O Escrivão de Direito, — Adjunto  
(assinatura ilegível)

«DL» 16/10/86 — 2.ª Pub.

### TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

#### 17.º JUÍZO

#### ANÚNCIO

Proc. n.º 3.181  
2.ª Secção

FAZ SABER que, pela 2.ª Secção do 17.º Juízo Cível de Lisboa, correm editos de TRINTA DIAS, os Autos de Acção Sumária em que é autora SYSTEMS PUBLISHING (PORTUGAL) EDITORES, LDA, com sede na Rua Arco de Carvalhão, n.º 1-3.º, em Lisboa, e ré MARIA CESALTINA A.M. DA COSTA LAVRES, que começaram a contar-se da 2.ª e última publicação do presente anúncio, citando a referida ré, cujo a última residência conhecida foi na Rua Dr. António Martins, 29-2.º, em Lisboa, e actualmente em parte incerta, para no prazo de DEZ DIAS, findo que seja o dos editos, contestar, querendo, os autos acima indicados ou pagar à autora a quantia de 67.080\$00, acrescida de juros à taxa legal, custas e procuradoria, sob pena de ser condenada no pedido.

Lisboa, 9 de Outubro de 1986

O JUÍZ DE DIREITO  
António Correia de Abranches Martins

A ESCRITURÁRIA  
Maria dos Anjos Ferreira Gaspar

D.L. 16/10/86 — 1.ª Pub.

### TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

#### 13.º JUÍZO

#### ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do 13.º Juízo Cível de Lisboa e nos autos de execução de sentença n.º 5075/B, que VÍTOR MANUEL DA COSTA DIOGO, menor, representado por seu pai, MANUEL DIOGO, instaurou contra JOAQUIM ANTÓNIO DE MATOS, casado, motorista, morador na Rua Comandante Carvalho Araújo, lote 1-2.º Dt.º, Sete Casas, Comarca de Loures, Rui de Magalhães Duarte Ferreira, casado, engenheiro, residente na Quinta das Palmeiras, lote 21-1.º Esq.º, em Ceiras, e Companhia de Seguros «A Mundial», EP com sede no Largo do Chiado, 8, em Lisboa, correm editos de vinte dias, a contar da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos do executado JOAQUIM ANTÓNIO DE MATOS, para no prazo de dez dias, decorridos que seja o dos editos, reclamarem, querendo, o pagamento dos seus créditos sob penhora de vencimento, desde que gozem de garantia real sobre tais bens.

Lisboa, 3 de Outubro de 1986.

O JUÍZ DE DIREITO  
Joaquim Dias

A ESCRIVÃ-ADJUNTA  
Carolina I. Loureiro Almeida Pinto

D.L. 16/10/86 — 1.ª Pub.

### TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

#### 16.º JUÍZO

Proc. N.º 9367  
1.ª Secção

Faz saber que, por este Juízo e primeira secção, nos autos de Acção sumária em que são Autora — SYSTEMS PUBLISHING (PORTUGAL) EDITORES, LDA, e Ré — MARIA LUCÉLIA REBELO PINHO, esta ausente em parte incerta e com última morada conhecida na Rua da Paz, Furadouro, em Ovar, correm editos de trinta dias contados da data da 2.ª e última publicação do anúncio, citando a Ré acima indicada para, no prazo de dez dias findo o dos editos, contestar, querendo a referida acção sob pena de ser condenada no pedido que consiste no pagamento à Autora da quantia de sessenta e sete mil e oitenta escudos acrescida de juros à taxa legal, custas e procuradoria.

Lisboa, 10 de Outubro de 1986

O JUÍZ  
Armando Moita dos Santos Lourenço

O ESCRIVÃO DE DIREITO  
Amílcar Augusto Abrunhosa

D.L. 16/10/86 — 1.ª Pub.

### APOIO Diário de Lisboa

#### CALAMITY JANE

Uma Mulher de Armas  
ou  
O Monólogo da Vaqueira

De 3.ª a Sab., às 21.30 h  
Sab. e Domingos,  
também às 16 horas

A FALTA

#### PROCURA-SE!



0000\$00

RESERVAS - TEL 684300

5.º Mês — últimas representações  
só até dia 19 de Outubro

#### MARIA DO CÉU GUERRA

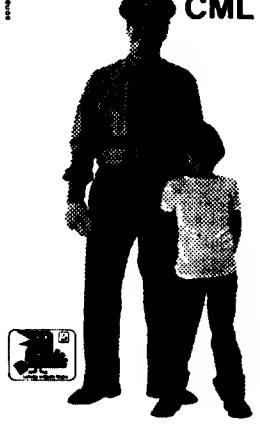
música

António Cardoso

direcção

Helder Costa

### CML



uma cidade limpa  
é uma cidade viva

## Golfe: "Open de Portugal" tem 100 mil libras para dar

Em conferência de Imprensa ontem efectuada no Hotel Ritz, foi divulgada que quinze jogadores portugueses vão estar em acção no «Open de Portugal» de golfe, a disputar de 23 a 26 do corrente, na Quinta do Lago, (Algarve), última prova do «circuito europeu». Rogério Valente, Sebastião Gil, Carlos Agostinho, Carlos Aleixo, João Sousa, António Dantas, Luís Espadinha, Fernando Folha, Albano Rodrigues e Domingos Silva são os dez jogadores profissionais presentes no «Open», enquanto no sector amador a representação nacional estará a cargo dos irmãos Pedro e Miguel Nunes Pedro, Carlos Alves, Filipa Salazar Sousa e Ricardo Oliveira.

Apesar de os jogadores portugueses não poderem disputar os primeiros lugares na prova, a sua presença no «Open de Portugal» representa um estímulo para a modalidade a nível nacional, sublinhou uma responsável pela organização da prova: «O contacto com os jogadores estrangeiros é muito importante para os golfistas portugueses, tendo em vista elevar o seu nível» adiantou.

Segundo foi afirmado na reunião com os órgãos de Comunicação Social, o inglês Sandy Lyle e a revelação espanhola José María Olazabal são os confirmados «cabeças de cartaz» do «open», que (garante a organização) está orçado em 85 mil contos e irá reunir oito dos 12 membros da equipa da Europa que, recentemente, venceu a «Ryder Cup» nos Estados Unidos, uma das mais importantes provas de golfe a nível mundial.

Lyle (vencedor do «open» britânico em 1985 e da «ordem de mérito») será um dos principais golfistas em acção na Quinta do Lago, juntamente com o espanhol José María Olazabal, que esta época ganhou já o «open» da Suíça e o «open» de Barcelona, impondo-se ao seu compatriota Severiano Ballesteros, que não estará este ano pre-

sente na prova portuguesa, uma vez que está comprometido com torneios nos Estados Unidos.

Contudo, a presença de jogadores espanhóis como Olazabal (a revelação de 1986), José María Canizares e Manuel Piñero (ambos membros da equipa europeia da «Ryder Cup» de 1985) são para a organização do «open» garantia da vinda de numerosos adeptos do país vizinho.

A presença de jogadores ingleses (como Ian Woosnam, John Bland, Howard Clark, Sam Torrance, Paul Way e Gordon Brand) constitui, juntamente com os golfistas espanhóis, o melhor elenco de sempre num «Open» de Portugal. Torrance, (vencedor do «Open» de Portugal em 1982 e 1983) irá este ano tentar obter a sua 3.ª vitória na prova portuguesa feita nunca alcançada por nenhum jogador, enquanto Olazabal tentará ganhar as duas provas ibéricas objectivo que (em 1985) Ballesteros faliu, ao ficar em 5.º lugar na prova realizada na Quinta do Lago.

Para o presidente da Federação Portuguesa de Golfe (Mário Marques Pinto) é importante colocar o «Open de Portugal» ao nível das provas europeias, cativando os principais jogadores da actualidade e aumento o valor de total de prémios para o que é fundamental o apoio maciço dos patrocinadores». Segundo disse Marques Pinto, «é necessário dar o salto qualitativo» e a edição deste ano do 30.º «Open de Portugal» é apenas o primeiro passo para atingir tal objectivo. Apostar forte na atracção de turistas ingleses que pratiquem golfe, surge como a «palavra de ordem» dos organizadores do «Open» de Portugal. Marques Pinto revelou que os principais utilizadores dos campos de golfe no Algarve são ingleses que, anualmente, deixam em Portugal cerca de nove milhões de contos em divisas.

Ainda a salientar: o 1.º prémio deste «Open» cifra-se em 100 mil libras (cerca de 21 600).

## Saltito resolve-se por si mesmo

# Sindicato de Futebolistas será um palácio esventrado?

Vai (finalmente?) resolver-se o impasse criado, em Saltillo, entre os nossos futebolistas da selecção e os dirigentes federativos?

Talvez que a solução esteja mesmo à porta. Ontem, à noite, na sede do seu Sindicato, o presidente dos futebolistas (José Eduardo) reuniu-se com os benfiquistas Bento, Carlos Manuel, Diamantino, Dito, Álvaro, Oliveira, Nunes, Rui Águas e Shéu, com os belenenses José António, Jorge e So-brinho e com o sportingui-sta Manuel Fernandes. Também por lá apareceu o «azul» Alberto mas rapidamente saiu, não tomando parte numa reunião em que, «proscritos» e «solicitados» estiveram lado a lado, discutindo a situação do futebol das cinco quinas.

Durante duas horas o grupo esteve em diálogo. Na sexta-feira, depois de

nova reunião (desta feita no Porto) será divulgado publicamente um comunicado sindical. Porém, sabe-se já que existe um enorme desmembramento entre os 14 atletas que estavam solidários com os oito colegas que tinham sido **administrativamente afastados da selecção** pelos federativos: e vários deles estão dispostos a colocarem-se às ordens do seleccionador e dos técnicos Juca e António Oliveira.

Deste modo (e acontece o que suceder na reunião de José Eduardo com o bloco portista) é ponto firme que o dr. Rui Seabra poderá já no sábado, contar com a aderência de diversos futebolistas que foi obrigado a excluir das suas cogitações nos jogos com a Suécia, por imperativo superior: determinação do dr. Silva Resende, face à anunciada renúncia de diversos «craques» à

actuação na «equipa de todos nós».

O ponto de ruptura entre a solidariedade antes manifestada em comum e esta atitude de «emenda a uma posição», deve-se fundamentalmente (e como bem se compreende) ao facto de alguns dirigentes do Sindicato, que tinham preconizado união em torno dos «22 de Saltillo», serem os primeiros a aceitar (quase de mão beijada) a convocação para os jogos com a Suécia desagregando (no que restava...) um sindicato que parece encaminhar-se para um fim brusco e inevitavelmente reflector do modo como através dos tempos foi encarado por larga facção dos seus associados: os jogadores de futebol que, apenas quando o problema lhes toca directamente, se socorrem da eventual força sindical. Sinais dos tempos.

Neves de Sousa

## Andebol feminino estagia para "mundial" espanhol

A selecção feminina portuguesa de andebol estagia em Setúbal entre 17 e 27 deste mês, antes de disputar em Espanha o mundial (C) da modalidade. A equipa treinará diariamente sob a direcção das professoras Fátima Monge da Silva (técnica principal e Isabel Cruz (adjunta).

As jogadoras convocadas para disputarem entre 31 do corrente e 8 de Novembro o campeonato do mundo (C) são as guarda-redes Irene He-

rique (Benfica), Conceição Rufino (ADO) — Associação Desportiva de Oeiras) e Elsa Oliveira (Sport Madeira) e as jogadoras de campo Esmeralda Martins, Ana Isabel Sobral, Paula Espírito Santo, Vitória Caineta, Cristina Caetano e Célia Matos (Benfica), Maria José Carvalho e Paula Biscaia (Académico do Porto), Alice Leitão, Judite Paris e Júlia Calado (Ginásio Clube do Sul), Margarida Barriga, Ilda Ramos, (ADO) e

Assunção Magro (Paço de Arcos).

A selecção portuguesa defronta na jornada inaugural a Islândia, depois a Áustria, a Finlândia e a Dinamarca. Em 6 de Novembro, disputam-se os jogos para os lugares entre o 5.º e o 10.º no dia 7 o apuramento para o 3.º e 4.º lugares e a final realiza-se no dia 8. O outro grupo deste mundial (C) é constituído pelas selecções de Espanha, Itália, Suécia, Grã-Bretanha e Suíça.

## Vela: "420" em Peniche

Com a colaboração do Clube Naval de Peniche, realiza-se em Peniche, nos dias 17, 18 e 19, o «15 Campeonato de Portugal da Classe 420». O «420» foi escolhido pela Federação Portuguesa de Vela como o barco de dois tripulantes mais consentâneo com uma preparação pré-olímpica, sendo ao mesmo tempo apropriado para todos aqueles que visam iniciar-se no desporto da vela. Trata-se (assim) de um barco com todas as características inerentes não só à prática do recreio, mas também à competição, preenchendo a lacuna anteriormente existente para tripulações desejosas de se iniciar neste desporto.

Interessada no incremento da Classe 420 em Portugal, a Federação Portuguesa de Vela impulsionou o seu desenvolvimento ao participar na aquisição do molde destes barcos ao respectivo construtor francês, para posterior construção em Portugal. Convém referir que pela primeira vez participam neste campeonato barcos da Federação Portuguesa de Vela, inteiramente fabricados em Portugal e que se destinam ao apetrechamento dos Centros de Treino Regionais.

## Vamos saltar no trampolim

No parisiense Palais Omnisports de Bercy (com capacidade para 20 mil espectadores) principia hoje a disputar-se o Campeonato Mundial de Trampolim, a que concorre Portugal, com uma equipa preparada por José Manaças (treinador nacional da Comissão Técnica de Trampolins da Federação Portuguesa de Ginástica). A nossa formação estagiou em zona portuense.

## PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

### PARA O CONCURSO N.º 42/86 DE 19 DE OUTUBRO DE 1986

Penalti: 121 111 111 2121; O Algarve: X2X XX1 111 X221; Jornal de Amarante: 221 111 111 X1X1; Jornal da Beira: X21 111 111 2122; Correio de Coimbra: X21 111 111 2X21; Correio do Vouga: X21 111 111 X121; A Defesa: X21 1X1 11X 1X2X; Defesa de Espinho: X21 1X2 11X 1122; Diário de Coimbra: 121 X11 111 XX21; Diário de Lisboa: XXX 111 X1X 1X22; Diário de Viseu: 121 11X 1XX 2XX2; Folha de Domingo: X21 1X1 111 2121; Ecos de Cacia: X21 111 111 2X2X; O Emigrante: 121 X11 111 XXXX; Eu Sei Tudo: X21 1X1 111 1122; Jornal de Felgueiras: 1X1 111 11X XX1X; Gazeta das Caldas: X21 1X1 111 XX2X; Gazeta de Felgueiras: 221 111 111 212X; Rádio Totobola: XX1 11X 111 2222; Linhas de Elvas: 121 211 111 21X1; Litoral: 221 1X1 111 21XX; Jornal da Lixa: 221 1X1 111 X1X1; Maria da Fonte: X21 111 111 XXXX; O Mensageiro: 121 X11 211 1121; No Estúdio e no Estádio: 2X1 11X 11X 2X21; Notícias de Felgueiras: XXX 111 11X X11X; Notícias de Guimarães: X21 111 11X 2XX1;

Notícias de Viseu: XXX 11X 111 XXX2; Notícias de Viana: X2X 1X1 X11 X1X2; Reconquista: 121 111 111 2121; Rádio Alentejo: X21 111 111 XXX1; Clube da Manhã: 2X1 11X111 2X21; Manhã, Manhã: Xº «X1 111 2X2X; RDP/Secção Desportiva: 121 111 111 2X22; Tempo de Desporto: 221 111 111 2XX2; Boomerangue: X21 111 X11 2X21; Programa da Manhã: 12X 111 XXX X22X; Música Com Elas: 121 111 111 XX22; Fotografias: 22X 111 11X 2X2X; Fora de Jogo: 12X 111 111 XX22; Bola ao Centro: X21 X11 X11 2222; Grande Sábado: 22X 111 11X X222; Canal Mais: X21 111 11X 2X22; Diário do Desporto: 221 11X 111 XXXX; Bola Branca: 2X1 111 111 X222; RR/Desporto: 2X1 1X1 111 X12X; Jornal de Santo Tirso: XX1 111 111 1X11; Jornal de Sintra: X21 111 111 1X2X; A Voz do Domingo: XX1 111 111 11X1; Voz de Lamego: 22X 111 111 2X21; Desporto Regional: XX1 X11 111 1222; Fim-de-Semana Desportivo: 21X 1X1 111 X2XX; Panorama Desportivo: XX1 111 111 2X2X;

Pista de Dança: X21 111 111 XXX1; Sons da Madrugada: 221 111 X11 2221; Snack-Bar: 221 X12 111 X1X1; A Comarca de Arganil: X21 111 111 2X2X; A Arte de Bem Madrugar: X21 XX1 111 X122; Dribling: 1X1 111 11X 2X21; Notícias de Gouveia: 121 11X 111 X221; Gente Gira: 1X1 11X 1X2 2XX1; Rádio Sports: 221 111 X11 1111; Voz do Ave: 121 111 111 X111; Comércio de Leixões: 221 1X1 111 XX22; De Tudo Um Pouco: 221 111 111 X12X; Jornal de Gaia: 121 X1X 111 2XX2; Jornal da Graça: X21 X11 111 X1X1; Jornal de Notícias: 22X 111 111 XX21; O Primeiro de Janeiro: 221 X11 111 X22X; Quadrante Norte: 2XX 111 111 XXXX; Repórter do Dia: X21 111 111 212X; Resenha Desportiva: X21 1XX 11X 2221; Alvo Desportivo: X21 111 111 X111; Rádio Alvo: 2X2 111 111 2XXX; Alvo: XXX 1X1 111 X111; Alvo Suplemento: 221 X11 111 11X2; A Voz dos Ridículos: 121 111 111 1121; Rádio Placard: 22X 111 X11 X121; Estúdio 64: 122 1X1 1X1 X1X1.

assim vai o  
**totobola**

| •                              | R E S U M O |    |    | B O L A S (°) |   |   |
|--------------------------------|-------------|----|----|---------------|---|---|
|                                | 1           | X  | 2  | 1             | X | 2 |
| 1. Belenenses-Porto .....      | 19          | 35 | 25 | 3             | 5 | 4 |
| 2. Chaves-Benfica .....        | 9           | 17 | 53 | 1             | 3 | 8 |
| 3. Guimarães-Boavista .....    | 62          | 15 | 2  | 9             | 2 | 1 |
| 4. Rio Ave-Elvas .....         | 66          | 12 | 1  | 9             | 2 | 1 |
| 5. Salgueiros-Farense .....    | 62          | 17 | 0  | 9             | 3 | 1 |
| 6. Académica-Marítimo .....    | 67          | 10 | 2  | 9             | 2 | 1 |
| 7. Portimonense-Varzim .....   | 70          | 8  | 1  | 10            | 1 | 1 |
| 8. Sporting-Braga .....        | 75          | 4  | 0  | 11            | 1 | 1 |
| 9. Leixões-Fafe .....          | 64          | 14 | 1  | 9             | 2 | 1 |
| 10. Trofense-Vizela .....      | 13          | 36 | 30 | 2             | 5 | 5 |
| 11. U. Leiria-U. Coimbra ..... | 31          | 34 | 14 | 4             | 5 | 3 |
| 12. Nacional-Setúbal .....     | 7           | 26 | 46 | 1             | 4 | 7 |
| 13. Estoril-E. Amadora .....   | 35          | 23 | 21 | 5             | 4 | 3 |

(\*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:  
X21 111 111 XX21

# Futebol: toda a Europa pensa no "europeu"

No Velho Continente, desenrolaram-se ontem diversos jogos de futebol enquadrados em grupos qualificativos para o torneio europeu do próximo ano. Resultados:

- Grupo 1: Áustria-Albânia, 3-0.
- Grupo 4: Inglaterra-Irlanda do Norte, 3-0.
- Grupo 5: Hungria-Holanda, 0-1 e Polónia-Grécia, 2-1.
- Grupo 6: Checoslováquia-Finlândia, 3-0.
- Grupo 7: Irlanda-Escócia, 1-1.

## Áustria-Albânia

Uma renovada selecção austríaca reconciliou-se com o seu público ao vencer a congénere da Albânia (por 3-0) em encontro do Grupo 1 da fase de apuramento do «Europeu».

O estreante Ogris inaugurou o marcador (aos 18 minutos) e Polster (decorridos dois minutos) confirmou a vitória com um espectacular remate executado a cerca de 20 metros da baliza de Kusta. Linzmaier (aos 77 minutos) «se- lou» a exibição de uma selecção austríaca onde três estreantes (Gerald Piesinger, Mafred Zsak e Andreas Ogris) justificaram plenamente a convocação.

A Áustria redimiu-se (assim) ante os seus adeptos, após perder na Roménia (em Setembro) por 4-0, num resultado que colocou em risco as posições dos responsáveis pela equipa.

As equipas alinharam:

Áustria: Lindenberger; Piesinger, Weber, Messlender e Brauner; Zsak, Linzmaier, Werner e Bausmeister; Ogris e Polster.

Albânia: Kusta; Zmijani, Cipi, Taho e Ocelli; Ferco (Omuri, 72), Josa, Demollari e Zijai; Kola e Minga.

Classificação actual do grupo:

|         | J | V | E | D | G   | P |
|---------|---|---|---|---|-----|---|
| Roménia | 1 | 1 | - | - | 4-0 | 2 |
| Áustria | 2 | 1 | - | 1 | 3-4 | 2 |
| Albânia | 1 | - | - | 1 | 0-3 | 0 |
| Espanha | - | - | - | - | -   | - |

Próximos jogos: 12 Novembro: Espanha-Roménia; 3 Dezembro: Albânia-Espanha.

## Inglaterra-Irlanda do Norte

Gary Lineker deu uma desagradável prenda de casamento ao técnico Billy Bingham, ao conduzir a selecção de Inglaterra à vitória sobre a Irlanda do Norte (3-0) em jogo do grupo 4 da fase de qualificação para o Europeu. Gary Lineker, o melhor goleador do Mundial (no México) marcou (aos 33 e aos 80 minutos) enquanto Chris Waddle completou (aos 78) um desfecho aborrecido para o dia de casamento do técnico Billy Bingham.

Os irlandeses mostraram-se novamente uma equipa difícil de vencer, com um futebol incaracterístico mas envolvente e só a perícia de Gary Lineker lhes fez «baixar os braços».

A Irlanda apresentou no lugar do «lendário» Pat Jennings o estreante guarda-redes Philippe Hughes (de 21 anos) que não comprometeu a equipa.

O 1.º golo do jogo surgiu aos 33 minutos, na sequência de um canto apontado por Glenn Hoddle, que foi rechaçado para os pés «afinados» de Lineker, que não se fez rogado em aproveitar o ensejo. Apesar do domínio exercido a meio-campo, a Inglaterra só confirmou a vitória na 2.ª parte, demonstrando ausência de soluções na penetração da defesa contrária.

As equipas:

Inglaterra: Peter Shilton; Viv Anderson, Terry Butcher, Dave Watson e Kenny Sansom; Chris Waddle, Glenn Hoddle, Bryan Robson e Steve Hodge; Peter Beardsley (Mark Hateley) e Gary Lineker.

Irlanda do Norte: Philippe Hughes; Gary Fleming, John McLelland, Alan McDonald e Nigel Worthington; David Campbell, Mat Donaghy, Norman Whiteside (Sammy McIntroy) e Ian Stewart; Steve Penney (Jimmy Quinn) e Colin Clarke.

|            | J | V | E | D | G   | P |
|------------|---|---|---|---|-----|---|
| Inglaterra | 1 | 1 | - | - | 3-0 | 2 |
| I. Norte   | 1 | - | - | 1 | 0-3 | 0 |
| Jug./Turq. | - | - | - | - | -   | - |

Próximos jogos: 29 Out.: Jugoslávia-Turquia; 12 Nov.: Inglaterra-Jugoslávia; 12 Nov.: Turquia-Irlanda do Norte.

## Hungria - Holanda

Marco Van Basten garantiu a vitória tangencial da Holanda sobre a Hungria (1-0) em jogo do Grupo Cinco da fase de qualificação do Campeonato da Europa, disputado em Budapeste. A Holanda conseguiu um inesperado êxito em terreno adversário, mas ficou a dever a si mesma a diferença mínima, por não ter sabido concretizar em golos o



Gary Lineker: nunca mais o técnico irlandês Bingham vai esquecê-lo, no dia do casamento

domínio exercido.

O único golo do jogo surgiu aos 68 minutos, quando Guillit recolheu um lançamento de Van Basten, contornou a defesa Jozsef Kardos e esperou a saída da guarda-redes Jozsef Szendrai antes de lateralizar para Basten que, a dois metros da baliza, não perdoou.

Frank Rijkaard foi a principal figura do jogo, pautando a articulação do meio-campo holandeses: mas Van Basten e Simon Tamahata estiveram igualmente em evidência a destroçar o último reduto húngaro.

Por seu lado, a equipa local só dispôs de duas situações de marcar, ambas originadas pela complacência dos defesas holandeses: face à inexpressividade atacante dos adversários, os lances perderam-se. E a Holanda poderia ter chegado à vitória logo na 1.ª parte, quando Van Basten (aos 44 minutos) rematou de boa posição, mas a bola acabou por embater na face inferior da barra.

As formações:

Hungria: Jozsef Szendrai; Sándor Sallai, Atilla Pinter, János Preszeller e Jozsef Kardos; Imre Garaba, Kalman Kovacs, Antal Roth (Jozsef Keller, 66) e Imre Boda (Jozsef Szekeres, 65); Lajos Detari e Marton Esterhazy.

Holanda: Hans Van Breukelen; Sonny Silogy, Ronald Spelbos, Frank Rijkaard e Adri Van Tiggelen; Jan Wouters, Johnny Van Tschip, Ronald Koeman e Marco Van Basten; Ruud Gullit e Simon Tamahata.

## Polónia-Grécia

Dois golos na transformação de grandes penalidades deram o êxito à Polónia sobre a Grécia por 2-1, em jogo do Grupo 5 de apuramento para o «Europeu». O resultado nasceu ainda na 1.ª parte e o polaco Dariusz Dziekanowski foi o autor dos «penal- tis», aos 5 e 40 minutos. O golo

da Grécia foi apontado por Nikos Anastopoulos aos 13 minutos.

A Polónia, apesar de desfalcada da sua «estrela» Boniek (afadado da selecção após o «Mundial» do México) realizou boa exibição, utilizando um sistema táctico inovador, com apenas três defesas, mas com outros tantos pontas-de-lança.

A pressão dos polacos surgiu logo nos minutos iniciais e uma carga sobre Smolarek, dentro da grande área, determinou a primeira grande penalidade da partida, convertida por Dziekanowski. A Grécia reagiu e oito minutos depois o «capitão» da equipa (Anastopoulos) empatou a partida: mas, perto do intervalo, Dziekanowski voltou a marcar de «penalty». No tempo complementar, o factor mais importante da partida ficou assinalado com o abandono do autor dos golos polacos, devido a lesão num dos joelhos, logo aos 46 minutos.

Sob a direcção de Emílio Soriano Aldaren (espanha) alinharam:

POLÓNIA: Kazimierski; Pawlak, Krol, Ostrowski e Prusik; Karas, Matysik, Tarasiewicz e lesniak; Dziekanowski (Urban aos 46m) e Smolarek (baran aos 65m).

GRÉCIA: Minou; Xantopoulos, Alavantas, Manolas e Michos; Mavrides (Batsinilas aos 73m), Kofides, Antoniou e Skartados (Apostolakis, aos 87m); Anastopoulos e Saravakos.

Estes foram os primeiros encontros do grupo 5, cuja classificação é a seguinte:

|         | J | V | E | D | G   | P |
|---------|---|---|---|---|-----|---|
| Polónia | 1 | 1 | - | - | 2-1 | 2 |
| Holanda | 1 | 1 | - | - | 1-0 | 2 |
| Grécia  | 1 | - | - | 1 | 1-2 | - |
| Hungria | 1 | - | - | 1 | 0-1 | - |
| Chipre  | - | - | - | - | -   | - |

Próximos jogos: 12 Novembro: Grécia - Hungria; 19 Novembro: Holanda - Polónia; 13 Dezembro: Chipre - Grécia; 21 Dezembro: Chipre - Holanda.

## Checoslováquia-Finlândia

A Checoslováquia estreou-se com um sucesso (3-0) sobre a Finlândia em encontro do grupo 6. A Finlândia jogou 50 minutos com apenas 10 homens devido à expulsão do substituto Ari Valvee, o que beneficiou a tarefa à turma checoslovaca. Valvee foi expulso na sequência do segundo cartão amarelo mostrado pelo árbitro grego Georgi Gemarkos.

O primeiro golo dos checos surgiu aos 37 minutos, por intermédio de Petr Janecka, mas o 2.º ocorreu seis minutos mais tarde, por Ivo Knoflíček. Karel Kula apontou o 3.º teto, aos 67 minutos, acentuando a vitória da Checoslováquia, campeã da Europa em 1976.

As equipas:

Checoslováquia: Ludek Miklosko; Stanislav Levy, Frantisek Straka, Jan Fiala e Ivan Hasek; Lubos Kubik (Jiri Ondra, 74),

Petr Janecka, Josef Chovanec e Tomas Skuhravy (Stanislav Griga, 81); Karel Kula e Ivo Knoflíček

Finlândia: Kari Laukkanen; Esa Pekkonen, Jukka Ikalainen; Kari Rantanen e Ekka Petaia; Jari Europaeus, Markus Toernvall, Kari Ukonnen e Aasi Tourinainen (Ari Valvee, 29); Mikka Lipponen e Ari Hjelm (Petri Ikalainen, 3).

Classificação actual do grupo:

|             | J | V | E | D | G   | P |
|-------------|---|---|---|---|-----|---|
| Checoslov.  | 1 | 1 | - | - | 3-0 | 2 |
| P. de Gales | 1 | - | 1 | - | 1-1 | 1 |
| Finlândia   | 2 | - | 1 | 1 | 1-4 | 1 |
| Dinamarca   | - | - | - | - | -   | - |

Próximos jogos: 29 Out.: Dinamarca-Finlândia; 12 Nov.: Checoslováquia-Dinamarca.

## Irlanda-Escócia

O guarda-redes escocês Jim Leighton foi o grande responsável pelo empate a zero golos registado no encontro entre a Irlanda e a Escócia a contar para o grupo 7. Leighton (28 anos) jogador do Aberdeen, frustrou por completo as intenções dos avançados irlandeses, ao efectuar um bom número de defesas difíceis que negaram o golo à equipa da Irlanda.

A Escócia, que registou o seu 2.º empate sem golos no grupo 7, também continua sem talento para marcar depois de, perante a Bulgária, o seu ataque ter ficado igualmente em branco.

A turma escocesa deve ao seu guarda-redes Leighton, a conquista do 2.º ponto na fase de apuramento, depois de ter passado por momento muito difíceis durante os 90 minutos. O «show» de Leighton começou aos 30 minutos, quando impediu o sucesso do remate do centrocampista irlandês Paul McGrath, desferido dentro da grande área na zona frontal à baliza.

Sob a direcção de Einar Halle (Noruega) alinharam:

Irlanda: Pat Bonner; David Langan, Mick McCarthy, Kevin Moran (Gerry Daly aos 72m) e Jim Beglin; Ray Houghton, Paul McGrath, Liam Brady e Kevin Sheedy; Frank Stapleton e John Aldridge.

Escócia: Jim Leighton; Ray Stewart Gough, Alan Hansen e David Narey; Gordon Strachan/ Paul McStay, Charlie Aitken e Murdo MacCled; Graeme Sharp e Maurice Johnston.

A classificação actual do grupo é a seguinte:

|          | J | V | E | D | G   | P |
|----------|---|---|---|---|-----|---|
| Bélgica  | 2 | 1 | 1 | - | 8-2 | 3 |
| Irlanda  | 2 | - | 2 | - | 3-3 | 2 |
| Escócia  | 2 | - | 2 | - | 1-1 | 2 |
| Bulgária | 1 | - | 1 | - | 0-0 | 1 |
| Luxemb.  | 1 | - | - | 1 | 0-6 | 0 |

Próximos jogos: 12 Nov.: Escócia-Luxemburgo e 19 Nov.: Bélgica-Bulgária.

## «Esperanças»

A selecção italiana de «Esperanças» (jogadores com menos de 21 anos) venceu em Roma a sua congénere da Espanha, por 2-1, em jogo da 1.ª mão da final da «Taça da Europa» daquela categoria. Ao intervalo a Espanha ganhava por 1-0, golo de Calderé, aos 35 minutos. A Itália empatou por intermédio de Vialli (aos 49 minutos) e Giannini fez o tento da vitória italiana (aos 77).

O encontro da 2.ª mão terá lugar em Valladolid, no dia 29 do corrente.

## Europeu: juniores

A equipa da República Democrática Alemã venceu o 5.º campeonato da Europa de futebol de juniores, ao derrotar na final a Itália, por 3-1 em Subotica (Jugoslávia). Os italianos foram os primeiros a marcar, por Impallomeni (aos 17 minutos) os tentos da RDA foram apontados depois por Kruse (30), Sammer (42) e Koeller (81).

## Particular

A Espanha empatou (2-2) com a Alemanha Federal, em jogo particular de futebol realizado em Hanover. A selecção espanhola venceu ao intervalo por 1-0, golo de Butragueño (aos 44 minutos). A pressão germânica na 2.ª parte virou o resultado, com golos de Waas (aos 61 minutos) e Rahn (70) mas a Espanha igualou (78) com uma grande penalidade convertida por Goicoechea.

O técnico alemão federal, Franz Beckenbauer, disse (no fim do jogo) que dois erros provocaram os golos espanhóis, mas acrescentou ter ficado satisfeito com a actuação da equipa germânica.

## Modalidades

### Motocrosse: pilotos formam associação

Reunidos em sessão de assembleia geral, os pilotos de motocrosse resolveram dar existência legal à Associação de Pilotos de Motocrosse, tendo sido eleitos os membros dos diversos órgãos que passam a ter a seguinte constituição: assembleia geral: Marco Alemão (presidente) e Jorge Ró e Luís Heitor (vice-presidentes); direcção: Álvaro Pereira, Mário Kalssas, Luís Corvinho, César Peixe e João Barosa; conselho fiscal: Jorge Cavaleiro, Adriano Lopes e Carlos Crespo.

Foi igualmente resolvido manter o esquema actual do campeonato de infantis e iniciados.

## SPORTING BARCELONA

1.ª PARTIDA  
4 DIAS - 21 A 24 OUT  
COM VISITA A ANDORRA  
3 NOITES DE ALOJAMENTO  
PEQ. ALMOÇO E TRANSPORTE

18 000\$00

TRANSPORTE E PEQ. ALMOÇO  
DO 1.º DIA

10 500\$00

2.ª PARTIDA:  
DIA 21 AS 18 HORAS  
(DIRECTA)

TRANSPORTE E ALOJAMENTO

13 500\$00

Reservas e informações

AVIC

AV. 5 DE OUTUBRO, 53  
TEL. 521116 - 521117 - 521970  
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS  
GROSSISTA 473/85

## Marselha-Bordéus: todos querem ver

Mais de 150.000 pessoas estão a tentar comprar ingressos para o encontro de amanhã, entre o 1.º e 2.º classificado do campeonato francês de futebol da 1.ª divisão (Bordéus e Marselha). O Bordéus, adversário do Benfica da 2.ª eliminatória da «Taça das Taças» (que soma já 13 vitórias no campeonato) encontra-se lançado para conquistar o 3.º título, enquanto o Marselha irá tentar colocar um «travão» aos sucessos da equipa girondina.

Os bilhetes para o encontro entre o Bordéus e o Marselha estão já praticamente vendidos, pelo que o mercado negro será o local onde grande parte dos «atrasados» vão poder comprar os ingressos, sabe-se lá por que custo.

A propósito: o técnico britânico Mortimore deverá ir «espiar» este jogo

## "Taceiros" recordam 1956

Elementos das equipas do Sport Clube União Torreense e do FC do Porto que, em 1956, disputaram (no Jamor) a final da Taça de Portugal em futebol, vão reencontrar-se no dia 8 de Novembro. O jogo-efeméride, integrado nas festas da cidade de Torres Vedras, partiu de uma iniciativa dos responsáveis autárquicos, a que os dois clubes prontamente aderiram.

Há mais de 30 anos (precisamente a 27 de Maio de 1956) o FC do Porto venceu o Torreense por 2-0, na única final da Taça de Portugal disputada pelo clube de Torres Vedras, que atingiu os quartos-de-final da prova em duas outras ocasiões.

## EUA interditam golfistas filipinos

As Filipinas não vão participar no Campeonato Mundial de Golfe em Caracas (Venezuela) devido ao Estados Unidos não terem concedido vistos aos seus jogadores, revelou o treinador da equipa, Jake Ayson, referindo que a Embaixada dos Estados Unidos recusou a passagem de vistos de entrada a três jogadores filipinos: Robert Pactolerin, Dave Hernandez e Willie Victoria.

O treinador da selecção filipina de golfe adiantou que os seus jogadores ficaram retidos em São Francisco e agora era muito tarde viajar para Caracas (via Europa). A Venezuela não tem representação diplomática em Manila.

## Hamilton: adeus, futebol

O jogador irlandês Billy Hamilton, avançado na selecção do seu país no Mundial-86, anunciou que vai abandonar o futebol devido a lesão no joelho. Hamilton (29 anos) foi já por três vezes operado ao joelho direito sem registar qualquer evolução no seu estado.

**Esta lesão acabou por me vencer,** disse Hamilton, a militar na equipa inglesa de Oxford: **Tenho participado em diversos jogos mas as dores são muito fortes.**

Hamilton, com 41 internacionalizações, adiantou que os médicos tinham avisado que caso não abandonasse a sua actividade de jogador correria o risco de agravar a lesão no joelho.

## Itália: golos, precisam-se

O sistema de conceder três pontos por vitória, utilizado actualmente no campeonato inglês, poderá ser em breve «transplantado» para a Liga transalpina, numa tentativa de pôr termo à crise que afecta o futebol italiano.

Vários dirigentes italianos estão preocupados com a baixa média de golos por jogo que se regista na 1ª divisão transalpina, defendendo a aplicação do sistema inglês como forma de evitar o excessivo número de empates verificados no «calcio».

A experiência de premiar a vitória com três pontos deu bons resultados no campeonato inglês: desde que a decisão foi adoptada (em Fevereiro de 1981) marcaram-se mais golos e diminuíram os empates a zero.

Um dos principais defensores da «receita inglesa» é o novo seleccionador nacional transalpino, Azeglio Vicinim.

A ideia foi bem recebida por Franco Carraro (comissário extraordinário da Federação de Futebol Italiana) que não teme inovações razoáveis e considerou que a hipótese de premiar o vencedor com três pontos deve ser estudada.

Contudo, para outros responsáveis (como o ex-técnico da «squadra azzurra», Edmondo Fabri) a alteração seria o fim do equilíbrio, característica que torna bela a Liga transalpina.

Eugénio Fascetti (técnico do Lazio) considerou a proposta interessante, enquanto o sueco Sven Eriksson (treinador do Roma) e Rino Marchesi (responsável pela Juventus) defenderam que o facto de um domingo ser fraco em golos não justifica a implementação de medidas transcendentais, pois no seguinte pode haver uma «chuva de tentos».

## Enzo Bearzot: novas funções

O ex-seleccionador italiano Enzo Bearzot (campeão mundial em 1982) vai ser o «elo de ligação» entre a Federação, os jogadores e os patrocinadores da equipa transalpina.

O futebol entrou numa nova dimensão, tem à sua frente problemas sempre novos e muitas vezes a selecção não está preparada para enfrentá-los, disse Bearzot.

# Eurico: um campeão está de volta!

Óptima notícia para os adeptos do futebol português e, muito especialmente, para os admiradores do defesa «internacional» Eurico: aí o temos de novo, quase na plenitude de todos os recursos físicos e técnicos. Eurico regressou à competição após uma ausência de cerca de 14 meses. E, jubilosamente, afirma: «Este dia vai constituir o marco mais importante da minha vida.» Eurico, que reconheceu não estar ainda a «cem por cento», acusou «uma indiscreta emoção» quando Artur Jorge lhe anunciou a convocação para o jogo de reservas com o Trofense.

O futebolista do FC Porto estava afastado da competição desde 26 de Agosto de 1985, data em que se lesionou na jornada inaugural do campeonato nacional, frente ao Benfica. Eurico disputava uma bola com o benfiquista Nunes quando, do choque, resultou uma fractura da tibia e perónio (em dois sítios).

A poucos dias do aguardado regresso, Eurico sofreu um acidente de viação que destruiu o carro em que viajava: o atleta contraiu (então) uma lesão num pé.

Ontem, aplaudido por milhares de espectadores, quando (nas Antas) Festas o substituiu no jogo com o Trofense, o «internacional» portista concluiu em jeito de recado:

**«Para aqueles que não acreditavam no meu regresso, Eurico não morreu e ainda vai incomodar muita gente que anda no nosso futebol!»**

Esta manhã, Eurico afirmou aos microfones da Rádio Comercial:

**— Sinto uma felicidade enorme, porque o meu regresso aos estádios foi feito em pleno, sem qualquer problema. Tive receptividade total ao jogo, fruto da boa recuperação que efectuei. E creio que mostrei, a quem que fosse, que continuo em actividade e disposto a jogar todas as minhas cartadas para recuperar o lugar a que me julgo**

com direito.

Parabéns, Eurico. Que o retorno seja completo reencontro com a fama, a popularidade, o prestígio e (também) o lucro que de tudo isso merece um atleta de alta estirpe.

**Jordão: que futuro?**

Parece que está quase desbloqueada a situação de clivagem entre Manuel José e Jordão, acreditando-se que ainda esta semana o dianteiro «internacional» volte a treinar em Alvalade, dado que continua contratado pelo Sporting (até ao final da temporada) e os «leões» não possuem tal abundância de goleadores que possam permitir-se ao luxo de deixar na bancada um atirador de renome internacional.

**«Chuva» de brasileiros**

É o fim da picada: mais brasileiros vêm para o futebol português, embora pareça provado (a gregos e troianos) que dispomos de gente suficiente para organizar sete ou oito selecções nacionais de idêntico valor. Agora, são empresários do lado de lá do Atlântico que querem exportar Marlon (para o Sporting), Ademir e Lourival (que acompanham o presidente farense Fernando Barata ao regresso ao nosso país). Pingo e Ivan (destinados ao Sporting de Espinho).

**Cassiano Gouveia no União de Leiria**

O professor Cassiano Gouveia é o novo treinador do União de Leiria, substituindo no cargo António Jerónimo. Cassiano Gouveia, antigo jogador e treinador adjunto no Sporting Clube de Portugal, assinou ontem o contrato.

António Jerónimo apresentou o pedido de demissão e garante que, este ano, não vai treinar mais nenhum clube, indo antes trabalhar com o pai, funcionário alfandegário.

O presidente da direcção do clube leiriense (Aníbal Ferreira), disse «estranyar» o modo

como António Jerónimo se despediu. «pois» — (disse) — «Foi ele mesmo que escolheu o actual «plantel» do clube», que milita na 2.ª divisão nacional.

Dirigentes e jogadores do União de Leiria tentaram demover o treinador de se demitir.

Cassiano Gouveia, que presentemente não treinava nenhum clube, é proprietário de uma casa de artigos desportivos, em Leiria.

**Sporting «goleia» o First**

Sem o mínimo problema, o Sporting bateu (9-0) os rapazes do First Portuguese, num jogo particular desenrolado em Alvalade. As formações:

Sporting: Vital; Gabriel, Duílio, Morato (Virgílio, 45) e Fernando Mendes; Zinho, Oceano, Negrete (Litos, 45) e Mário (Mário Jorge, 45); Manuel Fernandes (McDonald, 45) e Ralph Meade.

Marcadores: Duílio (30), Manuel Fernandes (40), Negrete (45), MacDonald, 55, 66 e 87), Litos (77), Meade (80), (Zinho, 82).

First Portuguese: Coelho; (Gallop, 45); Pereira, Rodrigues, Kovacs e Simões; Furtado, Carvalho, Ernesto, Bolota e Tavares; McNaught. Jogaram ainda Amorim, Williams, Vitorino e José Furtado.

**Reservas lisboetas**

Jogos para o campeonato lisboeta de reservas: Estrela da Amadora, 1-Benfica, 2 e Atlético, 2-Belenenses, 3. «Teams» e marcadores:

● No campo do Estrela da Amadora, sob a arbitragem de António Fernandes.

Estrela: Melo; Mota, Patan, Trindade e Cartaxo; Salvado, Isima, Pedro e Jonas (Parreira, aos 74m); Nascimento e José Manuel.

Benfica: Neno; José Carlos, Edmundo, Bastos Lopes e Gonçalves; Rui Pedro, Tueba, José Luís e Paulo Guilherme; José Fernandes e César Brito.



**Eurico: o regresso de um «craque»**

Marcadores: José Manuel, aos 22, pelo Estrela; Edmundo, aos 37 e César Brito, aos 83, pelo Benfica. Cartão amarelo a Melo, aos 87.

● Na Tapadinha, arbitrado por Tavares da Silva:

Atlético: Ulisses; Eusébio, Jeremias, Mário Tito (Marinho, aos 58), Franque; Cristóvão, Óscar (cap.), Martins (Portela, aos 36) e Pedras; Gerúsio e Raul José.

Belenenses: Justino; Galo, Murça (cap.), Vivaldo e Pinheiro, (Manata, aos 45); Hilário, Jorge Abreu, Gonçalves e Paulo Monteiro; Paulo César e Venâncio.

Marcadores: Venâncio, aos 12 e 50 minutos e Hilário, aos 46; pelo Belenenses; Gerúsio aos 29 e 83, pelo Atlético. Cartão amarelo a Hilário, aos 25 e Franque, aos 64m.

**Carlos Gomes quer treinar**

O ex-guarda-redes «internacional» Carlos Gomes quer voltar a Portugal para treinar uma equipa da II ou III divisão. O famoso antigo campeão nacional reside actualmente em Espanha.

# Ténis: torneio TAP-Air Portugal já só tem estrangeiros

O argentino Eduardo Masso, o alemão-federal Thorben Theine e o austríaco Stephan Lochbiheler obtiveram os resultados mais desníveis nos oitavos-de-final do torneio de ténis da RTP, primeira prova do circuito satélite «Tap-Air Portugal».

Eduardo Masso venceu o dinamarquês John Larsen (6-0 e 6-2), Thorben Theine eliminou o jugoslavo Cica Zeljko (6-0 e 6-1) e Stephan Lochbiheler ganhou ao alemão-federal Christoph Schaal (6-1 e 6-0). Outros resultados dos oitavos-de-final de singulares: Axel Hornung (RFA) — Oli-

ver Freund (RFA), 2-6, 6-6, 7-6 (7-3); Juan Rios (P. Rico) — Mark Krippendorf (Suíça), 2-6, 6-3, 7-6 (7-3); Thomas Nidahl (Suécia) — Antonio Altobelli (Itália), 6-1, 6-7 (5-7) e 6-2; Patricio Parrini (Itália) — Stephan Bienz (Suíça), 7-5 e 6-1; Stefano Mezzadri (Itália) — Patrick Wenberb (Suécia) 7-5 e 6-3. Os quartos-de-final do torneio, a decorrer no Jamor, disputam-se hoje.

**Navratilova logra milésima vitória**

A checoslovaca Martina Navratilova (naturalizada

norte-americana) obteve a sua 100.ª vitória em torneios internacionais, ao derrotar a francesa Nathalie Tauziat (6-3, 6-2). O feito de Navratilova ocorreu no torneio de ténis de Filderstadt (Alemanha Federal), com um valor total de prémios de 175 mil dólares. Navratilova, que no próximo sábado completa 30 anos, comemorou assim antecipadamente o seu aniversário, conservando no «ranking» mundial a posição cimeira.

**Veteranos em acção**

O 2.º torneio internacional de ténis de veteranos, com pré-

mios no valor de 500 contos, terminou em Vilamoura, com a vitória de quatro portugueses e uma estrangeira, esta em duas finais. Participaram no torneio, que decorreu no Clube de Ténis de Vilamoura, 58 veteranos, de diversas nacionalidades, entre os quais três os jogadores da «Taça Davis».

Os vencedores das finais foram Alfredo Vaz Pinto (45 anos), Virgílio Coutinho (55 anos), Peggy Brixhe (mulheres: 40-50 anos), José Mendonça, e Delfino A. (pares homens, 45-55 anos) e Vaz Pinto e Peggy Brixhe (pares mistos).



**Dias da URSS em Portugal**

## Vem aí a arte e a cultura da Geórgia

**A actuação do grupo artístico profissional «Rustavi» integrado por 35 elementos, constituirá uma das iniciativas de maior interesse dos «Dias da URSS» em Portugal, que decorrem a partir do próximo dia 26, promovidos pela Geórgia.**

É a segunda vez que a arte e a cultura da mais rica República soviética, chamada na Antiguidade «Ibéria», que tem a vinha como a maior riqueza económica — produzindo alguns dos melhores vinhos do mundo — e as praias do mar Negro como máxima atracção turística que a elevaram à categoria de «balneário nacional», está representada nos «Dias da URSS» que vão na sua 12.ª edição e já foram promovidos por outras oito Repúblicas: Azerbaijão, Moldávia, Rússia, Casaquistão, Arménia, Estónia, Usbequistão e Tajiquistão.

A par da actuação do conjunto folclórico, que inclui no seu repertório danças espectaculares que traduzem o passado guerreiro dos georgianos, que depois de enfrentarem, no séc. I a.C. o expansionismo romano, tiveram de combater a Pérsia, Bizâncio, o Califado Árabe, a Turquia e a Mongólia, a cultura milenar da Geórgia estará patente em diversas cidades portuguesas através de exposições de artesanato e de pintura assim como da sua gastronomia.

### Início no Funchal

Um espectáculo com o grupo «Rustavi», no dia 26 de Outubro, no «Casino», dará início no Funchal aos «Dias da URSS». O colectivo artístico, que actuará na Madeira nos dias 27, 28 e 29, exhibir-se-á seguidamente no continente nos seguintes dias e locais: 31 de Outubro — Porto: Teatro Rivoli; 1 de Novembro — Vila Real de Santo António: Cine Real; 2 de Novembro — Viana do Castelo: Teatro Sá de Miranda; 3 de Novembro — Braga: Teatro Circo; 4 de Novembro — Viseu: Auditório da Feira de S. Mateus; 6 de Novembro — Tortosendo: Unidos Futebol Clube; 7 de Novembro — Portalegre: Teatro Cine-Crisfal; 8 de Novembro — Lisboa: Coli-

seu dos Recreios; 9 de Novembro — Almada.

Os pratos tradicionais da cozinha georgiana serão confeccionados por um cozinheiro de origem em almoços e jantares de convívio em Lisboa, Silves, Sintra, Évora e Amadora.

### 2500 anos de tradição vinícola

Os cerca de 5,2 milhões de habitantes da Geórgia que se estende por 69 700 km<sup>2</sup>, vivem fundamentalmente das riquezas da terra. A República, que representa 3 por cento da superfície da URSS, fornece 99 por cento dos citrinos e 95 por cento do chá produzidos no país soviético.

Com o cultivo de 500 castas de uvas em cerca de 150 mil hectares, só as adegas «Sancrest» produzem 60 marcas diferentes de vinhos naturais, 12 de licores e 10 de champanhe, distinguidas em feiras internacionais com 136 medalhas de ouro e 112 de prata — é o maior produtor e exportador de vinhos, champanhes e conhaques da URSS. Tendo um subsolo rico em manganésio, carvão, petróleo e barita, a Geórgia tem actualmente uma indústria florescente. O aço de Rustaveli e as máquinas-ferramenta de Tbilissi são mundialmente conhecidas. O país fabrica ainda instrumentos de precisão, locomotivas eléctricas, aviões, automóveis, motores para navios, máquinas para a indústria alimentar, fibras sintéticas, móveis, calçado, máquinas de recolha de chá e equipamento para a indústria vinícola.

A cultura da Geórgia é muito rica e antiga. O poeta Chota Rustaveli, considerado um dos percursores da Renascença na literatura mundial (séc. XII), o romancista David Imedochvili, o compositor Otar Taktakishvili, são filhos da Geórgia. Maikovski nasceu lá. Na arte cinematográfica actual destaca-se

uma pléiade de cineastas de projecção mundial: Otar Iossiliani, os irmãos Eldar e Gueorgui Chingelidze, Serguei Paradjanov, Lana Gogoberidze.

É de salientar que o título mundial da xadrez feminino pertence às mulheres georgianas desde 1962 não sendo o facto de estranhar já que é tradição muito antiga que todo o enxoval da noiva contenha um tabuleiro de xadrez.

### Ballet inspirado em conto de Tchekov em cena no Bolchoi

A peça balética «Aniuta» com coreografia de Vladimir Vassiliev — que é também um dos principais intérpretes ao lado de Ekaterina Maximova — e música de Valeri Gavriline, estreou no Teatro Bolchoi.

«Éxito colossal», «acontecimento no ballet», eis como a imprensa soviética se refere a este bailado criado por Vassiliev em 1982, especialmente para a Televisão, e que é agora apresentado nos palcos moscovitas numa nova versão, «mais enriquecida» e com «um tema mais alargado» tal como já subira à cena no teatro napolitano de «San Carlo», em Janeiro de 1986. Vassiliev montou «Aniuta» em Nápoles, correspondendo à proposta de Francesco Canessa de fazer representar no teatro de ópera e ballet daquela cidade «um tema russo».

O êxito obtido em Itália por esta peça, que tem tido sempre como intérpretes principais o trio Vassiliev-Maximova-Gali Abaidulov, levou o coreógrafo a incluí-la na primeira temporada do Bolchoi.

A peça, inspirada no conto de Anton Tchekov «Uma Ana ao Pescado» (traduzido em português) tem por cenário uma pequena capital de distrito onde a sociedade local é composta por funcionários públicos e respectivos, proprietários e raparigas casadoras.

A heroína da história é Ana — chamada familiarmente Aniuta — uma jovem de 18 anos a quem

a mãe morreu recentemente e cujo pai afoga em álcool a sua inconsolável viuvez. O lar foi invadido pela miséria, os móveis hipotecados para pagar as dívidas. Para ajudar a família Aniuta casa com um funcionário rico e idoso.

Com o enlace, a vida da jovem sofre uma mudança radical. Aclamada «rainha» do baile da assembleia da nobreza, passa a ter a seus pés as pessoas mais influentes da cidade e os seus dias e noites decorrem numa sucessão de visitas de admiradores, passeios, piqueniques, espectáculos. O marido, Modest Alexeev, tem dificuldade em pagar as facturas da modista da mulher que, envolvida num turbilhão de prazeres, esquece os irmãos e o pai que se degrada cada vez mais.

Entretanto Modest é agraciado com a «Ordem de Santa Ana», do segundo grau, passando a ter «uma Ana ao pescoço e outra às costas» como, muito graciosamente, lhe fez notar «Sua Excelência».

«Aniuta» é considerado um acontecimento importante no ballet, na medida em que faz regressar o nosso bailado às tradições de um teatro de actores, de um teatro emocional. Os caracteres das personagens são fortemente pronunciados, principalmente no que se refere às principais figuras», diz Vassiliev que criou «Aniuta» depois de escutar uma série de peças musicais de Valeri Gavriline. «Adorei estas obras que faziam lembrar os velhos romances russos cheios de nostalgia, fé inabalável, sede de amor, esperança», sublinha o coreógrafo.

A música de Gavriline, a coreografia de Vassiliev e o talento de Maximova como bailarina e actriz dramática, que constitui com Vassiliev o par mais famoso do Bolchoi, são as pedras basilaras do «êxito retumbante» de «Aniuta» que a par de «A Gaivota» e de «A Dama do Cãozinho» — coreografados e dançados por Maia Plissetskaia — transpõem para o ballet o universo tchekoviano.

Novosti

### Na Escola Superior de Belas-Artes

## Abre hoje a Interarte USL 86

Presente a partir de hoje na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, por iniciativa da União de Sindicatos de Lisboa, o Espaço Interarte USL 86.

Trata-se de um concurso bienal de artesanato, artes plásticas e visuais (pintura, desenho, escultura e fotografia), letras (conto, poesia e crónica) e ensaio, cuja primeira edição se efectuou em 1984, com mais de 100 participantes que produziram 200 obras de Artes Plásticas e Artesanato e mais de 3000 páginas de texto, cuja exposição final contou com cerca de 3000 visitantes.

A Interarte decorre num espaço especialmente concebido por dois artistas plásticos da ESBAL: um local onde a funcionalidade do espaço e a vertente estética se conjugam para permitir olhar com um prazer renovado as obras em exposição e se participa nas diversas actividades de animação que em simultâneo se irão desenrolando, como sejam o teatro, a dança, a mímica, o canto e o circo.

E porque se trata de uma iniciativa que «mexe com o outro lado da vida», com a

criação e o sonho, existe a motivação para se falar de maneiras inovadoras de coisas velhas ou introduzir problemáticas um pouco arredadas do nosso dia-a-dia: a criação e a utilização sociais das artes, o significado cultural das tradições artesanais, os sonhos e os percursos individuais na construção de uma sociedade, as margens da sociedade.

Em suma, o Espaço Interarte USL 86 é um espaço onde a Arte acontece e propicia um tempo de olhar/participar nas coisas pelo lado do prazer.

O Interarte atribuirá prémios pecuniários aos primeiros e segundos classificados em cada modalidade, bem como livros e diversos materiais e menções honrosas, sendo entregue a todos os concorrentes um símbolo de participação.

Ontem, ao fim da tarde, a Interarte USL 86 foi apresentada à Imprensa. A partir de hoje e até dia 27, com entrada livre, esta manifestação cultural pode (e deve, dizemos nós) ser visitada entre as 17 e as 22,30, sábados e domingos das 15 às 22,30.

### Na Faculdade de Letras de Lisboa

## Primeiras Jornadas de História Medieval

Promovidas pelo Centro de História da Universidade de Lisboa e por iniciativa da Linha de Investigação dirigida pelo professor doutor Francisco de Salles Loureiro, começam hoje na Faculdade de Letras de Lisboa (Universidade Clássica) as 1.ªs Jornadas de História Moderna. As sessões de trabalho e a apresentação de comunicações prolongam-se até ao dia 19.

Os temas de trabalho abrangem a Historiografia, a História Regional e Local, Ciência e Cultura, Política e Instituições, Sociedade e Economias, Expansão e Sociedades Ultramarinas. As Jornadas são orientadas por uma Comissão Científica composta pelos professores J. Veríssimo Serrão, Luís Albuquerque, José Sebastião Silva Dias, Oliveira Ramos, António Oliveira, Salles Loureiro, Isáias da Rosa Pereira, Maria do Rosário Themudo Barata. Os dres. António Borges Coelho, António Marques de Almeida, Carlos Margaça Veiga, Fernanda Lucena Ferreira, Manuela Mendonça e Maria Benedita Araújo constituem a Comissão Executiva.

A iniciativa é apoiada pela Reitoria da Universidade de Lisboa, pela Reitoria da Universidade de Évora, Direcção-Geral de Turismo, Câmara Municipal de Évora, Câmara Municipal de Lisboa, Câmara Municipal de Sintra, Caixa Geral de Deposi-



tos, Companhia de Seguros Bonança, Farmácia Mendonça, Sociedade Central de Cervejas.

Na sessão de abertura usaram a palavra os professores doutor J. Veríssimo Serrão («O Conceito de História Moderna em Portugal») e doutor Luís de Albuquerque («D. João de Castro — o Homem e a Obra»). Para presidir à sessão de trabalhos desta tarde está indicado o professor doutor J.S. da Silva Dias.

O professor Francisco Assis Barbosa, do Brasil, dissertará sobre «Brasil de D. João VI».

# DEREK BAILEY E EVAN PARKER:

## Primeira geração de improvisadores dá notícias

Rui Eduardo Paes

Foi ontem o último dos concertos do ciclo «Nova Música Improvisada», decorrido no Centro de Arte Moderna, acabando com os emblemáticos da primeira geração deste género musical tipicamente europeu que sucedeu ao «free jazz» dos anos 60: Derek Bailey e Evan Parker.

Tocaram ambos sentados, dando o tom de uma música interiorizada e centrada nas expressões individuais dos instrumentistas e no seu jogo de relacionamento. Uma música, portanto, evoluída em elementos mínimos e intrinsecamente subtilezas, constituindo talvez o mais exigente dos momentos do festival organizado pelos serviços da ACARTE da Gulbenkian.

Primeira geração, dissemos, e por isso não se esperavam grandes novidades em relação ao que o duo tem feito todos estes anos. Mas Derek Bailey constituiu uma surpresa, estando a formular uma discursividade guitarrística substancialmente diversa, numa abertura de atitudes. Parker esse é sempre o mesmo, até no sentido de que continua a contradizer os marcos técnicos e de linguagem que ele mesmo alcançou, o que o faz não ser um músico dotado. Mas seria melhor para si que isso não bastasse por si. Ambos dão notícias do que os preocupa actualmente.

1.

**DEREK BAILEY** — Os aspectos não-musicais ou adicionais existem já há muito tempo em todos os géneros de música. Talvez sejam mais úteis na improvisada, mas para muitos improvisadores têm provavelmente o mesmo valor que os aspectos convencionais. No meu caso posso dizer que já não uso muito esse tipo de coisas e que estou a direccionar-me novamente para o musicalmente convencional.

Estou presentemente muito interessado pelo «pitch», que não tem nada a ver com os «scratches» que muitos ainda insistem em tirar dos seus instrumentos. É-me possível manipular esses elementos convencionais até pela sua maleabilidade. Posso jogar com eles, virá-los do avesso, levá-los a passear. As minhas prioridades alteraram-se, fiquei cansado de trabalhar da maneira como vinha fazendo. Os valores vanguardistas já não me atraem.

Várias vias eram-me possíveis: ou continuar a tocar como tocava há tantos anos ou fingir que me refinava ou, sei lá, pretender ser revolucionário por meio de uma bizzaria qualquer. Prefiro fazer algo de muito diferente: olhei para outro lado e repeguei naquilo que havia abandonado para saber o que é que poderia manobrar dali. Há duas semanas, num

concerto em Nova Iorque, toquei Duke Ellington.

Acho que a harmonia da música convencional tocada por guitarra é muito desastrosa. Não o tom, que é ótimo. E não tem necessariamente que ser dessa maneira: ora, o que eu procuro trabalhar fundamentalmente é a harmonia. Aliás, para mim a música é a harmonia mais as outras coisas, e isto apesar de a guitarra ser um instrumento basicamente rítmico. Enfim, seja como for ritmo e harmonia integram-se entre si, só que a harmonia deve ser a adequada à guitarra e não outra.

2.

**EVAN PARKER** — Algumas das técnicas que eu desenvolvi no soprano nunca teriam sido assim se eu tocasse o soprano curvo e não este. Têm a ver necessariamente com o centro de gravidade do instrumento, a sua forma, o comprimento, a distribuição do peso, o equilíbrio.

Actuando ora com o tenor ora com o soprano é claro que eu me envolvo diferentemente com a música que toco. É uma relação física que se processa, mas no entanto não me preocupa muito com os aspectos dramáticos do concerto. Não me interessa usar uma qualquer linguagem gestual que acentue o que toco. Acho que a apreensão musical deve residir apenas no som, e digo isto no que me respeita a mim, porque aceito e aprecio bastante o que tem sido feito nos domínios da chamada música-teatro.

Toco a minha música com os olhos fechados e compreendo que no público as pessoas a ouçam também de olhos fechados. O sentido da imediatez num concerto de música improvisada, o aqui e agora, tem de estar no próprio produto sonoro criado e não no lado visual.

Seja como for, a postura que eu assumo ao tocar determina muitas das possibilidades musicais que se me abrem. A música improvisada é algo de físico, na medida em que a aproximação que eu faço com os meus saxofones é importante para o que obtenho como resultado.

3.

**DEREK BAILEY** — Não me considero um músico de arte, sou um guitarrista e pronto, estou inclinado a apenas tocar guitarra. Pode ser que nesta



Derek Bailey, buscando novos empirismos na guitarra. Um músico cansado dos modismos vanguardistas.

minha perspectiva a arte se inclua, mas isso é acidental. É o que acontece por exemplo com Segóvia. Não se trata da questão de eu estar a ser atraído pela música popular, penso é que o meu universo musical é o que a guitarra proporciona. Se escolhi a improvisação é porque ela permite-me tocar mais em cubitos de tempo.

É verdade que estudei várias músicas, mas tudo isso é irrelevante no que concerne à guitarra. Percebi desde cedo que não há uma música de guitarra e consequentemente que a única condição que lhe é próprio é o empirismo. Não é um instrumento académico, e as coisas partem daí. A música de guitarra não é e não pode ser conceptual, é pragmática.

4.

**EVAN PARKER** — Não creio que a improvisação possa ser tocada totalmente, porque cada um tem o seu estilo reconhecível.

Se considerarmos a improvisação total como estando tudo em fluxo de reconsideração musical, então o que aconteceria consequentemente seria que

eu, Evan Parker, nunca teria uma sonoridade que se distinguísse como minha. Estaria sempre a alterá-la. Ora, não é isso o que se passa, portanto há uma grande intervenção do que não é livre, embora também se possa dizer que a liberdade consiste na possibilidade de nos repetirmos ou de nos contradizermos.

É a liberdade que me permite ter como meu um estilo que não é livre.

O estilo não é quanto a mim uma aura inquestionável: pode-se dar um bom e um mau concerto, mantendo-se um mesmo estilo. O estilo não garante nada, a não ser a continuidade da prática musical de um instrumentista. É o elemento mais fixo com que tem de contar um improvisador livre, não tem nada de subjectivo, antes pelo contrário: é tremendamente objectivo quando se está a tocar perante uma audiência.

5.

**DEREK BAILEY** — O livro que escrevi sobre improvisação por volta de 75 e 76, embora tenha sido publicado só em 80, hoje eu não o alteraria em nada, excepto talvez um preci-



Evan Parker, na continuação de uma linha conhecida, mas contradizendo-se sempre tecnicamente.

so capítulo, o que trata sobre solos. E fazia-o porque de facto desde então até hoje mudei completamente de noções práticas de como tocar em situações de solo.

Eu gostava mais de tocar juntamente com outros músicos, é verdade, e afirmava que tocar a solo personalizava demasiado. Hoje, no entanto, tenho outra ideia. Interessei-me novamente por tocar sozinho, principalmente porque não estou a gostar do que a maioria dos outros improvisadores anda a fazer. As asas do modismo estão a cobrir tudo. Já não me interessa tocar com essas pessoas, portanto prefiro fazê-lo em solo absoluto, ou com o Evan Parker, que por sinal é mais um que não estou a apreciar no seu trabalho como solista.

6.

**EVAN PARKER** — Toda a estrutura musical está aberta a um determinado grau de improvisação. Na prática, é difícil descrever a estrutura como sendo mais que uma duração, um intervalo de tempo ocupado pela música. Mas esta dura-

ção advém do conteúdo, de modo que o que acontece é uma simples interligação entre a forma e o que esta comporta.

Sendo assim, a improvisação do conteúdo é a improvisação da forma. Há outros aspectos, evidentemente: por exemplo o desenvolvimento, por meio da complexificação e depois por enturada descomplexificação.

Para haver uma inter-relação coerente entre os elementos de uma música que é essencialmente uma celebração dos impulsos momentâneos, o mais apropriado é utilizar uma memória de curto termo, uma sucessão de particularidade, havendo um princípio arquitectural que implicitamente estrutura o todo. O que, inclusive, quer dizer que as prioridades na música improvisada livremente são o inverso das da música escrita. A mais existe a arbitrariedade, mas também lá está a lógica, por exemplo quando se percebe que uma dada música está a terminar, devido à exaustão do material. Poder-se-á até dizer que os aspectos formais da música improvisada têm muito a ver com os das músicas sistémica e serial.

## A paixão do Camacho

Soliloquio

**Praça de Touros de Cascais. Domingo, 31 de Agosto de 1986. Corrida do Clube dos Jornalistas. Toiros de Maria Guiomar Cortes de Moura para João Ribeiro Telles, Paulo Caetano, João Salgueiro e forcados amadores do Montijo e Alcochete.**

O Camacho tem uma paixão. O cronista soube do facto sem usar recursos vis, tais como a escuta telefónica, espreitar pelo buraco da fechadura, ouvir conversinha de porteira e depois dizer que são fontes fidedignas. Foi ele, o próprio, o Fernando Camacho quem mo disse. E em voz alta, houve várias pessoas que ouviram, foram testemunhas. Uma paixão, pois, que não é segredo de alcova, nem coisa secreta, guardada em bom recato, o Camacho fazia até questão em que eu fosse ver o objecto da sua paixão, vê-lo com estes olhos que a terra há-de comer.

A paixão de Camacho é, naturalmente, uma paixão taumática. O Camacho é um apodado, eu diria que o maior dos que existem em Portugal; mesmo agora, que se dedicou aos cavaleiros, isto é, ao touro embolado, em vez de pegar num novilheiro, descobri-lo, levá-lo para Espanha, usar a sua «verve» para o pôr a circular na terra da verdade (taurina). O Camacho foi até há pouco tempo o apodado da primeira figura da cavalaria, o João Moura, com quem rompeu por razões que segundo consta estiveram relacionadas com a sua pouca tendência (sua dele, Camacho), para trabalhar para aquecer.

É uma tendência compreensível, essa do Camacho. Para aquecer existem os caloríferos, montes de tipos, de modelos, de marcas de caloríferos. Tantos caloríferos, e não puseram umas duzias deles na praça de Cascais.

Seria a única maneira de aquecer o ambiente, estando em praça aqueles brutos de dona Maria Guiomar, alguns tão mansos que a gente não ficava com a certeza de eles serem efectivamente brutos.

Mas isso é outra conversa, que não influencia a paixão do Camacho, visto que ele não está apaixonado por uma vaca, mas sim por um cavaleiro, que agora dirige. Um cavaleiro jovem, um quase miúdo, o João, neto do doutor Fernando Salgueiro, que foi um dos cansaços da história do toureio a cavalo, e filho de outro Fernando, que foi cavaleiro de segunda fila, o que não é de maneira nenhuma uma ofensa, se não houvesse segunda fila não podia existir a primeira, ficávamos na quadratura do círculo.

O Camacho apaixonou-se pois pelo João Salgueiro, terceiro da dinastia. Uma paixão que se notava mesmo que ele a não tivesse dito. Bastaria vê-lo lá em baixo, na trincheira. Não chega a andar a correr atrás do cavalo, nem a torcer-se todo no instante da farpa, como dizia o pai do Manuel Jorge de Oliveira. Mas mexe-se, excita-se, quando o Salgueirinho recolheu foi lá para dentro atrás dele, não devia ser para o ajudar a desmontar, talvez fosse para lhe dar alguma rabeçada pelos ferros no chão, ou para o incitar à volta à arena rápida, sem esperar pelas palmas, ou para lhe dar ânimo, és o melhor do mundo e arredores.

Os arredores incluem, naturalmente, Cascais, que são uns

verdadeiros arredores da taumática nacional, onde além dos turistas não vai quase ninguém, nem sequer depois da profusa divulgação feita pelo Clube dos Jornalistas, para o qual revertia a função. Casa de ferro, espeto de pau, tanto reclame, e falhou ter a informação de que, precisamente à hora do festejo, havia uma largada de touros lá em baixo, na baía, colhidas misturadas com banhocas, o toureio em fato de banho deve dar um gozo danado, além de ser muito mais fresco, e ainda por cima de borla.

De modo que pouca gente foi ver a paixão do Camacho, constatar que se trata de uma paixão digamos embrionária, o moço João Salgueiro está ainda na fase da promessa, alternando os falhanços descarados na cravagem com coisas mesmo meritórias, em particular aquele curto no touro, a que seu avô talvez não se atrevesse, o touro em tábuas e ele chamando de frente, entrando de caras, no risco do touro se ficar, não lhe dar saída por dentro, emocionante, outra não havia. É, pois, a do Camacho uma paixão com bastante substracto, como diria o Herman. Oxalá não seja, como diria pessimista o Camilo, para o grande escritor as paixões incham depressa, e depressa desincham, como as melancias.

Não é assim sempre, às vezes incham devagar, outras nunca mais desincham. Quando o João Telles começou, diziam que a paixão dos que se entusiasmarão ia apagar-se, o rapaz não tinha vocação para ser toureiro; enganaram-se, embora desse engano pouco pudesse mostrar nesta tarde, além da medida brega ao malhado corrido em quarto lugar, e que acabou sem forças, alegria teve de pô-la sozinho o

cavaleiro. Teve o Paulo Caetano começos diferentes, sem despertar a paixão dos outros, a que valia era a sua, de querer ser toureiro. Também assim começaram, à força de querer, o Lupi e o Zoio, e com isso chegaram onde chegaram. Onde chegará Paulo Caetano por enquanto não se sabe, para já valor e segurança não lhe faltam, o quinto da tarde era um manso menos perdido que o segundo, e ele obrigou-o a tomar as farpas, não consentia que fugisse como era seu gosto, consentiu e aguentou, não deixou que as palmas maiores fossem para o Paulo Garrett, que com rija pega pôs o grupo do Montijo à frente, até que no último da tarde o de Alcochete igualou a contenda, com o Luís Manuel Correia a fechar-se com unhas, não sei se o Camacho terá gostado, roubou umas palmas à sua paixão, no fim de duas horas e meia de tourada sem história o povo quer é debandar, as palmas têm de ser muito bem aproveitadas.

A paixão do Camacho. Um apodado precisa disso, de estar apaixonado pelo toureiro que descobriu. Ou que julga ter descoberto, que para efeitos de paixão é a mesma coisa, não deixa de valer o que disse um dia Voltaire: «as paixões que enfumam as velas dos navios algumas vezes os submergem, mas sem elas não se pode navegar.»

P.S. — Com esta crónica a aguardar hora e vez de publicação, notícias chegaram, inesperadas, de que Camacho rompeu com João Salgueiro. Neste caso teve razão o Camilo Castelo Branco: a melancia que depressa inchava, depressa desinchou. Mas permanece a razão de Voltaire: sem paixão não poderia Camacho navegar, já tomou conta do Bastinhas, e logo uma paixão que mete bandarilhas daquela maneira, alegria do povo.

Fernando Heitor numa cena de «A Bela Portuguesa» de Agustina Bessa Luís, em terceiro e último mês na Casa da Comédia

### Teatro

• «A Bela Portuguesa», a peça de Agustina Bessa-Luís em cena na Casa da Comédia, entrou na última fase de espectáculos, em virtude de compromissos anteriores assumidos pela empresa, designadamente uma digressão à Madeira.

Com interpretação de Júlia Correia, Fernando Heitor e Monique Rutler este espectáculo de La Féria entra assim no terceiro e último mês no teatro das Janelas Verdes, preparando já a Casa da Comédia o seu próximo espectáculo integrado no ciclo de dramaturgia feminina que começou com Marguerite Duras e Agustina Bessa-Luís.

Para o público jovem poder ter acesso a este belíssimo espectáculo a Casa da Comédia proporciona um desconto a todos os estudantes e portadores do cartão jovem.

### Conferências

• Amanhã, dia 17, pelas 21.30, no Grémio Literário, uma conferência pela professora Margaret A. Boden, sobre «Implicações Sociais da Inteligência Artificial».

A conferencista é professora de Filosofia e de Psicologia na Universidade de Sussex e «Fellow of the British Academy». Tem graus em Ciências Médicas e Filosofia pela Universidade de Cambridge (onde foi «Major Scholar»), e um doutoramento em Psicologia Social e Cognitiva pelo Harvard Graduate School (com uma «Harkness Fellowship»). O Institute of Electronic and Radio Engineers atribuiu-lhe, em 1978, um prémio pelo artigo sobre «Implicações Sociais da Inteligência Artificial». No mesmo ano, foi «Visiting Scientist» no Yale Computer Science Department, e em 1984, visitou o Smith Computer Science Department como «Nielsen Distinguished Scholar». Tem proferido conferências — para audiências tanto académicas como não profissionais — na Europa, na América do Norte e nas Ilhas do Pacífico.

Este ano foi eleita membro do Conselho para a Ciência e a Sociedade, para o qual organizou um grupo de trabalho de «Implicações Sociais da Inteligência Artificial».

### Música

• Maria João Pires, a consagrada pianista portuguesa, volta a apresentar-se em duas novas séries de quatro concertos, para a audição integral dos Concertos para Piano e Orquestra de Mozart, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, nos dias 23 e 24, respectivamente às 21.30 e às 18.30, com obras mozartianas n.º 2 em lá maior, K 414, n.º 9 em si bemol maior, K 271 e n.º 27, em si bemol maior, K 595. Dirigirá a orquestra Gulbenkian, o seu maestro titular Claudio Scimone, que tem dirigido numerosas orquestras na Europa, na América e no Japão, figura mundialmente conhecida, que tem dedicado também especial atenção à divulgação da música italiana barroca e romântica, através de revisões e primeiras audições modernas de obras de grandes compositores como Vivaldi, Tartini, Rossini, Puccini, a par do interesse já conhecido pela música portuguesa de Bontempo, Marcos Portugal e Fernando Lopes Graça.

Em dois novos concertos Maria João Pires, apresentará-se nos dias 30, às 21.30 e dia 31, às 18.30, ambos no Grande Auditório, sob a direcção do maestro Max Rabinovitsj, com interpretação das seguintes obras do Ciclo de Mozart: n.º 14, em si bemol, K 449, n.º 23 em lá maior 4.488 e n.º 21, em dó maior, K 467.

### Exposições

• Inaugura-se hoje (às 18 horas) na galeria Cómicos — Rua Tenente Raul Cascais a S. Mamede, 1-B, uma exposição das mais recentes pinturas de Pedro Proença que tem vindo, através de diferentes mostras em que tem participado (nomeadamente na Bienal de Vila Nova de Cerveira e AICA-Philae), a merecer a atenção da crítica, pela originalidade do seu trabalho e pela crescente afirmação da sua capacidade criadora. Esta mostra estará patente até dia 22 de Novembro e poderá ser visitada, diariamente, das 15 às 20 horas, excepto domingos e feriados.

**COMUNA TEATRO DE PESQUISA**

**ENCENAÇÃO JOÃO MOTA**

**TOURO**

**TEXTO: LABEL NEVES**

**MÚSICA: CARLOS MENDES**

**3.º MES**

**TERÇA a SABADO às 21.30**

**DOMINGO às 17 h**

**PREÇO ÚNICO 150.00**

**PRACA DE ESPANHA**

**tel. 726 08 16**

**SUB. S. C. (M. 12)**

## "O Bando" ainda na Comuna

O Teatro «O Bando» continua em cena na Comuna com o seu último espectáculo «Em Duelo» por uma curta série de representações, mais precisamente até ao fim-de-semana de 18-19 de Outubro, data da partida para o Festival de Cádiz, onde «O Bando» participará com o espectáculo «Nós de Um Segredo».

Não deixem portanto de assistir a mais um hino à vida que é «Em Duelo» e sobre o qual es-

creveu o nosso crítico Carlos Porto: «...o isolamento de Zé Povinho, quando se coloca junto de uma fogueira, evoca Fellini, através da interpretação» e ainda «soberbas interpretações de António Terrinha, Maruga e Paula Só, com aquela força comunicativa, aquela capacidade contida de emoção que conferem aos espectáculos de «O Bando» uma tão grande energia que é ao mesmo tempo uma tão maravilhosa ternura».

## Sueco expõe na Gulbenkian

Vinte e seis trabalhos do pintor e artista gráfico sueco Philip Von Schantz estão em exposição na Gulbenkian.

Uma litografia do artista foi oferecida ao Presidente da República Mário Soares pelos reis da Suécia, na recente visi-

ta que efectuaram a Portugal. Von Schantz nasceu em 1928 e foi de 1969 a 1972 direc-

tor da Real Academia de Belas-Artes de Estocolmo.

De 1973 a 1977 esteve à frente da direcção do Museu de Arte Moderna da capital sueca.

Nos últimos anos realizou várias exposições individuais na Suécia, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Checoslováquia, Suíça e Bruxelas.

## Lisboa — PERMANENTE

**AJUDA:** Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **ALVALADE:** Zé, Av. da Igreja, 9-A (T. 891780); **BAIRRO MONTE PEDRAL:** Zema, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BAIXA:** Azevedo Filhos, Rossio, 31 (T. 780548); **BENFICA - CEMITÉRIO:** Simões, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES:** Ourique, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA:** Santos Silva, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **ESTE FÂNIA:** Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **LU MIAR:** Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **OLIVAIS SUL:** Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA:** Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PARQUE EDUARDO VII:** Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (T. 542312); **BRANDÃO - AMADORA:** Correia, Urbanização Alfarelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **CARNAXIDE:** Central de Carnaxide, Av. de Portugal, célula 13-B, bloco 1, lote B; **ODIVELAS:** Monserrate, R. Guilhermo Gomes Fernandes, 31-A (T. 981139); **PONTINHA:** Leão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

**REFORÇO — ALMIRANTE GAGO COUTINHO:** Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AVENIDAS NOVAS:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **CAMÕES - SANTA CATARINA:** Combro, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPOLIDE:** Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ENCARNAÇÃO:** Zira, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **PENHA DE FRANÇA:** Dinar, R. Conde de Monsarraz, 17-B (T. 842533); **RATO:** Manuel Vicente Jesus, L. do Rato, 3-C-D (T. 681947); **RESTELO - À AVENIDA VASCO DA GAMA - ALGÉS:** Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **ROCHAS PINHEIRO:** R. Presidente Ariaga, 16 (T. 603054); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA:** Vite, E. de Benfca, 373-B (T. 780548); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

**Outra Banda — ALMADA:** Galeno, R. Capitão Leão, 85-B (T. 2760565). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Cerqueira Afonso, L. 5 e Outubro, 18 (T. 2750254); Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Guerreiro, lote II, Moimão (T. 2950277). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Higiénica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FELJÓ:** Feljó, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016); Até às 19 horas; **BARREIRO:** Pimenta, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANEIRA:** Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Univerp, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU:** Duarte Ramos, R. de Bafatá, 11, loja 230, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas;

**TORRE DA MARINHA:** Alves Velho, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTEJO:** São Pedro, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA:** União Molitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Brasil, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; Costa, R. da Misericórdia (T. 22760). Permanente; Moreira Martins, P. Olga Sarmiento, 14 (T. 26051). Até às 22 horas.

**Linha de Cascais — ALGÉS:** Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112048). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616); Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS:** Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS:** Violar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE:** Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **MURTAL:** Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOIEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imami, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MA-DORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vienda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

**Linha de Sintra — AMADORA:** Nunes, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 4937543). Permanente; Soares Correia, E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517). Permanente; Solia, loja D, 65 (T. 900724). Até às 22 horas; **DAMALA:** Damala, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950905). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Botelho, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM:** Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **ALGUEIRÃO:** Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCES:** Clauo Ramo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Araújo, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA:** Marrazes, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088).

**Outas Farmácias — MOSCAVIDE:** Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVEM:** Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES:** Saraiya, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

## TEATROS

## ABC

**Parque Mayer — Tel. 36 67 54**

De 3.ª a sáb., às 20.30 e 22.45; domingo às 16 h  
**"LISBOA, TEJO E TUDO"**, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho, Alexandra Solnado, entre outros.

## Casa da Comédia

**R. Francisco Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99**

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados, 18.00 e 21.45; domingos, às 18.00 h  
**"A BELA PORTUGUESA"**, de Agustina Bessa Lúis. Dram.: Eugénio Vasques. Enc./Cen.: Filipe La Féria. Inter.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

## A Barraca

**R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 53 00**

De 3.ª a sáb., às 21.30; sáb., dom. e dom. 16 h  
**"CALAMITY JANE — UMA MULHER DE ARMAS"**, dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra.

## Estoril — Teatro Mirita Casimiro

**Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20**  
 De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb. e dom. 16 h  
**"GALILEU GALILEI"**, de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

## Teatro Nacional D. Maria II

**Rossio — Tel. 37 22 46**

De 3.ª a sáb., às 21.30 h, dom. 16.00 h  
**"MÃE CORAGEM E SEUS FILHOS"**, de Bertolt. Enc.: de João Lourenço. Cen.: José Carlos Barros. Música: Paulo Dassau/Pedro Osório. Interp.: António Anjos, António Banha, Barroso Lopes, Catarina Avelar, Eunice Muñoz, Irene Cruz, Mário Pereira, Rogério Paulo, Rui Carvalho, entre outros.

## D. Maria II

**Sala Experimental. Rossio — Tel. 32 22 10**

De 3.ª a sáb., às 21.45, dom. 16.30 h  
**"O ASFALTO DOS INFERNOS"**, de Ricardo

Costa. Enc. de Manuel Coelho. Cen. e fig.: de Nuno Carinhas. Tradução: de Orlando Neves. Música: de Fernando Guerra. Interp.: de Ligya Teles.

## Maria Matos

**Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17**

De 3.ª a sáb., às 20.30 e às 22.45 h  
 domingo, às 16.00 h

**"ISTO É MARIA VITÓRIA"**, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação: de Ivone Silva, Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

## Sesúbal — Teatro de Animação

**R. Balneario Dr. Paulo Borba — Tel. 29 11 30**

De 5.ª a domingo às 21.30 h  
**"ALVES E COMPANHIA"**, de Eça de Queiroz. Encenação: de Fernando Gomes. Intérpretes: Maria Simões, Isabel Gamilho, Filomena Gonçalves, João Manuel e Carlos Rodrigues, entre outros.

## Teatro da Graça

**T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26**

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h  
**"AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT"**, de Fassbinder. Intérpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

## Teatro Infantil de Lisboa

**R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74**

Sábados e domingos, às 16.00 h

**"NO REINO DA FANTASIA"**. Pelo TIL.

## Porto — Cooperativa do Povo Portuense

**R. de Camões**

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta  
**"TODA A NUDEZ SERA CASTIGADA"**, de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

## Cascais — T.C. — Espaço 2

**Av. Marechal Carmona, 6-B — Tel. 286 79 33**

Dias de semana, às 21.30, excepto 4.ª-feira; domingos, às 16.00 h

**"FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL"**, de Marcus Rey. Estreia a 25.

**"B... EM CADEIRAS DE RODAS"**, de Ronald Radde. Estreia a 27. Interpretado pelo Teatro Espaço, sob direcção de Agueda Sena.

## Teatro Maizum

**R. de São Bento, 75 — Tel. 60 18 66**

Sábados, às 16.00

**"RUA DOS FANTASMAS"**, de Xavier Villapañe

## Porto — Sã da Bandeira

**R. Sã da Bandeira, 108 — Tel. 22 55 50**

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30 h

**"UM CORONEL EM DOIS ACTOS"**, inter.: por Camilo de Oliveira, Natália de Sousa, António Feio, Dulce Guimarães, entre outros.

## Comuna

**Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818**

De 3.ª a sáb., às 21.30, domingos às 17.00 h

**"O TOURO"**, de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

## Realção

**R. dos Mercadores, 132, à (Ribeira) Tel. 38 36 42**

De quarta a domingo, às 21.30.

**"DRÁCULA JÚNIOR"**, de Fernando Gomes, pela Casa da Comédia. Int.: Fernando Gomes, Fernando Luís, Lucília Telmo, Maria Vieira, Pedro Advrta e Sílvia Sequeira.

## Porto — Arvor — Cooperativa de Actividades Artísticas

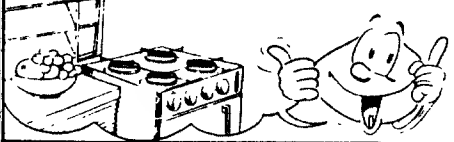
**R. Azevedo de Albuquerque, 1 — Tel. 31 72 35 / 38 36 67**

De 2.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

**"MINHA MÃE E SUAS QUATRO FILHAS"**, de Maria Moraes. Intérprete: Maria Moraes (Oficina do Grotesco). Até 18 de Outubro.

Coloque os seus aparelhos a gás em locais ventilados

Cumpra as minhas regras de segurança



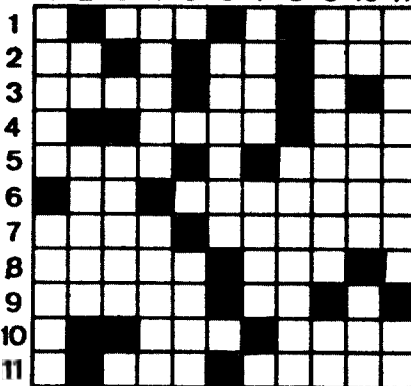
## PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 16 860

## HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Pronome relativo. Tempo do verbo ser. Coragem.
- Prefixo de negação. Cloro (s.q). Apelido.
- Ave semelhante à pomba. Existe.
- Despida. Curso de água natural e abundante.
- Batráquio anuro. Senhor em inglês.
- Pedra de moinho. Caneca grande.
- Cana-de-açúcar ou cana-doce. Robustos.
- Palmeiras da Amazônia. Tanto.
- A classe sacerdotal. Viração.
- Fedor. Nome científico do pato.
- Ecoa. Peixe do género siluro.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



## VERTICAIS:

- Naipes das cartas de jogar. Mau hábito.
- Em o. Plantio de amieiros.
- Indigente.
- Nome de planeta. Irmão de Moisés.
- Esmurra.
- Convocam.
- Pronome pessoal (pl). Creme.
- Enxugaras.
- Fantasia. Em o.
- Sufixo que designa estado. A Pérsia. Matemática.
- Fértil. Sufixo que designa abundância. Isolado.

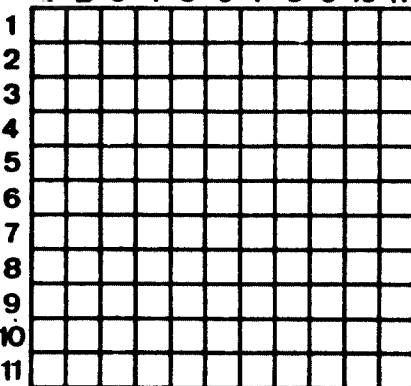
Resolheu completamente este problema? Procure, agora em segundo pensamento, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 689

## HORIZONTAIS:

- Fita que se usa em volta do copo. Preposição.
- Rejuvenescerei.
- Ferro temperado. Rata (inv). Forma apocopa e proclítica de vale.
- Engenho de tirar água (pl). Dera aviso de alguma coisa em voz alta.
- Cidade da Úmbria. Primeira parte do nome da rainha do Egipto cujo túmulo foi descoberto por Mariette em 1859.
- Falha. Covis.
- Título nobiliárquico. Sorte.
- Interjeição de dor. Empregaram.
- Dois consoantes desiguais.
- Perigo. Chocalho grande.
- Encerrara. Sufixo que designa abundância.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



## VERTICAIS:

- Grã (tecido). Jumento.
- Retalhar. Vi (inv).
- Remar morno. Empregue.
- Verso (abrev). Cidade da Suíça. Centiare.
- Pastor siciliano, que foi amado por Galsteia. Preposição e artigo. Sufixo que designa estado.
- Tanto. Ouro (s.q).
- Prender pela arreata.
- Campainha grande.
- Espécie de sofá. Apelido.
- Cidade de França. Aqui.
- Pronome pessoal. Sobeja.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 859

## HORIZONTAIS:

- FLOR. Sacais. 2 Rum. CO-LHIDA.
- Içá. Iliaram.
- Tanita. Dó.
- Sr. Tapes.
- Calares.
- Lotai. Par.
- Em. Sala. Dar.
- Lis. Ajeita.
- Idosa. Ordem.
- Aarau. São.

## VERTICAIS:

- FRUTO. Lélia.
- Luca. Comida.
- Oman. Sor.
- Isacas. Sa.
- Catrina. Au.
- Sola. La.
- Ali. Tapajós.
- Chapara. Era.
- Air. PERDIDO.
- Idades. Até. 11 Samos. Aramã.

PROVÉRBO: Flor colhida, fruto perdido.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 688

## HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- |                  |                  |
|------------------|------------------|
| 1 Anso. MC. Que  | 1 Roma. Vá.      |
| 2 AA. La. VS.    | 2 Sais. Ri. De.  |
| 3 Riscarbo. CC.  | 3 Nascida.       |
| 4 Osca. Filtro.  | 4 Cárica. Ad.    |
| 5 Intuir.        | 5 La. Airosa.    |
| 6 Ardiam.        | 6 Marfim. Anso.  |
| 7 Iaci. Aral.    | 7 Ain. Amua.     |
| 8 Vu. Aramaram.  | 8 Voltará. Tc.   |
| 9 Uso. Ena!      | 9 Qs. Tu. Arcia. |
| 10 Anático.      | 10 Cri. Lança.   |
| 11 Perdão. Caís. | 11 Escora. Mãos. |

## Alfas Triplex

— T. 806496

### Alfa 1

#### ASES INDOMÁVEIS

(m. 6 anos)  
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

### Alfa 2

#### AS FORÇAS DO UNIVERSO

(maiores 12 anos)  
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

### Alfa 3

#### UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 6 anos)  
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

### Alfa Club

T. 763319

#### REVOLUÇÃO

(maiores 12 anos)  
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

## Shopping Center de Lisboa

#### ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)  
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

#### NO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)  
14.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.15 h

#### UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 6 anos)  
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

### Apolo 70

#### A VERDADE DOS FACTOS

(maiores 12 anos)  
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

### Avila

— T. 539930

#### O MOMENTO DA VERDADE II

(maiores 12 anos)  
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

### Aviz

— T. 547163

#### EMANUEL - A ANTIVIRGEM

(maiores 18 anos)  
15.30, 18.30 e 21.30 h

### Berna

— T. 776098

#### ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)  
15.00 e 21.00 h

### Capitolio

— T. 372358

#### AMANDA-PERIGO SEXUAL

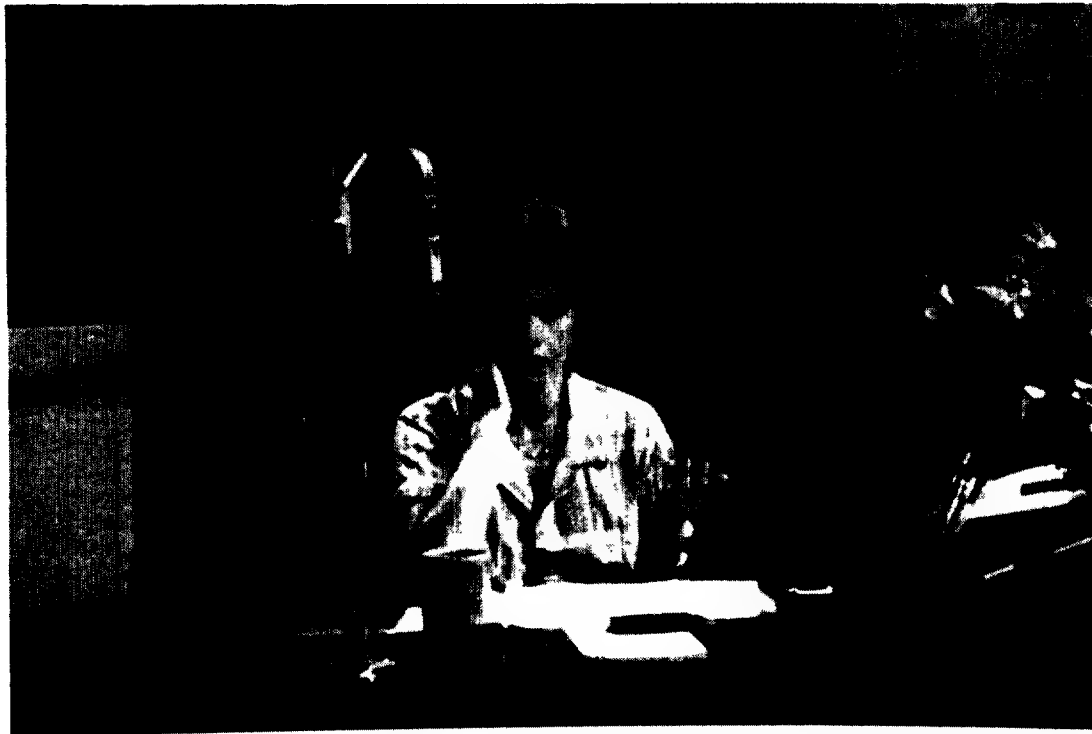
(int. a m. 18 anos)  
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

### Castil

T. 530194

#### OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

(n/acons. 13 anos)  
15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA CHUVA», realizado por Alan Rudolph, em exibição no cinema QUARTETO. Filme de qualidade.

### Cinebloco

— T. 556824

#### LAÇOS DE TERNURA

(maiores 16 anos)  
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

#### ADEUS AMIGOS

(int. 13 anos)  
24 h

### Cinebolso

#### A BALADA DA CASA DAS GATAS

(int. men. 18 anos)  
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

### Cine Camões

T. 324194

#### ÁGUA VINGADORA

(não acons. m. 13 anos)  
14.15, 16.30 e 21.30 h

### Cine 222

— T. 579460

#### NOITES ESCALDANTES

(n/acons. a men. 18 anos)  
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

### Cine Portela

— T. 2524761

### Estúdio Anusha

#### O HERÓI DA RUA

(maiores 12 anos)  
16.00 e 21.45 h

### Estúdio Sheza

#### TERNOS LAÇOS

(maiores 12 anos)  
15.30 e 21.30 h

### City Cine

— T. 549999

#### GENTE GIRA N.º 2

(maiores 6 anos)  
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

### Cinemateca

#### A HISTÓRIA DE UM FOTÓGRAFO

(maiores 12 anos)  
18.30 h

#### O SR. UZO

(maiores 12 anos)  
21.00 h

### Condes

FIX — EFEITOS T. 322523

#### MORTAIS

(m. 12 anos)  
14, 16.30, 19 e 21.30 h

— T. 320768

#### ROCKY III

(maiores 18 anos)  
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

— T. 555134

#### MOMENTO DA VERDADE II

(m. 12 anos)  
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

— T. 887255

#### HISTÓRIA DO SOLDADO

(m. 12 anos)  
15.30, 18.30 e 21.30 h

— T. 768078

#### NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(maiores 16 anos)  
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

### Fonte Nova

### Sala 1

#### VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

(maiores 18 anos)  
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

### Sala 2

#### ORAPAZ DA COCA-COLA

(maiores 12 anos)  
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

#### VIVER E MORRER EM LOS ANGELES

(m. 16 anos)  
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

### Gemini

— T. 734009

#### ASES INDOMÁVEIS

(maiores 16 anos)  
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### Hollywood

— T. 802859

### Sala 1

#### FIX — EFEITOS MORTAIS

(m. 12 anos)  
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

### Sala 2

#### O SONHO AMERICANO

(maiores 12 anos)  
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

### Imperio

— T. 555134

#### DESEJO DE MULHER

(maiores 12 anos)  
15.15, 18.30 e 21.30 h

### Las Vegas

— T. 631162

### Sala 1

#### FIX — EFEITOS MORTAIS

(m. 12 anos)  
14, 16.15, 18.45 e 21.30 h

### Sala 2

#### ANA E AS SUAS IRMÃS

(m. 12 anos)  
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### Londres

— T. 801313

#### ANA E AS SUAS IRMÃS

(maiores 12 anos)  
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

### Mundial

— T. 538743

Encerrado para remodelação

### Nimas

— T. 574362

#### UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)  
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### Odeon

— T. 326283

#### TORNADO

(maiores 16 anos)  
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

### Olympia

T. 325309

#### SEXO ASIÁTICO

A partir das 14 horas  
Sessões contínuas  
Filme pornográfico  
(int. a men. 18 anos)

### Pathe

— 821933

#### A MULHER FALCÃO

(maiores 12 anos)  
14.00, 16.30 e 21.30 h

### Politeama

T. 326305

#### ACADEMIA DE COMANDOS

(maiores 16 anos)  
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### Quarteto

T. 771378

### Sala 1

#### O NAVIO FAROL

(m. 16 anos)  
15, 17, 19 e 21.30 h

#### O CONTRATO

(m. 16 anos)  
23.30 h

### Sala 2

#### REBECA

(n/acons. men. 13 anos)  
14, 16.30, 19 e 21.30 h

#### FOME DE VIVER

(m. 16 anos)  
24.00 h

### Sala 3

#### NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(m. 16 anos)  
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

#### VÍTOR, VITÓRIA

(m. 16 anos)  
23.30 h

### Sala 4

#### O PASSAGEIRO DA NOITE

(m. 16 anos)  
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

#### NOVA IORQUE 1997

(m. 16 anos)  
23.30 h

### Roma

T. 889192

#### UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)  
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### Roxy

T. 548560

#### MANHÃ ATERRADORA

(maiores 18 anos)  
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### S. Jorge

T. 579144

### Sala 1

#### ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)  
15.30, 18.30 e 21.30 h

### Sala 2

#### ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)  
14.15, 17.30 e 21.00 h

### Sala 3

#### A COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)  
14.30, 18.00 e 21.15 h

### 7.ª Arte

— T. 730715

#### A COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)  
15.00, 18.15 e 21.30 h

### Star

— T. 804210

#### GINGER E FRED

(maiores 12 anos)  
15.00, 18.15 e 21.30 h

### Terminal

— T. 371573

#### O MOMENTO DA VERDADE II

(m. 12 anos)  
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

### Tivoli

— T. 570595

#### UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)  
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

### Turim

T. 706666

#### FINALMENTE A 1.ª VEZ

(m. 16 anos)  
15, 17.30 e 21.45 h

### Voxmaria

— T. 880808

#### GRANDE HONRA

(maiores 12 anos)  
15.30, 18.45 e 21.00 h

### Xenon

— T. 368480

#### ACADEMIA DE DOUTORES

(m. 12 anos)  
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

### Zodiaco

— T. 570151

#### EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES

(indianos)  
15.15, 18.15 e 21.30 h

### Linha de Sintra

#### AMADORA — Cineteatro

— «Revolução», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

#### AMADORA — Cinestúdio

— «Um

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles;  
17.00: Pequeno jornal; 17.15:  
Musicomania; 19.00: Informação  
e música; 20.00: Música portu-  
guesa; 20.15: No estúdio e no es-  
tádio; 20.30: A viver também se  
aprende; 21.00: Movimento;  
21.30: Imaginário. Noticiários de  
hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX;  
18.30: Trechos da ópera «Obe-  
ron», de Weber; 17.00: Integrais;  
17.28 Música de bailado; 18.00:  
Quarteto, em mi bemol maior, K.  
428, de Mozart; 18.40: Os gran-  
des intérpretes; 20.40: Música or-  
questral; 21.00: Solos instrumen-  
tais; 21.30: Música de bailado;  
22.30: Intérpretes portugueses;  
23.00: Música vocal e instrumen-  
tal; 23.47: Sonata, n.º 2, de Hin-  
demith; 00.00: Música de câmara;  
01.00: Fecho. Noticiários de hora  
a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

16.00: Dora a hora; 17.00: A  
feira mágica; 20.00: Conta-cor-  
rente; 21.00: Discos pedidos;  
22.00: Portugal e a CEE; 22.15:  
Religiosos; 22.30: Tempo de des-  
porto; 23.00: Vigésima quarta  
hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; 16.00:  
O som da frente; 17.00: Rock em  
stock; 18.00: Círculo em FM;  
19.00: Em órbita; 20.00: Nova ge-  
ração; 21.00: Jazzofone; 22.00:  
As mil e uma noites. Noticiários  
de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Trans-  
missão do terço; 19.00: Fim-de-  
tarde; 20.00: Conversa de ami-  
gos; 21.00: Encontro; 22.00: Diá-  
rio do desporto; 22.30: Clube dos  
coleccionadores; 23.30: A vez e a  
voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do  
Minho e Voz do Porto

15.00: As boas-tardes da Renas-  
cença; 18.30: Ligação à rede na-  
cional; 19.00: Jornal das regiões;  
19.30: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; 15.00: As  
boas-tardes da Renascença; 18.30:  
Ligação à rede nacional; 19.00:  
Alentejo em notícia; 19.30: Diversos;  
20.00: Ligação à rede nacio-  
nal.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.30:  
Sete colinas; 20.00: Diálogo;  
20.30: Transmissão do terço;  
21.00: Música no espaço; 23.30:  
Diário do desporto; 23.57: Medi-  
tando.

**RTP/1**

18.07 — Brinca, Brincando — Bojan;  
Prof. Baltazar; Era Uma Vez; Feiras dos Bonecos

18.55 — Show Bis

19.30 — Telejornal

20.00 — Boletim Meteorológico

20.05 — Direito de Antena

Associação Portuguesa de Nutricionistas

20.10 — Corpo a Corpo

Episódio 158: Teresa, embora contrariada,  
acompanha Olavo e dá uma injeção a Alfredo.  
Eloá pede a Vítor que a acompanhe ao casamento  
de Cláudio. Por seu lado, Osmar acompanhará  
Teresa. Durante o casamento encontram-se os qua-  
tro, ficando Eloá e Osmar muito perturbados. Te-  
resa, após o casamento, janta com Osmar, mas ao  
regressar a casa encontra Raul esperando-a.

21.00 — Face a Face

21.30 — Uns e Os Outros

1.º episódio: Filme e série televisiva de Claude  
Lelouche, conhecido e controverso realizador  
francês. «Três horas de espectáculo que fazem rir e  
chorar, pequenos e grandes momentos de uma  
vida, decididos por uns, vividos por outros. Ho-  
mens, mulheres que vivem em países diferentes,  
mas que têm uma linguagem comum: a música. E é  
através dela que eles vão reencontrar-se, amar,  
confrontar e distrair-nos desde 1936 até aos nossos  
dias. Em «Les Uns et Les Autres» não há bons nem  
maus. Há dias bons e dias maus. Pessoas iguais a  
todos nós, mas que a sensibilidade musical tornou  
mais frágeis. Para que melhor as possamos amar,  
vamos começar por conhecer os seus pais, ou seja,  
os períodos antes e depois da guerra. Os anos mais  
longos da história da loucura humana que culmina-  
ram com uma geração que, vinte anos mais tarde,  
seria conhecida pela geração do «Sistema D». In-  
térpretes: Robert Hossein, Nicole Garcia, Geraldine  
Chaplin, Jacques Villeret, James Caan, Daniel  
Olbrychski, Francis Huster, Jean-Claude Brialy.

22.30 — 24 Horas

23.00 — Remate

**RTP 2**

14.47 — Agora, Escolha

16.15 — Notícias

16.25 — Europa TV

O Tempo; Tempo dos Mais Pequenos; Count-  
down; Connexions; Almanaque; O Tempo; O  
Mundo Amanhã; Eurodesportos; Notícias e Actua-  
lidades

20.00 — Notícias

20.05 — 5.ª Dimensão

20.30 — Profissões: construtor de  
instrumentos

21.00 — Jornal das 9

21.30 — A Quinta do Dois

Autoria: Carlos Cruz. «Talk Show» - Carlos  
Cruz entrevista vários convidados dos diversos



Corpo a Corpo soma e segue: agora às 20.10, já (ou ainda?) vai no 158.º episódio

sectores da vida nacional, e das mais variadas acti-  
vidades. «Variedades» — Presença de artistas por-  
tugueses e estrangeiros quer do campo musical  
quer de outros. «Humor» — Tratamento humorís-  
tico de situações diversas

23.25 — Contas Claras

As opções da nossa vida económica num plano  
até ao fim da década. Portugal em risco de ser  
processado pela CEE e a História de como a imagi-



No 2.º canal às 23.45: «É de Ler»: Agostina  
(Bessa Luís) por Agostina

nação e o saber de quatro pessoas erguem um  
negócio de milhões

23.45 — É de Ler

«Agostina por Agostina»

Amanhã

**RTP/1**

18.07 — Brinca, Brincando

18.50 — Show Bis

19.20 — Quim e Filipe

19.30 — Telejornal

20.00 — Boletim Meteorológico

20.05 — Mafalda

20.10 — Corpo a Corpo

(episódio 159)

20.55 — História infantil

21.00 — O Festival de Tanegashima

(A Ilha da Espingarda)

21.30 — Duarte e C.ª

(1.º episódio)

22.30 — Hitchcock apresenta (1.º episódio)

23.00 — 24 Horas

23.30 — Remate

**RTP 2**

15.02 — Agora, Escolha!

15.30 — Informação

15.35 — Europa TV

20.00 — Informação

20.05 — Twilight Zone

20.30 — Profissões

21.00 — Jornal 2

21.30 — Directo/2

22.30 — O Incrível Mr. Pye

(1.º episódio)

23.30 — Uma Boa Ideia

23.40 — É de Ler

**ENSINE  
O SEU FILHO**

Ensine o seu  
Filho a olhar  
para o lado  
esquerdo e para  
o lado direito  
antes de  
atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



**GRUNDIG** seleccionou para si...

**RTP/1**

21.30 —  
Uns e Outros

**RTP 2**

21.30 —  
A Quinta do Dois

**GRUNDIG PORTUGUESA**  
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17  
Cruz Quebrada-1495 LISBOA  
Telef. 4197570



«Corpo a Corpo»



**MARÉS DE HOJE**

| PREIA-MAR    | BAIXA-MAR    |
|--------------|--------------|
| 01.55 3,90 m | 07.37 1,10 m |
| 14.10 4,20 m | 19.59 1,00 m |
| Dia 17       |              |
| 02.32 4,10 m | 08.10 1,00 m |
| 14.47 4,20 m | 20.30 1,00 m |

**TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:**

|                  |     |
|------------------|-----|
| BRAGANÇA         | 12° |
| VIANA DO CASTELO | 13° |
| VILA REAL        | 12° |
| PORTO            | 12° |
| COIMBRA          | 14° |
| PORTALEGRE       | 13° |
| LISBOA           | 16° |
| ÉVORA            | 13° |
| BEJA             | 12° |
| FARO             | 15° |
| SAGRES           | 17° |
| PONTA DELGADA    | 20° |
| FUNCHAL          | 19° |

## Conselho de Ministros Comissão Europeia justifica recusa de fundos específicos para o PEDIP

A Comissão Europeia aprovou ontem em Bruxelas uma comunicação ao Conselho sobre o Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa (PEDIP) na qual nega a pretensão portuguesa de lhe ver atribuída uma dotação financeira específica.

Na comunicação em causa, a Comissão considera que a maior parte das acções previstas no quadro do PEDIP pode ser elegível com os meios de financiamento existentes.

Por outras palavras, a Comissão Europeia reconhece a justeza dos objectivos fixados no programa, mas recusa, devido às dificuldades financeiras que atravessa a Comunidade qualquer verba suplementar na sua prossecução.

Para que não existam dúvidas, a Comissão Europeia propõe mesmo às autoridades portuguesas que reestruturarem as acções previstas no quadro de um Programa Nacional de Interesse Comunitário (PNIC), a financiar pelos diversos fundos comunitários já existentes.

As acções de inovação e modernização industrial seriam apoiadas pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) e pelo Fundo Social e pelos ainda não aprovados STAR (relativo ao desenvolvimento de regiões desfavorecidas por meio de um melhor acesso às telecomunicações) e STRIDE (Programa de investigação e desenvolvimento tecnológico nas Regiões Desfavorecidas).

### «Pouca credibilidade» — acusa empresário

Entretanto, o representante dos empresários portugueses no Comité Social da CEE disse à Anop que o Programa Especial de Desenvolvimento da Indústria (PEDIP) foi rejeitado por se tratar de um documento que oferecia «pouca credibilidade».

Para Neto da Silva, a inexistência do documento de objectivos claramente definidos a atingir, conjugado com a crise financeira e orçamental da Comunidade Económica Europeia determinaram a reacção negativa de Jacques Delors ao pedido de 150 milhões de contos para a modernização da indústria portuguesa.

### Ministro chamado à Assembleia

A Comissão Parlamentar de Economia e Finanças convocou hoje o ministro da Indústria, para uma reunião em que explique o que se passa com o PEDIP — informou fonte parlamentar socialista.

A mesma fonte acrescentou que a reunião deverá realizar-se depois de o ministro da Indústria e do secretário de Estado da Integração Europeia regressarem da reunião do Conselho de Ministros da Indústria da CEE marcada para o próximo dia 20 em Bruxelas.

## Governo só baixou preço do gás e do fuelóleo

Entrou em vigor às zero horas de hoje a baixa de preço de alguns bens combustíveis, ontem decidida em reunião do Conselho de Ministros e que variam entre 26,09 por cento do gás a granel e 8,69 do gás de cidade. A redução abrange também o fuelóleo e o gás de garrafa.

Em contrapartida o Governo manteve inalteráveis os preços da gasolina e do gasóleo.

Com estas descidas, o fuelóleo passou a custar 22 escudos o quilograma (menos 4 escudos), o gás de garrafa 63 escudos (menos 7), o gás a granel 39 escudos (menos 15) e o gás de cidade 23 (custava 25).

De acordo com o comunicado do Governo, esta decisão foi tomada depois de ter procedido «a uma análise cuidada do problema dos preços do petróleo nos mercados internacionais e tendo presentes os objectivos de justiça social e de desenvolvimento económico do País».

No que se refere aos preços das gasolinas e do gasóleo, o comunicado refere que «uma descida, embora pudesse ser uma decisão popular, era uma decisão irresponsável e incorrecta, porque não só socialmente injusta mas também porque contraria a criação de novos postos de trabalho e prejudicial ao desenvolvimento económico futuro do País».

## D/E/C/A/R/A/S/



**MALANGATANA VALENTE**, pintor moçambicano, é um dos nove artistas que apresentam exposições individuais na Segunda Bienal Internacional de Artes Plásticas que se inaugura em Havana em 26 do próximo mês. O arquitecto brasileiro Oscar Niemeyer estará também representado com uma mostra documental dos seus trabalhos.

**GAL COSTA** recebeu ontem, no Porto, o disco de platina pela venda de mais de 60 mil cópias do seu último álbum «Bem Bom». A cantora brasileira, que se encontra naquela cidade nortenha para realizar quatro espectáculos, foi desta maneira premiada com a graduação máxima, depois de em Lisboa ter recebido os discos de prata e ouro.

**CARLOS DO CARMO** dará nove concertos nas cidades de Moscovo, Lenine-



grado e Ufa a convite do Ministério da Cultura da União Soviética. Acompanham o fadista nesta digressão os guitarristas António Chainho, José Maria Nobrega e Pedro Nobrega, além do técnico António Mileu. Dos nove concertos previstos no programa, quatro em Moscovo, Leninegrado e quatro em Ufa, nos Urais.

**SILVANA MANGANO**, actriz italiana, trabalha sob a direcção do realizador soviético Nikita Mikhalkov na película «Os Olhos Negros», actualmente em rodagem na localidade italiana de Frascati, a 60 quilómetros de Roma. Do elenco fazem ainda parte Marcello Mastroianni, Isabella Rossellini, Marta Keller e Elena Sofonova. A actriz justificou a sua participação no filme dizendo admirar o trabalho realizado por Mikhalkov.



**DIAS DE MELO**, escritor açoriano, lançará no mercado livreiro no próximo mês de Dezembro o seu último livro, intitulado «Uma Estrela nas Mãos do Homem». A obra, com a chancela do «Sinal», Jornal de Letras e Artes dos Açores, é essencialmente um livro de escritos de Natal.

**ALBERTO MORAVIA** alertou em Moscovo para o perigo de «destruição total» que «ameaça a humanidade». O escritor italiano, autor de «Os Indiferentes», participou na capital soviética num simpósio literário organizado no âmbito dos preparativos do septuagésimo aniversário da «Revolução de Outubro». Intervindo no encontro, Moravia sublinhou ser necessário que prossegam as conversações entre os dois grandes blocos mundiais por forma a eliminar as tensões actualmente existentes.

## Défice do Orçamento é de 434,5 milhões

A redução da inflação e o reforço do investimento produtivo e do emprego são os principais objectivos da política macroeconómica para 1987, indica a proposta de Orçamento de Estado.

Nesse sentido, o Orçamento, principal instrumento para atingir estes objectivos, apresenta um carácter expansionista. «temperado pela política monetária, por forma a não deixar aquecer a economia», como afirmou quarta-feira o ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, em S. Bento, ao entregar o documento à Assembleia da República.

O défice previsto no Orçamento para 1987 atinge 434,5 milhões de contos, equivalente a 8,9 por cento do Produto Interno Bruto e a menos 7,3 por cento, em termos nominais, relativamente aos 469,1 milhões de contos de défice do OE/86.

Em 1987, as necessidades de financiamento, incluindo juros, elevam-se a 617,1 milhões de contos (12,6 por cento do PIB), enquanto as amortizações da dívida ascendem a 182,6 milhões de contos.

A dívida pública no próximo ano está estimada em 3365,3 milhões de contos, o equivalente a 68,9 por cento do Produto Interno Bruto.

O Governo prevê a necessidade de recorrer a empréstimos externos em 1987 no valor global de 140,2 milhões de contos e empréstimos internos calculados e 467,4 milhões de contos.

Para fazer face a despesas correntes de 1369,5 milhões de contos (mais 13,2 por cento que em 1986), o Governo espera obter um total de receitas de 1144,4 milhões, mais 28,7 por cento do que este ano.

As receitas dos impostos directos previstas para o próximo ano ascendem a 302,8 milhões de contos, mais 9,2 por cento do que no ano em curso, enquanto as dos impostos indirectos atingem 579,2 milhões de contos.

No conjunto, o total dos impostos a arrecadar pelo Estado ascende a 1034 milhões de contos, um aumento em 12,5 por cento relativamente ao valor estimado para o ano em curso.

O Governo espera que as receitas provenientes da cobrança do imposto profissional aumentem em 13,2 por cento em 1987, atingindo 90 milhões de contos.

A morte de Georges Dumézil

## Chaves de civilização

**H**ISTORIADOR das civilizações indo-europeias, Georges Dumézil era um homem de cultura no sentido mais profundo do termo. Nele aliavam-se um enorme saber e uma grande modéstia. Morreu no passado sábado em Paris, com 88 anos, na sequência de uma hemorragia cerebral.

Accepta-se menos facilmente a fatalidade da morte quando ela leva aos que o admiravam e amavam um homem cuja potência criativa desafiava sinceramente a idade avançada. Georges Dumézil morreu. Os que tiveram o raro privilégio de se aproximarem dele nos últimos meses puderam experimentar esse estuor misturado com a veneração que nos atinge ao costarmos que um imenso sábio, no fim da vida, parece não ter pago o seu tributo à altitude a que se situa: porque, ao milagre da longevidade, que nunca basta por si só, ele associava a perfeita conservação dessa vivacidade, desse humor e desse vigor intelectual que, alimentando as nossas ilusões nos encorajavam, a nós, interlocutores maravilhados, a exaltar a nossa impaciência dos limites, transformando-a em desejo de eternidade.

Dumézil, nascido em 1898, ensinou a história das religiões na Universidade de Istambul, depois o estudo comparado das religiões dos povos indo-europeus na Escola Prática dos Altos Estudos. Mas a sua paixão pelas línguas habitava-o tanto como a paixão pelos povos, e pelos seus grandes mitos fundadores. Uma era inseparável da outra, para um espírito com a envergadura do dele.

Deu aulas de arménio na Escola das Línguas Orientais e, se a sua eleição para o Collège de France, em 1949, para uma cadeira de civilização indo-europeia, mais as suas múltiplas actividades e o seu envolvimento numa obra científica gigantesca, não o tivessem ocupado completamente, mais se teria aproveitado o seu saber linguístico e o seu conhecimento das grandes correntes das ciências da linguagem e das línguas mais diversas.

Ele falava dezenas delas, desde as línguas indo-europeias antigas e modernas, que conhecia a fundo, até às turcas, desde o *osmanli* e o *uzbek* até ao *kazakh* e a outros idiomas da Ásia Central, passando pelas extraordinárias línguas do Cáucaso noroeste, em especial o *ubkxh*, mas também o *kemirgoy* e outros dialectos *tchekesses*. As línguas



Uma das últimas fotografias de Georges Dumézil, feita há dois meses por Arnaud Baumann, que tenciona publicar um álbum dedicado ao especialista de mitologias comparadas

do Causaco eram-lhe, ao que parece, particularmente caras: ele gostava de dizer que a sua obra *A Língua dos Ubikhs* (editada pela livraria *Champion*), que publicou quando ainda era um jovem leitor da Universidade de Upsal, em 1931, era, «entre todos os seus pecados», aquele que ele estava mais disposto a assumir. Apesar de menos indulgente para os seus *Documentos da Anatólia sobre as Línguas e tradições do Cáucaso*, esta foi a obra que consolidou em França a corrente de estudos caucásicos. Os especialistas desta zona do saber estão todos em dívida para com ele, ou então foram directamente seus discípulos e émulos.

Todos temos de lhe agradecer o facto de ter recolhido, dos lábios dos últimos velhos que ainda os conheciam, testemunhos de idiomas caucásicos em vias de extinção. Porque uma língua que morre sem habitar um belo

livro leva com ela, para um nada sem regresso, uma preciosa parcela da Humanidade.

Muito cedo iniciado naquilo que viria a designar por «estrada real da linguística comparada, de Bréal a Meillet e de Meillet a Benveniste, se estendia diante dos seus olhos», ele escrevia, ainda em 1947, apesar de desde anos antes se ter afastado dessa via, um livro de filologia comparada indo-europeia intitulado *Tarpela*. Apesar de essa ter sido, com as obras já citadas, a sua única contribuição propriamente linguística, pode considerar-se que a sua obra imensa de criador da mitologia comparada permanece, até hoje, um dos últimos frescos onde se misturam estreitamente, como se misturam na realidade, as línguas, a história das sociedades e os percursos sinuosos das mitologias.

Apenas esse espantoso erudito que tinha, para mais, a graça de um pensamento sintético, poderia organizar,

numa tapeçaria de dimensões vertiginosas, os fios de tantas disciplinas que, normalmente, solicitam, cada uma delas, os esforços dispersos de numerosos sábios, que se esgotam a lançar entre eles as pontes para um diálogo.

O que conduz Dumézil pelo imenso território de tempo e de espaço cujas peças acaba por ajustar num todo de contundente coerência, ligando a Ásia à Europa, a Índia Védica aos Celtas, aos Germanos e à Roma arcaica é um vector tão directo quanto preciso, tão seguro quanto eficaz: as palavras. No final dos anos 30, uma intuição de génio: ele descobre a ligação que explica a paternidade formal, evidente, entre os nomes latino e sânscrito do padre: *flamen* e *braman*.

As três funções de fecundidade, do sacral e da guerra encontram-se muito exactamente na Índia Védica e na Roma arcaica ao mesmo tempo, incarnadas por divindades que se correspondem. Com eclipses aqui e ali, no tempo ou no espaço, o modelo trifuncional, tome ele corpo nas sociedades sagradas estruturadas em produção, sacerdócio e guerra, ou nas sociedades medievais de camponeses, cleros e barões aparece como ideologia subjacente às mais velhas sociedades indo-europeias, de que

este modelo fornece a chave, revelando, um a seguir ao outro, mistérios que tinham longamente confundido o mundo sábio.

Até aos Ossetas do centro do Cáucaso, Dumézil, conseguiu descrever o modelo tripartido em pleno século XX, consagrando-lhes em 1978 um belo livro que liga a sua história à dos Citas, seus antecessores. E sobretudo, ultimamente, já com mais de 80 anos, Dumézil tinha publicado uma nova versão de *Loki* e o prefácio do primeiro resumo do *Maharabata*.

Depois de Dumézil, a ciência das religiões nunca mais será o que fora antes dele. A razão ordenou o caos. Ele substituiu a vaga claridade de uma noção de religiosidade pela luz forte de estruturas de pensamento. É essa uma das suas lições.

Mas há outra, bem diferente, que se poderia, para concluir, reter deste gigante: a da sua grande modéstia, tão grande que uma coisa se tornava evidente logo nos primeiros minutos: para além do limiar em que os bons sentimentos são fingidos, não há melhor indício da extensão fabulosa de um saber e de uma inteligência do que a consciência declarada dos seus limites.

Claude Hagège

## Lévi-Strauss: o UNO

**A**o saber da morte de Georges Dumézil, Claude Lévi-Strauss, etnólogo e académico, declarou no-meadamente: «Com Georges Dumézil desaparece um dos maiores espíritos deste século. Devo-lhe muito, quer na formação do meu pensamento quer em termos de carreira. Era um homem extremamente discreto, que tinha escolhido uma especialidade muito difícil e que não se preocupava nada com as opiniões. O arqueólogo Dumézil descobriu uma arquitectura mental que é um dos maiores monumentos da Humanidade. A famosa ideologia das três funções não é o essencial dessa arquitectura: é apenas uma chave para se chegar à unidade das narrativas, das crenças e das representações entre as quais nunca se tinham suspeitado relações. O génio específico de Georges Dumézil foi o de mostrar que fenómenos aparentemente diversos

eram Um. Por outras palavras, mais do que a atribuição desta ou daquela ideologia aos indo-europeus, é a *démarche* intelectual que subtece a obra que eu considero fundamental... E é essa a grandição que ele nos deixa, a nós, investigadores».

**Declaração de Jacques Le Goff:** «Para as pessoas da minha geração, ele fabricou fios condutores, forneceu um método, um extraordinário estudo dos textos, abrindo-nos o horizonte do comparatismo».

**Emmanuel Le Roy Ladurie:** «Conhecia-o bastante bem, era um homem cortês, nem sempre previsível, extremamente impressionante e injustamente tacado».

**Pierre Chaunu:** «Ninguém é capaz de cobrir um campo tão imenso e tão terrivelmente unificado como o do seu saber.»



## Ruy Cinatti

■ Um poeta «murmurado e discreto», como dele disse Óscar Lopes, e que desaparece com toda a obra quase impossível de encontrar em livraria

Pág. 4

## «E se Tivesse a Bondade de me Dizer Porquê?», Clara Pinto Correia e Mário de Carvalho, Edições Rolim

«Não tenhamos receio das palavras quando elas dizem o que na verdade as coisas são: este livro conjunto de Clara Pinto Correia e Mário de Carvalho, intitulado «E se Tivesse a Bondade de me Dizer Porquê?», surge-nos pura e simplesmente como um álbum de banda desenhada. Mas então onde os desenhos, os «balões» para os diálogos, as cores sublinhando esta ou aquela situação...? Todos estes requisitos emergem da enorme plasticidade da escrita, do imaginário posto em palavras directas, fluentes, interligando-se como um traço contínuo de lápis ou tinta-da-china. Mas o que sobretudo se sobrepõe a esta maneira de contar uma história, com princípio, meio e fim, é a grande alegria de escrever, o gozo de construir uma intriga, o dar à luz personagens através de uma grande e sábia economia de traços. Pode dizer-se, em resumo, que o que permanece na memória do leitor é o acto exuberante de dois escritores sde desnudarem e exibirem, sem quaisquer segredos ou pudores, a técnica da arte de escrever.

Os trinta capítulos do romance, alternadamente escritos por CPC e MC, vão constituindo um todo, todas as partes se assimilando e concorrendo para o fim que ambos os escritores pretendem. Ora que fim é esse...? Unicamente o de divertir o leitor...? Digamos que nem oito, nem oitenta. Se, efectivamente, de degrau em degrau, de capítulo em capítulo, pode o leitor desfrutar de muitos e variados motivos de entretenimento, a verdade é que este romance escrito a duas mãos, cada uma com a sua sensibilidade própria, tem, quanto a nós (ou melhor: quanto ao leitor atento que o desfolha), um objectivo bem determinado.

Ora que objectivo...?

O de, embora de maneira irónica, demonstrar que o futuro não deve menosprezar o passado. Explicitando: os

jovens, numa imaginada cidade da União Soviética, designada por Gno-seograd, entendem que os gerentes, as gerações anteriores, devem ser perseguidos e eliminados. Duas personagens femininas, Tânia e Catarina, são o exemplo dessa reivindicação. Ruppert, um professor e homem de cultura, irá convencer Tânia (até porque ambos se apaixonam) que as coisas não são bem assim... Tânia impõe os seus pontos de vista, tenta todos os truques, anseia por levar à prática a nova «ideologia» da juventude. Mas, lentamente, e após vários fracassos de um colectivo inconsciente (colectivo que compreende jovens de idade e «jovens», como Catarina, em virtude de uma droga subtil), Tânia acaba por compreender que, afinal, Ruppert, mais velho do que ela alguns bons anos, é senhor de uma razão que a sua razão juvenil ainda não tinha apreendido... E cedo (até porque o amor nestas coisas sempre ajuda muito...), vai acatando as palavras da geração anterior, acaba nos braços (passe a expressão) da sabedoria... Sabedoria que, como é óbvio, também se retempera com a beleza as exigências, e a juventude da discipula.

Não se trata, não, de um romance moralista: trata-se de um romance inteligente, arguto, fino, impregnado de todas as linhas da dialéctica.

Atenção, pois, a este original de Clara Pinto Correia e Mário de Carvalho: quem se ficar pelo seu aspecto de banda desenhada (aspecto acentuado pela capa tripartida e pelos desenhos de Jorge Colombo), pelo jogo de imagens e situações divertidas, não soube, não, ir mais longe — e é pena. Porque esta escrita gozada, elaborada em encadeamento, encerra, ao fim e ao cabo, uma história muito séria. Interessa é saber ler nas entrelinhas — e chegar à conclusão de que o futuro se não constrói unicamente com um presente insatisfeito, mas também com o auxílio de um passado rico de eventos e saber.

Caso o leitor não tenha apreendido esta lição, aconselho-lo a ler o livro em questão. E isso porque há sempre algo escondido em qualquer

objecto que contemplemos. E quando esse objecto é um livro, então, há que desfolhar, em suma, as páginas uma a uma. Só desta feição é que renovamos, e rimos, e vivemos — e amamos...

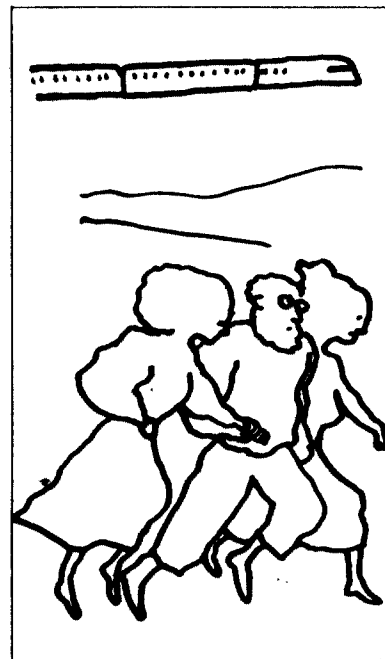
Pedro Alvim

## Outra leitura do mesmo texto

É (este livro) uma despoluidora demonstração de vitalidade literária dentro da mais ou menos conseguida movimentação editorial portuguesa, digo-o ao encontrar nele aquilo que, há uns tempos, desejava escrito por portugueses. Isto é: uma escrita transparentemente construída nos ilimitados limites da ficção científica. Um escrever humorístico em que os nossos autores se apresentassem espelhos da era espacial em que vivemos, com viajantes conquistadores dos mundos dispersos na infinitude cósmica...

Apontava a minha atenção espectral na direcção de Maria Isabel Barreno, autora que ultimamente vem alinhando num escrever muito próximo deste apresentado por Clara Pinto Correia e Mário de Carvalho. Ia consumindo autores estrangeiros (nomeadamente os irmãos Strugatsky que esta obra me fez lembrar), na certeza de que aqui algo de fabuloso aconteceria. Muita paciência em relação aos oxigenantes buracos estéticos que vêm sendo os policiais nacionais («O Trabalho é Sagrado», de Herique Nicolau, a destacar-se) e muita fé nas portas vislumbradas através (repito) de Maria Isabel Barreno.

É que não se trata apenas de aplaudir como um marco historiográfico este agradecimento de «E se Tivesse a Bondade de me Dizer Porquê?» Nem sempre tais aparecimentos são significativos de jubilante mudança como nos demonstrou «Adeus, Princesa», o primeiro policial escrito por uma mulher portuguesa que em nada dignifica nem o



género policial nem a criatividade feminina.

Eis que agora assistimos a um rejuvenescimento literário. Um rejuvenescer que tem por detrás o impulso das Edições Rolim. Editora que desde já conquistou o irrefutável título de pujante e diferente estimuladora dos imaginários estéticos. Atente-se na belíssima capa de Jorge Colombo, nas ilustrações que acompanham o texto, até na «Nota da Editora»...

Feito este apontamento do claro contentamento que experimentei ao longo da leitura deste livro, impõe-se uma melhor explicitação do conteúdo e da forma do mesmo.

Dois autores contam-nos uma estória que se constrói como se jogassem uma partida de xadrez em que o xeque-mate seria a palavra. Uma palavra de infinita plasticidade e na qual os jogadores tivessem de utilizar todo o seu engenho. Na qual cada um imprimiria as marcas do seu estilo, das suas vivências, etc.

Um desafio ambicioso que resul-

tou num sucesso, porque a maturidade de Mário de Carvalho combina muito bem com a leveza, algo inconsistente, de Clara Pinto Correia. Repare-se, por exemplo, como aquele autor aprofunda e retoma as pistas temáticas (apanhadas em solto imaginário) desta autora. Repare-se como, despretensiosamente, ele discorre filosoficamente em torno do comportamento humano e como pertinentemente nos coloca em frente do advogado Sócrates... Genial é o quinto capítulo de «E se Tivesse a Bondade de me Dizer Porquê?». E Clara Pinto Correia aproveita-o, deliciosamente, na divertida trama policial que a partir dele desenvolve. De resto, Clara Pinto Correia lança o seu adversário em situações muito... muito apontadoras para lugar nenhum. O que prova a sua destreza imaginativa. O seu voar palavroso que, confesso-vos!, julgava impossível na sequência do desagrado em mim suscitado por outros livros de sua autoria.

Mário de Carvalho riposta com exuberância. Uma exuberância não alheia à poesia. Passo a citar: «Uma nuvem desligou e descobriu a Lua. A face de Catarina, crispada, surgiu bem nítida, aos olhos de Ruppert, já afeitos à noite.» Ou: «Tarde de mais. Com um grito, Catarina desprendeuse e rolou pela neve. Veio uma nuvem e fechou a Lua.»

A reflexão hilariante em torno de situações nada divertidas é este «E se Tivesse a Bondade de me Dizer Porquê?», onde a nossa Lisboa surge mordazmente captada pela escrita de Clara Pinto Correia nos capítulos de zasseis, dezoito e vinte e dois.

Uma estória em que os seus personagens viajam através de diferentes espaços e tempos, esta de Clara Pinto Correia e Mário de Carvalho reflecte a vitalidade literária dos nossos escritores. Um livro a reter na memória e a ler como um tónico revivificante...

Ana Paula Portugal

## CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

### TEMA: «Seixal — Um Concelho de Abril Rumo ao Futuro»

1 — O concurso denomina-se «Seixal — Um Concelho de Abril Rumo ao Futuro» e é integrado no programa das comemorações do 150.º Aniversário do Concelho do Seixal (1836-1986) sendo aberto:

a) A Jornalistas profissionais da competente carteira profissional;

b) A alunos da Escola Superior de Comunicação Social e alunos da área pedagógica correspondente no Curso Complementar do Ensino Unificado (10.º, 11.º e 12.º anos).

2 — O tema do presente concurso na modalidade de reportagem, crónica ou artigos basear-se-á no Concelho do Seixal em qualquer dos seus aspectos desde vocação histórica à realidade actual.

3 — Serão atribuídos 2 tipos de prémios pecuniários:

a) Jornalistas Profissionais — 100 000\$00;

b) Não Profissionais — 50 000\$00.

Além destes poderá ainda o Júri, se assim o entender, propor à Câmara Municipal a atribuição de menções honrosas.

A Câmara Municipal, sob proposta do Júri, poderá reservar-se o direito de não atribuir qualquer dos prémios referidos.

### 4 — Prazos de apresentação dos trabalhos:

a) Para profissionais nas modalidades referidas deverão ser publicados em 6/11/86 e 1/3/87 em qualquer órgão português de comunicação social escrita.

b) No caso de não profissionais e verificada a impossibilidade de publicação dos trabalhos deverão estes ser remetidos à Câmara Municipal.

5 — Em ambos os casos os trabalhos deverão ser enviados até 5/Março/87, à Câmara Municipal — «Prémio de Jornalismo» em 6 cópias acompanhadas da respectiva identificação (Nome, Morada, Telefone e N.º de Carteira Profissional no caso de a possuir).

Para os trabalhos não publicados não deverão exceder 2 páginas formato A-4 dactilografadas a 2 espaços.

6 — O Júri será formado por cinco elementos sendo composto por Jornalistas profissionais (no caso impedidos de concorrer) e representantes da Câmara Municipal.

7 — Proceder-se-á à entrega dos prémios e divulgação dos resultados até ao dia 25/Abril/87 dando-se a devida publicação.

8 — De todos os trabalhos apresentados reservar-se-á para a Câmara Municipal a utilização que por bem entender efectuar.



### Nobel no jornal do dia

DADA a hora de fecho desta edição do suplemento **Ler/Escrever**, não podemos incluir nela a divulgação do nome do(s) premiado(s) com o Nobel da Literatura deste ano — conhecida hoje mesmo, às 13 horas de Estocolmo, 12 de Lisboa. Entretanto, e como se sabe, o Nobel da Paz de 1987 foi atribuído a um escritor, Elie Wiesel, a quem o **Ler/Escrever** dedicou particular atenção, no momento da publicação do seu único romance editado em Portugal: **Testamento de um Poeta Judeu Assassinado**. Wiesel, de 58 anos, sobrevivente de um campo nazi, narra, ali, a saga dos judeus russos, e depois soviéticos, entre finais do século passado e a actualidade. (V. **Ler/Escrever** de 22/5/86).

### Manuel da Fonseca, setenta e cinco anos

COMO habitualmente, a passagem de mais um aniversário de Manuel da Fonseca reuniu ontem num jantar, à volta do escritor, uma trintena de amigos de sempre e também de seus admiradores. Manuel da Fonseca encon-

tra-se em boa forma física, recuperado de maleitas que o incomodaram seriamente há não muito tempo, e prepara-se para lançar nova ficção — umas histórias algarvias para as quais se olha com expectativa. «Perseguido», embora sem má intenção, por alguns «fanáticos regionalistas» que persistem em apresentá-lo como escritor alentejano, Manuel da Fonseca é, mais precisamente, e como se sabe, um dos grandes prosadores portugueses contemporâneos — e dizemo-lo sem qualquer animosidade contra os dois Alentejos, o Alto ou o Baixo.

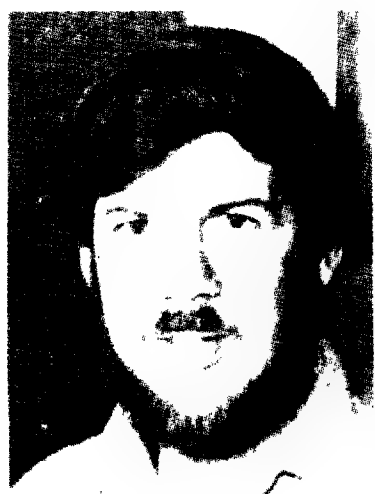
### Blanchot e Foucault

PROSEGUE o Outono Foucaultiano em Paris: para além das edições dedicadas ao filósofo, e que já noticiámos em detalhe, surge agora, de Maurice Blanchot, um **Michel Foucault tel que je l'imagina**, publicado pelas edições **Fata Morgana**. Blanchot foi um dos leitores mais atentos de Foucault, e o seu pequeno livro (70 páginas) ombeira, em importância, com o de Gilles Deleuze. Curiosamente, Blanchot nunca conheceu pessoalmente o filósofo sobre quem agora escreve: «Nunca o encontrei, salvo uma vez no pátio da Sorbonne durante os acontecimentos de Maio de 68, talvez em Junho ou Julho.

### Gralhas

No último número deste suplemento, no texto «São cegos os olhos que só vêem o que existe», caiu uma gralha, pela qual nos desculpamos, que altera sentidos e conteúdos. Onde se lê: «Do desporto nasce um sonho», devia ler-se «Do despertar nasce um sonho».

# Em busca do tempo perdido



STEPHEN JAY GOULD

Reflexões sobre História Natural



Stephen Jay Gould e o seu «polegar do panda»

**O Polegar do Panda, Reflexões sobre História Natural, Stephen Jay Gould, ed. Gradiva, col. Ciência Aberta.**

CONTINUA em aberto — reanudando-se em intervalos regulares — o diálogo entre os defensores de Darwin, os de Lamarck e de outras teologias científicas ou não. Nutre-se de uma infinita quantidade de probabilidades e improbabilidades. Os vestígios são poucos e de falível apreciação.

Para os militantes da selecção natural, e não só, o *Polegar do Panda*, de Stephen Jay Gould — eminente divulgador norte-americano —, tem pelo menos o mérito, de ser por vezes um divertido dissertar e reflectir sobre as coisas do «é possível que tenham sido e que sejam assim». O autor oferece-nos informações valiosas e interessantes da polémica que se tem mantido nos últimos cem anos à volta deste primordial referente do conhecimento humano que é a história das origens e evolução da vida na Terra.

Livro para entendidos e leigos, tem a flexibilidade de servir como material rico em pontos de vista para

os primeiros, e de despreconceituado informativo para os segundos.

É também um anedotário porque nos diz que isto da ciência também tem coisas divertidas. Desde as traças do famoso Teillard de Chardin, importante teólogo contemporâneo, um dos inventores do «Homem de Pildown», que contribuiu durante quase cem anos para marcantes desvios no conhecimento da evolução da nossa espécie, até à craniometria, mania do século passado que levou conhecidos investigadores a medir as suas próprias cabeças, e muitas vezes os seus próprios chapéus, tentando tirar disso esclarecedoras conclusões acerca das capacidades intelectuais do homem. De resto, ainda hoje se mantém para estudo o cérebro de Einstein, o que quer dizer que essas ideias ainda não foram totalmente postas de lado.

A opinião de um desconhecedor das matérias tratadas é de que vale a pena ler este *Polegar do Panda*, por tudo o que de curioso e interessante contém, e também por tudo o que de árido e de enfadonho nele possamos encontrar. Que isto da ciência também tem as suas «coisitas» que são bastante aborrecidas...

L.G.R.

**CÉLINE**  
VÃO NAVIOS CHEIOS DE FANTASMAS.

nato dos judeus, ou *Les Beaux Draps*, que escarnecem a pátria vencida e incitam às brutalidades nazis.

De nada serve, no entanto, julgar hoje o fascista que Céline foi, sendo demasiado fácil denunciar como indefensável a sua atitude de típico pequeníssimo burguês franciú, racista, subserviente, timorato, vítima de delírios persecutórios sistemáticos, sempre à procura de vastas tramas ocultas, de culpados invisíveis para a sua situação sem esperança e sem saída.

Poder-se-á, quanto muito, dizer que Céline foi um grande escritor e um extraordinário sacana, aproveitando o ensejo para acentuar que estas duas qualidades não se excluem forçosamente, isto é, que há muitos bons poetas que são também excelentes canalhas.

Só quem conhece a vida exclusivamente através dos livros é que não sabe isto, sendo portanto natural que a deslumbrante «petite musique» celiniana ofusque a visão do mundo de onde essa música nasce: nada de tolerável na nossa pobre vida, nenhuma dignidade na condição humana.

Espécie de Rabelais moderno, colérico e rancoroso, ninguém como Céline soube torcer as palavras francesas e transformá-las num chicote. Nele, a linguagem falada, o calão da rua, o lirismo dos ébrios e o génio popular da invectiva e do insulto sustentam uma escrita desmedida, galopante, de sintaxe aparentemente claudicante, mas sólida.

E.S.

**Vão navios cheios de fantasmas...**

**Louis-Ferdinand Céline**  
**Hiena Editora**

**Tradução de Aníbal Fernandes**

TODA a obra de Céline é percorrida por uma espécie de nevrose do ódio e sofre a atracção patológica pelas imagens da estupidez crassa, do sofrimento, da crueldade. Essas tendências acentuam-se, na véspera da guerra, em panfletos como *Bagatelles Pour Un Massacre* e *L'Ecole des Cadavres*, que apelam à perseguição e ao assassi-

UM dos últimos mestres deste século (entenda-se por Mestre aquele que passa um testemunho de mão para mão, sem intermediários), Hermann Hesse, previu como outros o desenlace espiritual que antecede o ano 2000. Como ele outros usufruíram dessa antevisão usando outras estratégias. Foi o caso de Jorge Luís Borges, encantador de signos, e de Marguerite Yourcenar, desencantadora de mitos.

A seguir a eles as letras entram num beco sem saída, ou melhor, no ponto sem saídas previsíveis, para o infundo labirinto da mente. Não quer isso dizer que se esgotaram as literaturas ou que se tenha perdido a possibilidade de reinventar. Quer-se dizer que estaremos a assistir à viragem acelerada de valores que possivelmente já cumpriram o seu dever.

Mesmo que os mestres desapareçam e não se antevejam outros, nada nos garante que se deva perder a esperança. Pelo contrário, será um indício revelador de que algo de novo, imponderável no momento, se prepara para dar entrada no grande palco.

Os demissionários deixaram em claro nos espaços em branco, as mensagens do que apanharam, nas suas épocas, no ar, nas subitilidades das tradições. Hesse, que viveu na Suíça, em altitude, foi agraciado pela «sorte» dessa «bonomia» da natureza em o ter colocado no sítio certo.

Ele anteviu que num futuro não muito longínquo, e devido à poluição causada pelas tecnologias contemporâneas e pelos consumismos de entretenimento, o homem do velho continente, (não falo dos americanos, que pela recente maioridade histórico-cultural, criaram diferentes apetências dissimuladoras ou de olvido), acabaria por procurar nos Orientes próximos ou distantes no espaço e no tempo, uma consolação espiritual, que lhe recusa no presente, a standardização de um cristianismo-instituição que se converteu/constrangeu aos vários tamanhos/preços de uma iconografia folclórica, pensada em termos de rentabilidade mercantil, de shopping center.

As grandes peregrinações já não dizem nada. De resto com o desaparecimento dos caminhos de terra batida como vias de contacto, e com a banalização das auto-estradas, as pegadas dos peregrinos deixaram de ficar marcadas (como impressões de presença) nas sinuosidades das areias. Elas são, ou a obrigatoriedade de pagamento de promessas descrentes, ou diatribe turísticas sem consequências ou efeitos espiritualizantes.

Hesse advertiu-o quando disse nos seus escritos autobiográficos («Obstinação») em 1914, que «todo o Oriente respira religião, como o Ocidente respira razão e técnica (...) também está claro que a salvação e a continuação da cultura europeias só é possível reencontrando a arte de viver espiritual e o património comum espiritual. Continua a ser uma incógnita que a religião possa superar-se ou substituir-se».

Por esses motivos, as novas gerações, que numa abordagem descuidada, parecem carecer de sentido ou de objectivo definíveis, serão possivelmente — pelo agnosticismo doentio que aparentam —, o ponto da grande ruptura, onde os usados valores de uma Roma Imperial esboçam os últimos suspiros. Por outras palavras poder-se-ia dizer que se aproxima o Anti-Cristo (apesar de não se terem ainda realizado as profecias de Nostradamus. Veja-se Lion, ano de 1986, Outubro, visita de Sua Santidade o Papa João Paulo II a França).

Quando o mal-estar inconsciente de algo que falta sem se saber muito bem o que é e porque o é, se vai insta-

lando, as pessoas tendem a virar-se para aquelas que ainda têm algo para dar.

É o caso das culturas asiáticas e africanas. Não é casual que desde os princípios da década de sessenta, se tiraram do mesmo saco, todos os misticismos, teosofismos e astrologismos, charlatães ou não, e ao mesmo tempo se tentaram conhecer melhor os grandes Mestres recentes ou antigos de tradições que ainda mantêm o fôlego inicial, e que melhor se têm defendido das investidas da «barbárie».

É que quando se instala a confusão nas mentes, agarra-se indiscriminadamente em tudo o que é desconhecido e possa trazer algum conforto. Eis porque se misturaram coisas tão aparentemente diversas. Ou não...

Hoje, talvez somente Marguerite Yourcenar consiga falar com inovação de temas antigos e coisas fora de moda. Talvez a grande maioria dos seus leitores só veja nela, o colorido sonho de gestas passadas, de infantis jogos de espada de madeira tosca, e mantas diáfanas de velhos lençóis roubados do tanque da roupa suja.

Hermann Hesse também não foi compreendido a não ser que se exceptue a benevolência que lhe concederam pelo exótico.

Afinal, discute-se muito do valor e da hegemonia histórica das diferentes gerações. Nenhuma é mais importante do que a anterior ou da que se lhe segue: todos fluem no tempo, todas são um encandeamento, coerente ou incoerente, entendível ou intrigante, todas cumprem o seu papel. É que se de umas emergem ideias, correntes, inovações, noutras germina-se em quentes e envolventes úteros, minúsculos organismos que dão ao nascer as grandes transformações do pensar e do viver das civilizações.

Quando no presente, o homem abre as mãos e esboça uma prece ao Oriente, em busca de consolação que está carente, da tábuca de salvação onde se possa agarrar em caso de naufrágio, nada mais se cumpre senão o que estes grandes pensadores do Séc. XX predisseram que chega-

ria a hora em que a «gloriosa e onnipotente» civilização Ocidental, teria que aceitar a existência e a igualdade de outras culturas humanas que não a sua. Isso só foi possível na era da comunicação, dos media. Agora, porque não soubemos ou não quisemos renovar o entendimento dos nossos passados históricos, virámo-nos desesperadamente à procura de salvação que venha de outras direcções.

Creio que — e isto soube-o bem Hesse, Borges ou Yourcenar — o que de melhor temos a aprender com o Japão, a China, a Índia, é que a infinita paciência, é a melhor terapia para a identificação de nós mesmos e de uma identidade que não está perdida, está baralhada.

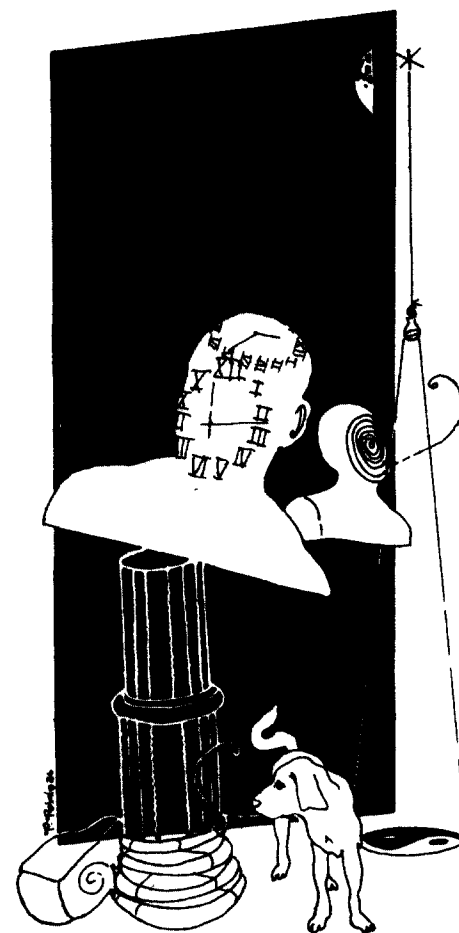
Quando se anda a velocidades estonteantes tem-se a possibilidade de ver muitas coisas, mas perde-se a oportunidade de apreciar os detalhes mínimos das mesmas. Depois, quando se quer recordar ou contar aos outros o que se viu-viveu, a memória falha e cai-se no estado vergonhoso de ou nos termos de calar, porque não há nada para dizer, ou então de inventar histórias que já não convegem ninguém...

É sempre justo lembrarmo-nos dos que precisamente são tomados como pontos de referência das gerações em que viveram. É pois legítimo recordar Hermann Hesse e recordar o que foram os primeiros cinquenta anos deste século, onde coexistiram personagens tão coincidentes como Fernando Pessoa e Cavafy e tão saudavelmente distantes como os surrealistas ou os neo-realistas.

Do que parece não haver dúvidas é de que os guias espirituais deste final de século deixaram os contornos físicos habituais, e passaram a manifestar-se através da maior revolução dos últimos decénios: a imposição dos meios audiovisuais.

Resta saber se a aparente frieza de um diálogo com um ecrã de televisão, em que um dos intervenientes é sempre, forçosamente, espectador, é a resposta óptima aos nossos problemas, ou desejos.

Luís Guilherme Robalo



# Ruy Cinatti, «murmurado e discreto»

Como sempre acontece com os grandes poetas (Fernando Pessoa, Camilo Pessanha, Wenceslau de Moraes...), Ruy Cinatti, recentemente falecido, só entrará na sensibilidade do leitor de poesia em seu devido tempo.

Na verdade, a morte, por vezes, é uma chamada de atenção. Por estes últimos dias, já muitos «pesquisadores» de poesias se introduziram em livrarias, alfarrabistas e livrinhos em busca da palavra impressa de Cinatti. Em vão, no entanto: os livros do poeta há muito que se encontram esgotados.

Esta perda dos livros de Cinatti merece uma certa meditação. Ora que meditação...? Unicamente a que se baseia na própria personalidade do poeta, personalidade que poderá ser adjetivada de um homem que está e não está, que nasce em Londres e se naturaliza português, que vem a Lisboa e parte para Timor... Difícil, portanto, de ser apanhado em tertúlias, de ser entrevistado, de ser convidado para fazer colóquios. Acresce ainda o facto de Ruy Cinatti ter sido um homem dividido entre a Poesia e a Antropologia, o que, tudo somado, nos oferta um nome (o seu) difícil de chamar para um certo convívio tradicional. Até, inclusive, para a reedição das suas obras.

Eis-nos encarando, pois, um rosto que ora surge por entre o colectivo que todos nós somos — um rosto (segundo Óscar Lopes) que «assinala uma transição entre a discursividade dos presencistas frente ao tema do mistério, os ventos românticos e ca-



Fotos de Ruy Cinatti por João Bafo, feitas para a revista «Grande Reportagem»: ilustraram uma entrevista com o poeta realizada por Joaquim Furtado

tastróficos ainda anteriores, pois sopram desde Shelley e Hérculano, um passadismo de outro mundo ou de outro tempo, e o novo encantamento do mito, preservadamente poético e puro, mas, para isso, **murmurado e discreto**, do bosque de Endymion, da ilha afortunada da Infância em que ainda somos deuses, e não orfãos...» (História da Literatura Portuguesa). «Murmurado e discreto», sublinhámos atrás. Quem, por conse-

quência, quizer alcançar a poesia de Cinatti (e uma vez que consiga os seus livros) terá de ter ouvido para esse murmúrio e a subtil delicadeza de não romper com a discreção inerente à escrita do autor de «Nós não somos deste mundo». Uma atenção difícil...?

Certamente que uma atenção difícil: a poesia, porque rompendo com o discurso lógico, exige (exigiu sempre) aquele saber que outras coisas existem para além de quanto o quoti-

diano (o mero quotidiano sufocador) nos proporciona. É que (como diria Hamlet) «há mais coisas entre o Céu e a Terra, Horácio, do que a tua vã filosofia supõe...» Ora é precisamente este juízo lapidar que Ruy Cinatti nos oferece através da sua poesia. Quem agora a vai interpretar, tal um sábio no seu laboratório...? O tempo o dirá — o tempo que é uma mescla de **homem** (antropologia) e **poesia** (o que está para além do homem).

Pedro Alvim

## Oirmão de sangue

Poemas dedicados a músicos (*As bodas, Sonata, outros*) e um conhecimento profundo de toda a música clássica escrita marcam a ligação de Ruy Cinatti a essa outra linguagem em que as palavras não são decisivas. E foi com um músico, o maestro Simão Barreto, que Cinatti fez, em Timor, pacto de sangue — essa abertura de veias, essa aproximação simbólica de destinos com que, em algumas culturas, se instituem laços tão fortes como os naturais.

Diz-nos Simão Barreto, no seu apartamento de Queluz de Baixo, diante de uma floresta de livros e papéis inéditos de Cinatti, que, para o poeta, aquele pacto de sangue significou também uma ligação ao destino de Timor; como ele escreveu em *Secreto Apelo*: «Na floresta silenciosa / Fui encontrar a rosa / Prometida. / Na floresta silenciosa / Fui encontrar, generosa / A minha vida».

O músico timorense, que se manteve em contacto com Cinatti até aos últimos dias de vida do poeta, abre-nos as páginas que o pacto de sangue engendrou: «Causas perdidas / São as que me dão vida. / Quero-te, / O minha pátria! / Aterro a minha casa. / Construo outra / igual, parecida.»

Português, Cinatti não podia voltar a Timor e vivia mortalmente adoecido pelo destino da ilha e dos seus naturais. Nos últimos anos, revoltado com a situação dos *timores* que via definharem no Jamor ou na Amadora, cismou que construíria em Sintra um lugar de peregrinação católica, mas onde habitassem o espírito pagão e a poesia da ilha. «Em Timor — explicara ele recentemente — a poesia era tanta que eu nem precisava de escrevê-la».

JM

FOLHETIM

## Um é Outros

Jrupe Emigrilian  
Exclusivo LerEscrever

### Capítulo XIII

## O branco

Agora sinto que estou próximo da verdade, seja ela qual for. Tudo à minha volta é branco, e eu balanço no meio disto sem me poder prender a nada, uma pequena rasura, uma mancha que me suscitem qualquer tipo de vontade. Isto não é a morte, claro, não é a vida, mas aquele espaço que nos sonhos transporta a nossa orientação para fora, totalmente fora.

Deus está aqui, eu sei.

Conheci só um pintor que sabia pintar o branco, um único neste nosso século de profusões. As suas telas nada tinham de extraordinário, eram banais e repetitivas, de um surrealismo retardado. Desconhecido, vivendo numa pequena cidade portuguesa, Júlio Soares não tinha a mais diminuta parcela de aspiração e desejo. No entanto, toda a sua vida estava obrigada à alucinação com que tomava a pintura. De dia despachava as coisas que lhe permitiam comer, o que rapidamente terminava pois precisava de muito pouco. O resto do tempo fumava, lia, dormitava até cair a noite. Era raro sair à rua, mantinha a casa sempre fechada, cheirando a tabaco e humidade. Mas quando o escuro cerrava tudo se transfigurava na sua inércia.

Febril, com os dedos tremendo, preparava os materiais.

As cores que usava, as formas que cobria com os pincéis não eram finalidades, mas obstáculos, que o Júlio procurava transpor com raiva. O que ele queria mesmo era pintar os brancos. Toalhas, lençóis, mantas, vestes, era o que sobressaía nos seus quadros.

A qualidade do que pintava ia desde o absolutamente genial até à mais rotunda porcaria, um e outro extremo acompanhados num mesmo resultado. Mas houve quem,

conhecendo a pintura, o tentasse ajudar. Não eu, que avisei dos males que da loucura desse amigo poderiam ser assim motivados.

Tive razão: daí a uns tempos pincelava rostos absurdamente brancos, explodindo hiper-realisticamente no todo da tela.

Foi o princípio do fim: meteram o branco dentro dele, da carne dele. Merda.

Júlio Soares deixou de comer, até de dormir. Todo o dia e toda a noite ele pintava, magro como os seus personagens. Vivia atormentado, mas simultaneamente com uma serenidade que desconcertava e assustava. Tornou-se calado, silencioso, não nos olhava quando o visitávamos. A última vez que o vi cobria um quadro enorme com branco-sujo, e entre esse vazio tornado compacto traçou a aguarela, muito transparente, um corpo nu, inanimado. O incómodo estava em que este corpo, apesar de se encontrar poisado, estava suspenso sobre nada.

Como eu, agora.

Sim, as religiões conotam o branco com o espírito, Deus é luz, a luz que cega mas que cora os objectos. E isso da verdade, supremo acento, pode ser apenas esta sensação de frio.

Creio que o meu amigo, ao definhar como se passou consigo, se divinizou de alguma forma: era um místico, não mais do que um místico. Mas eu não procurei o que ele procurava, preferiria essa pequenina ordem de coisas jogadas entre a vidinha e a grande pega, mas afinal somente uma pega, que é a morte. A minha, antevista, e a dos meus próximos. Só que matar outros seres humanos implica a diluição deste ciclo: é um poder.

No Rigveda dos hindus diz-se que no início do mundo nem o ser nem o não-ser existiam ainda, portanto nem o dia nem a noite, nem a morte nem a imortalidade. Todas as contradições permaneciam em bola, o obscuro oculto no obscuro. A imensidão e o vazio não se distinguiram. De repente lembro-me de «Os Danados» de Signorelli, frescos da capela de Brixio na catedral de Orvieto: é a constatação do poder, a bola estoirada, a metade.

O poder, que eu adquiri e que é o próprio de Deus, para quem criar é igual capacidade de destruir, assim como o negro é remetente do branco, esse poder que me obriga ao assassinio como suprema arte de criação, é o que mimeiam essas figuras de Signorelli, os diabos e os amaldiçoados. São gente que se impõe aos mais que lá estão, medidas de força. É um Simbolismo ético, claro está. Podem haver outros, bem mais subtis. Como o daquele sujeito que em Lisboa anda de «spray» inscrevendo caracteres chineses nas paredes das igrejas. É uma imposição. Mas esta ele fez directamente sobre o branco. Terá sido o Júlio, querendo voltar da sua invisibilidade?

Pascal: «O homem é apenas um caniço, o mais frágil da natureza, mas é um caniço pensante. Não é necessário que o universo inteiro se arme para o esmagar. Um vapor, uma gota de água bastam para o matar. Mas, quando o universo o esmagar, o homem ainda será mais nobre que aquele que o mata porque sabe que morre, e o universo esse não sabe da vantagem que tem sobre ele».

Pois, acho que Deus é um homem, um homem que se veste todo de branco. Nada de mais extraordinário que isso. Um homem como eu, exactamente como eu, na brisa celeste com um corpo funcional. Débil, mas invencível.

(Continua)

«Após dois anos de coma profundo», segundo as suas próprias palavras de apresentação, a revista *Silex*, de letras e artes, volta a editar-se sob a forma de publicação mensal, dirigida por Artur Lucena, Henrique Madeira e José Manuel Capelo. O número de relançamento contém sobretudo textos de homenagem a Raul de Carvalho. A *Silex* anuncia próximos números temáticos em torno de Alexandre O'Neill, Jacinto do Prado Coelho, José Gomes Ferreira e Nuno Bragança. Saudando o seu renascimento, o *Ler Escrever* transcreve com a devida vênica o texto de uma entrevista com Luís Osório feita por José Manuel Capelo.

## Este surrealista clássico que dá pelo nome de Luís Osório

Nem sempre os homens se viram com os olhos que têm na cara. Espreitam-se uns, remiram-se outros, fulanizam-se tantos-mais. Só que aos poucos, e o tempo é nisso sabedor, transparecem aquele-outros cujo o engenho e a forma se distinguem da imagem normal do quotidiano. Neste preciso caso, surge a figura (genial?) turculenta e acerada de Luís Osório, silhueta inconfundível e distinguível do Chiado lisboeta, caminhante de passo rápido em direcção a uma tasca (que fica ali de esguelha para o Camões), onde almoça por vício de todos-os-dias, e regressa ao 'seu atelier' de artista, do traço e do pincel, qual minarete de isolado árabe, ali à rua Anchieta, sótão soturno e pouco iluminado dum quarto andar dum prédio antigo, fronteiro à igreja dos Mártires. (O sino da minha aldeia/Dolente na tarde calma/Cada tua badalada/Soa dentro da minha alma. Fernando Pessoa). Essa mesma...

Custa a subir as escadas deste quarto andar, que tem elevador. Só que enguiçou. Acompanho o artista que sobe, e como quem foge, de mim, a sete-pés. Emperro na subida; ai-Jesus na boca. Lá de cima, vem a voz: 'Então?' Ai, esforço-me para não parecer mal, ainda por cima, eu, que sou mais novo. Entro a porta. Apanho de chapa com o cheiro do reboliço, com o faiscar dos pincéis, com o sono das tintas, com o cavalette empinado, a lembrar um cavalo alado, igualzinho àquele que o pintor tem pendurado numa das paredes. 'É um estudo,' diz-me. Para quê descrever o seu 'atelier'? É um 'atelier', como tantos outros; em tudo diferente! Espalham-se brasas pelo chão. Trocar palavras com o artista, é mantermo-nos calados, atentos, à espera que, da sua veia inconfundível de bom dialogante, perspicaz humorista e excepcional conhecedor de artes (a plástica, a musical e a literária), saia a palavra fácil, iluminada, directa. Falar com ele não custa. O que nos falta, é conseguirmos manter o diálogo ante a forma em como nos dá a conhecer os seus ensinamentos, que são vastos e próprios, a originalidade das suas 'charlas' de humor, a sua boa disposição-séria.

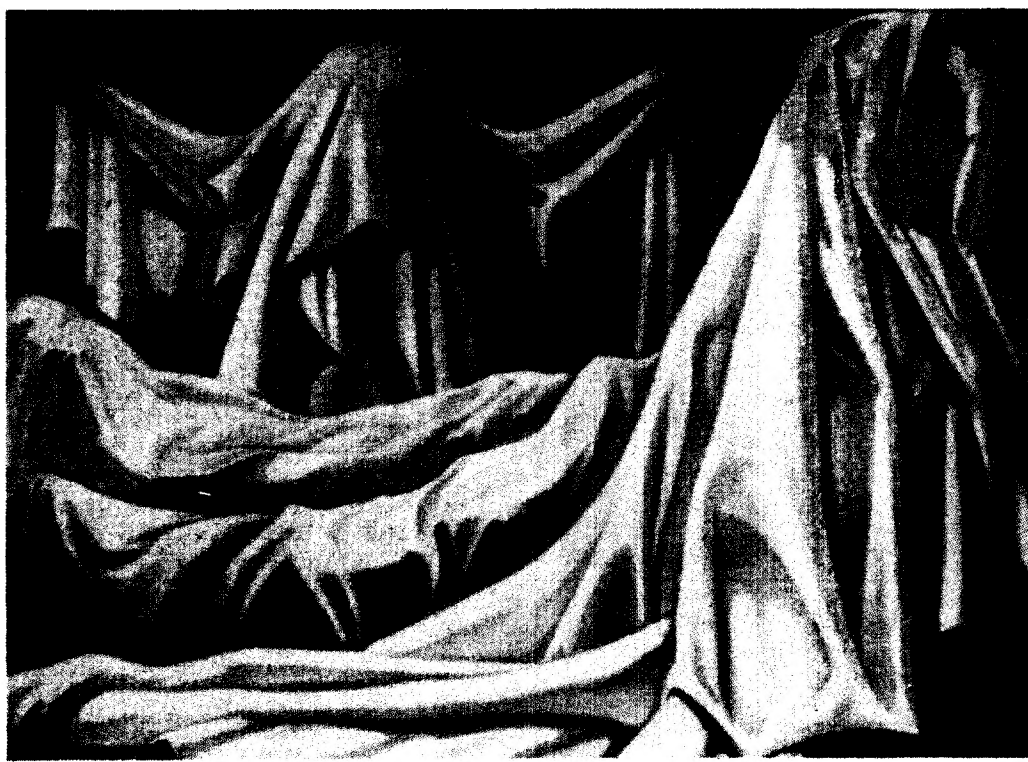
Sabemos que nasceu em Lourenço Marques, a 3 de Maio de 1930. Sabemos que cursou tardiamente a escola António Arroio. Que teve como companheiros de tempo, nomes como os de, Pedro Oom, Querubim Lapa, Artur Bual, Lima de Freitas, Júlio Monteiro, Eduardo Teixeira Coelho, Figueiredo Sobral, Jorge Vieira, António Alfredo, entre outros. Faz questão de lembrar os *Mestres* queridos de tantos alunos, com um sinal de tristeza, uma capa transparente de honra, marcando-lhe a face. Diz-me os nomes: Paula Campos, Júlio Santos e Rodrigues Alves. Sabemos que só muito tarde participou numa exposição individual, em 1983, na livraria Libris, em Lisboa. No entanto, confidencia-me, que essa não foi a 'sua primeira exposição a sério'. Essa fê-la, em Maio de 1984, na Galeria do Diário de Notícias. Tão tarde? Que sim. Porque assim o quiz, assim o determinou, numa espécie de mania de fugir ao presente, como que uma forma de se ausentar para o futuro, em parte incerta, sem que alguém o visse, o tocasse, o descobrisse, razão natural que a cada um cabe, no infinito egoísmo da sua modéstia. Sabemos que não pretende honras. Apenas, que o deixem em paz no seu trabalho. ('A fama tem o seu reverso maldoso e ingrato.' — dizia-o (já) Chateaubriand). Sabemos que esta é a sua primeiríssima entrevista, dada a qualquer jornal ou revista. (Quanto custo? Huf!). Porém, não é — a *Silex* — a primeira a ver as suas obras impressas.



Luís Osório à janela do seu atelier

Era o que faltava, para tamanha honra. Basta o atrás citado. Foi o criador desses admiráveis desenhos, que foram *A Mosca* (que deu o título ao suplemento literário do Diário de Lisboa), e a *Guidinha* (também saídos no Diário de Lisboa, acompanhando, em ilustrações, os textos escritos de Luís de Stau Monteiro). A sua pena, ilustrou capas e interiores de livros; retratou alguns dos mais notáveis poetas e romancistas portugueses (também, alguns estrangeiros!), contemplando com parcelas de humor refinado, a maior parte deles; ilustrou páginas para a "Vida Rural"; "O Mundo que os Portugueses Criaram", de Armando de Aguiar; "As Maravilhas Artísticas do Mundo", de Ferreira de Castro; o "Livro das Pousadas", editado por Edições Panorama; o "Livro Comemorativo da Viagem Transatlântica de Gago Coutinho e Sacadura Cabral"; o livro, "Receitas Culinárias"; entrou nos projectos para a restauração da Nau S. Vicente, segundo ideia de Leitão de Barros (com quem trabalhou) e com desenhos de figurinos, para as Marchas Populares, de arcos e tronos de S. António de Lisboa; montras e 'stands' para feiras nacionais e estrangeiras; folhetos turísticos; projectos para troféus e medalhas comemorativas; etc., etc. (E não é conhecido, como devia, este homem?). Sabemos que... Tudo virá escrito adiante como se irá ler.

Os céus do tecto abrem-se numa clarabóia que dá para o céu real, opaco, neste caso, porque o vidro é fosco. Lembra-me, por ele ter falado nos seus *Mestres*, essa data longínqua de 8 de Abril de 1927, quando José Régio, nas 'Folhas de Arte e Crítica', que era a *Presença*, denominou "mestres contemporâneos", três figuras até ali praticamente desconhecidas das letras e das artes portuguesas: Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e Almada Negreiros. Estranha coincidência. O tempo veio a dar mostras, terem sido, de facto, autênticos *Mestres*. Dou, em estar a olhá-lo fixamente. O instinto tem destes



Sudário (Óleo)

momentos. Será que a palavra *Mestre* não o irrita, não o desassossega, não o enfada, caso se aplique o mesmo tratamento para outros ou para ele-próprio?

*Mestres*, são aqueles indivíduos que souberam entender as realidades da sua época, e que serviram ou se tornaram, guião, bandeira ou símbolo, às gerações que os precederam. Por outro lado, souberam exprimir-se por vários, variadíssimos processos de linguagem — a poesia, a prosa, a pintura, a escultura ou a música — mostrando-nos um mundo diferente e original, um caminho próprio, por nós ignorado, na medida em que havia (ao tempo), um meio — a ditadura — que nos impunha uma série de restrições, e que não nos dava a mínima possibilidade de seguirmos em contacto com o mundo exterior; exactamente e por isso mesmo, diferente. Foi a partir desse mundo, que eles (os *Mestres*), em tudo o que podiam, procuravam mostrar, abrir ou rasgar. Porém, os condicionaismos dessa época opunham-se-nos, tapando tudo com um véu de estranha nebulosidade, e transformando-nos, involuntariamente, em 'sebastianistas'. Assim, se tornaram símbolos e atenção obrigatória das gerações mais novas.

São o que são, para todos nós. Quanto ao tratarem-me por 'mestre', não me enfadaria, nem me irritaria. Só que gargalharia até ao infinito, porque e para além dos condicionalismos já citados, a alienação e a falta de difusão cultural 'doutros latitudes', não me permitiam, por falta de dotes, seguir a missão evangelizadora ou didáctica dos supra-citados. Se sou 'mestre', sou-o só na minha experiência. Como dizia Bocage no fecho do seu soneto "A. Camões": 'Modelo meu tu és, mas... ó tristeza! Se te imito nos tranzes da Ventura, Não te imito nos dons da Natureza.' Enquanto que eles eram, de facto, *Mestres*, porque se dedicaram inteiramente à realização das suas obras, eu, disperso-me por várias actividades sem me poder fixar no campo em que o devia ter feito, como seja: a minha

mensagem artística. Desculpe-me voltar a citar Bocage, quando este diz: 'Incapaz de assistir num só terreno.'

Congemino terrenos naquele chão tabuado do 'atelier'. Noto expressões surrealistas espalhadas por tudo o que é desenho e pintura. Até na própria desarrumação da área. Soube-o participante das reuniões do grupo surrealista; no entanto, sempre 'à margem' desse grupo e desse movimento. Espécie de eminência parda? Os seus olhos pequenos, piscam as labaredas dos anos, das conversas e das reuniões.

Reuniamo-nos num café da avenida Almirante Reis. O Continental. Porém, nem sempre. Eu e o Pedro (Oom) tínhamos o 'bichinho' do xadrez. (Como muita gente sabe, e fica para os que não o sabem, o Pedro Oom foi um dos pilares do surrealismo, em Portugal). Através dele, tive a sorte de privar com o António Maria Lisboa, com o Mário Cesariny de Vasconcelos — que foi meu colega, se bem que mais adiantado, da António Arroio —, e com o Henrique Riques Pereira. O Mário Henrique Leiria, menos, já que ele não aparecia tanto quanto os outros. Assim, destes encontros vim a ter maior contacto e convivência com o António Maria Lisboa, com quem, aliás, comia numa pensão, em situação económica de mansarda (risos do entrevistado e do entrevistador), e no qual sentimos haver afinidades muito profundas quando discutíamos aspectos do esoterismo cabalístico, na troca de frases e pensamentos, bem como em aspectos da arte que se praticava em Portugal, e pela altura. Assim resultou, a minha integração 'à margem', com os restantes elementos do grupo e do movimento. Em conversas, metia de permeio uma frase ou um pensamento. Às vezes, pegava, quando um ou outro, quase gritando, se voltava para mim e dizia: 'Mas Osório, isso é essencialmente surrealista!' Mostrava-me absolutamente virgem, distante e desconhecedor da importância desse movimento iniciado pelo André Breton. Julgo que havia muita simpatia da parte deles, para comigo, quando tal diziam.

(Continua na pag. 8)

**1ª EDIÇÃO**  
15 000 exemplares  
**NOVIDADE**



# ALICE VIEIRA

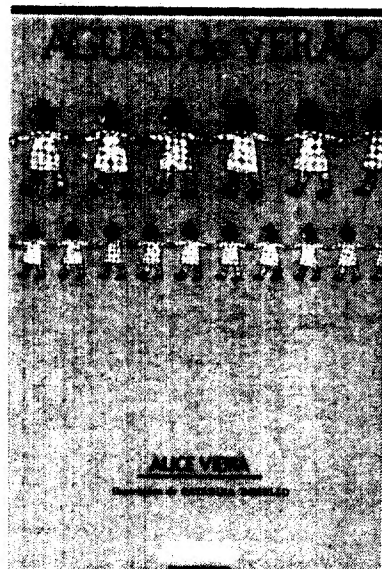
«Escrevo para crianças para que elas sintam que este país é a sua casa e que ler é muito divertido...»

FLOR de MEL



ALICE VIEIRA  
Ilustrações de IVONE RALHA

CAMINHO



2.ª edição  
20 000 exemplares

GRACAS E DESGRACAS DA CORTE DE  
EL-REI TADINHO



ALICE VIEIRA  
Ilustração de TERRA DAS COELHAS

3.ª edição  
13 500 exemplares

A ESPADA  
DO REI AFONSO



ALICE VIEIRA

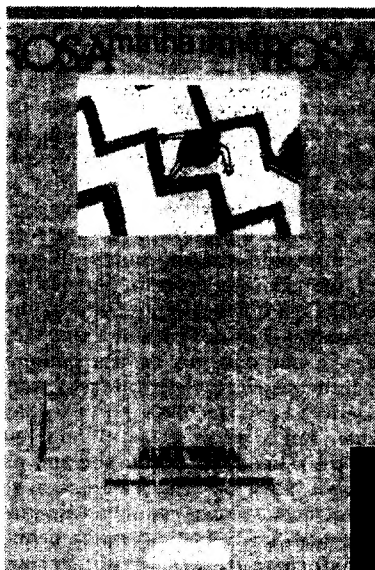
3.ª edição  
16 000 exemplares

ESTE REI QUE EU ESCOLHI



ALICE VIEIRA  
Ilustração de TERRA DAS COELHAS

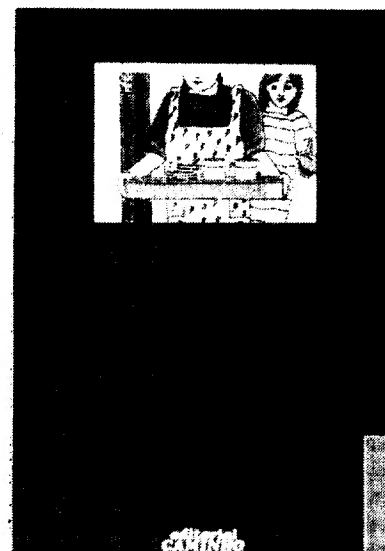
4.ª edição  
20 000 exemplares  
Prémio Calouste Gulbenkian  
de Literatura Infantil 1983



7.ª edição  
46 000 exemplares  
Prémio de Literatura Infantil  
«Ano Internacional da Criança»



4.ª edição  
21 000 exemplares



3.ª edição  
18 000 exemplares

## CAMINHO

*o prazer de ter bons livros para ler*

CDA a distribuição

# Levante do Ser sobre as ruínas da Literatura

«Mas olhar para as estrelas, meus amigos, e saber que aquelas cintilações azul-esbranquiçadas são — quando lá se põe o pé — reinos de esqualidez, ignorância e de toda a sorte de ruína; que o céu azul-escuro lá em cima está também cheio de velhas cabanas, pátios sujos, bairros pobres, entulheiras, cemitérios a abarrotar...»

Stanislas Lem

«(Traçai então o contorno preciso das ruínas solares da página)»

Nuno Júdice

HAVIA um tempo em que eu pensava mal acordava e isso estava a ser um hábito: estar morto, não estar — que diferença, que metamorfose! Era um hábito involuntário, acordar por ou para pensar. Indulgência num pensar já como vitória do princípio de vida.

Passados uns tempos, aconteceu-me sofrer indolentemente uma mutação: acordar a/para re-descobrir o «ser», o Todo, verificar na própria transição do sono, ou do sonho, para a vigília a fórmula «algo em vez de nada». O hábito parecia aprofundar a participação, estreitar o laço.

No entanto, não se consegue estar permanentemente no «flash» consciente de se ser, por isso mesmo se chamam «flashs» às breves exposições iluminadas. Retém-se pouco. Acabamos por nos distrair. Continuando a participar, mas sonambulamente e por dentro da «coisa», como quem mergulha para agarrar pedras tecendo frases. Os altos instantes voltam naturalmente. Como se não adiantasse forçar «uma crença do existir (...)» (que é como) o lento rasgar desse ser que não sou mas que suponho ser que me confere a realidade mínima para participar neste universo ético que não é bicho nem abstracto, mas apenas uma torre de lama e dejectos erguida pela cisão do sublime» (Nuvens, 4 Elementos Ed., 1984).

Haver ser em vez do nada mais simples e permanecer-lhe a máquina da cabeça. Participar com baixa voltagem. Saindo daqui sem sair, abandonando o conceito vivo em mente por instantes, para escrever. Nestes actos mais simples está patente o esquecimento essencial do ser, o modo de ser intermitente. Pensar reter um fio sentindo-se arrancado aos instantes. O pensamento praticamente pára extático. «Mergulhei há pouco o meu olhar no fundo dos teus olhos, ò Vida; vi cintilar o oiro no fundo dos teus olhos tenebrosos — e o meu coração, encantado, parou um momento de bater» (Nietzsche, Assim falava Zaratustra). O ser abstracto é uma semideusa semidensa. Rumo àquilo caminhando enquanto há luz e para além da luz, porque o pensamento é assim mesmo. «Ex-sistência é (...) o morar ex-stático na proximidade do ser» (Heidegger, Carta sobre o Humanismo).

Como havemos de provar, o ser reconduz-se à sua ruína relativa, sur-

gindo a muitos espíritos como um conceito pobre. O que visamos não é o irritante conceito de ser homogéneo, «não é o ser puro que, idêntico a si próprio, necessariamente privado de toda a determinação particular, só é, de facto, apenas equivalente à ideia de nada, quer dizer, da ausência de ideia» («Dühring, citado por Engels»).

Sobre a infância do mundo diziam os nossos pais — a geração de Fred Hoyle: «Todos nós nascemos de uma semente caída do céu» (Lucrécio). Natural é que não é o milagre de algo em vez de nada. Mas havendo algo, depois é tudo muito natural. O pensamento preparativo da dimensão diferente da natureza sobrevém como uma catástrofe no meio dos homens que não mudam. «O facto dos homens mantêm desde há milénios relações com a natureza não altera, com efeito, grandemente, este estado de coisas, uma vez que essas relações são bastante unilaterais» (dizem uns). Não altera porque no fundo há uma alternância sucessiva de perspectivas e então a média é o mesmo. Lidar com o desconhecido via escrituras é um lidar bilateral — o modo do desconhecido lidar.

No princípio era o fruto obrigatório. Jardins que irradiam ao longo do braço até ao centro. Estrelas do mar mas no céu vogando drogadas pela glândula da paixão. Um universo polícia de si mesmo. Uma universidade desnaturante. Sei lá... Nestes estados apetece-me dizer tudo quanto sei. «Fender o ar com canções terríveis... Fender o ar e muito mais, o éter que tudo liga. Fazer falar a alucinação. Alucinar: modalidade de universo em que sujeito e objecto se fundem. Toda a mudança é suscitada, há convites de campo no ar. Olhar sem fazer pressão, deixá-los expressar-se: os objectos redobram de vida e finalidade. Era a própria natureza desnaturada. Era uma pulsação de artifício inteligente a transbordar dos limites para reconhecê-los. «Subjectivamente, ele assistira já à estranha actividade fosforescente projectada na parede do seu quarto de dormir, uma montagem cada vez mais frenética que ele, então, imaginava serem pinturas abstractas modernas» (P.K. Dick, V.A.L.I.S.). O essencial na vida é sabermos discernir quando estamos a ver por dentro e quando não. É preciso localizar o ecrã hipnagógico.



«Escreverei sempre... Às vezes penso que estou programado, que obedeco a outras esferas do saber, do saber de outros mundos». Sou, melhor, estou a tomar-me em Palmer Eldrich. Sei da «ambiguidade natural que hologrou o humano». Li S. Gregório de Nisa e a cosmologia de duas fontes, «compreendi que as linhas do meu rosto estavam coladas ao pensamento de uma raça adimensionada». Posso também dizer que «segui a rota desses homens que povoaram com a sua arte símbolos inteligentes do seu incessante retorno sobre esta superfície azul lacada pelo fogo do sol» (li nas nuvens).

O sol forte era um teste para super-heróis e preguiçosas as cigarras nem cantavam.

O que são os trabalhos do super-herói ou o universo por ele mesmo? O que é praticar a escatologia? Que dizem os volumes sobre filosofia e praxis? Não se deve adorar o Sol, sim a nebulosa: para não ser divino adorar o fragmento causando dores e ter de haver um gigante do tamanho de galáxias aspirando-nos. E as pequenas fórmulas poéticas são cruzes e fivelas estruturais na formalha do grande relógio. Sentido em si o ser ardo, alucinando fogo o ente. Captar assim o inefável nesse mundo que dorme, dorme sem o ser vigilante...

Estamos num diálogo fotoeléctrico a oito minutos de distância, enquanto ele, alheio, só sabe que o centro da galáxia

explodiu 70 000 mil anos depois por causa da luz indiferente. A luz banha o sinal terrestre e este alterado por fim reflecte o fluxo que não é mais o mesmo de volta à fonte. Tudo em oito minutos. Querias saber da matéria? Isso é como uma espécie de cisão nuclear de sentimentos cuja reacção em cadeia nos provoca e nos atrai. E brechas na parede do corpo» (... vê-se que o homem a conduzia pela trela. Como um cego deslumbrado pelo sol que se agarra ao seu guia. Partilhar gestos com os génios pode atacar o sistema imunitário) — Clara Ferreira Alves, in *Expresso*, 23/8/86.

É O Bom Fim da História. Uma última palavra, propagada numa «teia de graus ascendentes que tal como um eco repetia a primeira manifestação do pulsar inteligente fora da nossa órbita universal» (dizem ainda os mesmos).

José Ninguém Epifenómeno, é de sua essência nunca o reconhecer, saber e não acreditar, não querer acreditar. Bate-se-á preferivelmente em guerras de religião. Mas se o vírus extraterrestre da mudança o acomete, começa então pelo medo... Mas há muitas outras fases primitivas; a nossa moda literária é uma fase primitiva. O próprio nabo dos quintais oferece-se como laboratório de ser, e as suas ramas espetadas agitam-se. Por uma última vez, ter medo é gelar de medo perante a evidência da utilidade de certa poesia relativamente moderna

no tempo. As coisas do espaço ao mergulharem no passado pela sua duração transmutam-se em tempo puro. A verdadeira solidez, o acto de solidificação que lhes dá a aparência de objectos imóveis, provém substancialmente do tempo como eterna mobilidade. O medo da aridez. A alegoria da fortaleza da solidão nas histórias do Super-Homem.

Tudo agora depende da iniciativa privada do bom ou do mau fim da história (... não somos de modo algum livres diante da obra de arte, que não a fazemos como queremos, mas que, sendo preexistente, compete-nos, porque é necessária a oculta e porque o fariamos se se tratasse de uma lei da Natureza descobri-la», Proust, *O Tempo Recencontrado*). Para ser bom ser verdade tem de poder correr mal (... a rigorosa ordenação científica das ideias pelo livre jogo dos aspectos particulares sob a aparente desordem» do Caos-Hegel, *Estética*).

Quanto às hipóteses de José Ninguém Epifenómeno que vagueia entre as sombras, não é bem assim. Não há propriamente «um sol maléfico, que tenta destruir a maquete, e sete planetas menores que tentam defendê-la» (lê-se também no mesmo livro). Há demitidos escatológicos do todo e nove em cada dez estrelas que fazem nada pela nebulosa. Congelêmo-nos, não nos intrometamos nos desígnios da Providência, diz a Lei — e dizem as Escrituras.

A mais pequena coisa me ultrapassa: «(...) o objecto é um sujeito determinando de uma maneira imediata, à maneira do sol natural: como o sol, ele é uma imagem da fantasia sensível, não espiritual, e aparece por conseguinte como um indivíduo natural» (Michel Hulin, *Hegel et l'Orient*, Vrin, 1979).

Zombam os zombies. «Inventa outro truque, antes que os planetas se extingam», dizem os mais faladoramente gregários. Cito-lhes as Escrituras: «(...) num ilusionismo final. Cuspi um êxtase/celeste nbo tropel dos Evangelhos./ — conheciêis o fim da História? O alucinado/incêndio das vésperas? (...)» (N. Júdice, *Lira de Líquen*, Rolim, 1986).

Mas viremos nós mesmos a página de mármore dos adoradores da vaca, dos descrentes de Roma, a página da «(...) sofisticada, ((da)) falsa sentimentalidade e ((do)) estado deplorável da tragédia, ((da)) loquacidade insubstancial, ((da)) mania das discussões, etc. (...)» (Hegel, *Estética*). Atenhamo-nos aos pequenos seres que estão «numa consonância inteiramente entregues aos mínimos incidentes do céu e da floresta». Muito Sol gasto. «Começamos ((já)) a cruzar seres interdimensionais, processados de outras estrelas». «(...) Subitamente, como aparece no céu um fenómeno astral, vi corpos ovóides tomarem com vertiginosa rapidez todas as posições que lhes permitiam compor (...)» (Proust, .../ *Guermentes*).

Joel de Lisboa

## O ESSENCIAL DOS TEMAS ESSENCIAIS ESTÁ NA COLECÇÃO ESSENCIAL

Em breves mas substanciais ensaios, reconhecidas autoridades dizem-lhe o essencial sobre grandes temas e grandes personalidades das artes, da história, das ciências e da cultura. Cada volume 100\$00!

Colecção Essencial — a mini-enciclopédia ao tamanho da sua bolsa.

cada número  
- essencial!  
não deixe nenhum  
em falta na  
sua biblioteca

# Luís Osório, surrealista clássico

Continuação da pág. 5

Aliás, lembra-me (agora) uma história da altura. Num dia em que estávamos reunidos, não sei se no Continental se no Gelo, a minha função era ouvi-los religiosamente falar desse movimento que, ao princípio me fazia lembrar um mundo absurdo e onírico, cada um deles possuía. Ou fosse por influência dos mesmos (o Oom, o Lisboa, o Cesariny, o Risques Pereira ou o Leiria), ou pelas faculdades que em mim estavam latentes, haviam sempre trocas de imagens. Como já tive oportunidade de lhe dizer, por vezes e muito timidamente, ia dizendo algumas, no intervalo de uma intervenção, cujo conteúdo, por muito próximo dos seus, os convencia de que realmente eu estava ligado ao grupo. Ao que não estava, nem nunca estive, reafirmo. Essas imagens deviam ser faculdades adormecidas que brotavam no ambiente próprio. Assim, no meio dessa conversa, lembro-me de ter dito: 'Quando um braço de luar entrou pela janela, clarificou uma figura estranha e inconcebível: era O DE PEDRA!' As reacções foram categóricas e ilucidativas: 'Mas isso é uma imagem de surrealismo puro, homem de diabo!' Claro que, se o era ou não, eu não sabia, pelas razões que já apontei. Mas, procurando finalizar o teor desta história, que provoca esta narrativa (ainda hoje me faz rir), lembro que falávamos de 'slogans' publicitários das agências funerárias. Isso dava para que cada um interpretasse uma imagem com o respectivo 'slogan'. Realmente tenho pena de me não lembrar das dos meus camaradas, mas, resta-me na memória a minha 'frase publicitária'. Rezava assim, e a ser enquadrada num retângulo ao alto:

**AOS PECADORES**  
Prefira os nossos caixões em pau-santo, a imitar pinho, à prova do juízo final!

A gargalhada foi geral. Como vê, e diziam-no eles: estava dentro do surrealismo. E, digo eu: sem nunca lá ter estado.

Ressoam no saibro, as pancadinhas do meu riso. A língua encarcomilha e salta. Desprega-se-me o cabelo em franjas para a testa. Simulo que levo as mãos ao bolso das calças e aperto as

pernas. Dói-me o peito. Sufoco. Dou com os olhos no copo de amêndoa amarga que o meu anfitrião me pôs à disposição. Vejo o grupo reunido, em duas mesas, os ditos a saírem, os cafés a caírem da máquina para os copos vazios. Vejo, esses jovens da altura, a procurarem dar cabo dum sociedade aviltantemente mesquinha. Espécie de heróis ou mártires. Loucos, de ocasião, concerteza, mas loucos com directrizes e personalidades próprias. Gostava de recuar no tempo e procurar saber, qual era 'o mais forte de todos eles'.

No fundo, foi uma sorte para mim, conhecer um António Maria Lisboa, um Pedro Oom, um Mário Cesariny, um Henrique Risques Pereira. Aliás, tudo o que faço agora, é produto da vivência que com eles tive. Daí, a minha arte ser uma arte instintiva e inconsequente. Posso dizê-lo. Era uma excepção rapaziada, esse grupo. Fundamentalmente, eram o Pedro Oom, no aspecto prático e o António Maria Lisboa, no mundo das ideias, que dominavam as reuniões. Era esplêndido; fantástico esse tempo. Hoje, entra-se no quotidiano sem olhar para o lado. Estranhos menires, estranhos menires...

Menires. 'Rochas erectas, lapidadas, magnificamente sós'. Lembra-me parte dum poema de alguém. Não recordo. Algures li-o, mas não me lembra quem o escreveu. Sigo consciente do diálogo, da forma como o Luís Osório o desenvolve. Esforço-me por 'lhe acompanhar o sorriso e esqueço-me que a tarde se compõe para lá da clarabóia'. O panorama artístico português... É isso! Como se passaram trinta anos! Como o vê, ele, agora, agora que não há tempo para ver, porque já é amanhã!?

O panorama artístico português, sofre do mesmo mal, que de resto sofre todo o País, principalmente no campo do ensino, desde a aprendizagem numa escola de arte, supunhamos a António Arroio, até à entrada nas Belas Artes. Acredito, porque o sinto, não haver um ensino em profundidade, nem um ensino sério. E, mesmo aqueles com qualidades potenciais que necessitariam de estímulo, para mostrarem o seu aproveitamento e essas mesmas qualidades, sofrem uma discriminação implacável, dado que tudo é feito segundo as perspectivas dos 'marchants'. Hoje em dia, a arte compra-se, não

pelo prazer de a contemplar, mas como uma forma de investimento. Assim, como quem investe em acções de futuro rentável. Portanto, os nomes que não estão na 'gíria' desse restrito meio, acabam por não ter possibilidades de se afirmarem por falta de um critério honesto de apreciação.

Quase que me salta a cabeça. Oiço falar assim, e todo eu me arrepio. Falta-me a coragem, falta-me o arcaboço de aguentar com todas estas pancadas nas costas. Ah! grande homem. Quem tem boca, é rei. Eu, eterno vasalo, muito obrigado e atentamente. Porém, e apesar do que vai para aí, ainda tenho folego para perguntar quais irão ser os seus planos daqui (hoje) para a frente (amanhã), se é que (ainda) há hoje e amanhã?

Continuarei a trabalhar, tentando conciliar a minha vida de funcionário público ou de estado (invertam-se as posições e será o mesmo), e guardar para as horas vagas aquilo que era necessário levar uma vida inteira. A arte é uma coisa muito séria, séria de mais, para ser tratada nas horas vagas. No entanto, reconheço haver um imperativo categórico: poder comer um bife em prejuízo duma mensagem artística, ou, iniciar essa obra artística que, com o tempo, irá desfalecendo por falta de proteínas animais. Gosto da Mona Lisa, mas, também gosto dum bom bife. Daqui resulta que não procurarei fazer uma proposta em moldes de vanguarda, mas dentro do tal estado de espírito em que me pretendo (?) surrealista e clássico. Conseguir através dum relativo formalismo, atingir o insólito, e dentro da minha mensagem plástica, não abdicar da minha posição de ilustrador, onde por vezes se combinam o lírico, o dramático e o humorístico.

Ah! sim, o humorístico, como o bife... Instintivo, surrealista, clássico!? Não sei se me vou perder mais à frente, mas o certo é, que mais dia menos dia, também eu 'volto' instintivo, surrealista, clássico, com laivos de lírico, dramático e humorístico. Apercebo-me, aos saltos na tela. Luís Osório tenta disfarçar a imagem. Passados segundos, ela repete-se. Embebedo-me na mensagem que a amêndoa amarga tem para me dizer. Está ali, dentro do copo, à espera que eu me decida. Quais destas mensagens plásticas

mais o domina, ou o atrai ou o entusiasma? Falo-lhe do seu trabalho. (Sempre o compreenderá.)

É evidente que me entusiasma todas. Até porque, repare. Se compararmos a fase dramática com a fase humorística, os elementos expostos podem ser os mesmos. Só que a sua situação no espaço e no tempo são inteiramente diferentes. Ao ilustrar o livro, "Receitas Culinárias", e ao tentar interpretar o 'arroz de pato', disfarcei o barbarismo do acto de sacrificar uma ave, que não faz mal a ninguém, através dum máscara que os homens se servem para fazerem mal aos habitantes aquáticos. Este um exemplo que pode não servir para o que me perguntou.

Sei que ele tinha sido concreto. Precisa, no entanto, de mais informes, de mais denúncias, de mais razões para a explicação dos seus desenhos. As outras, as explicações de 'à procura do tempo perdido' já o Proust mas tinha dado, e também, o Osório as sabia. Bem melhor que eu. Bato com os pés no chão. O pintor agita-se, e olha-me absolutamente asarapantado. 'São os movimentos surrealistas' explico. 'Fale-me na expressão dramática em relação aos seus desenhos'. (Como que sentindo, também ele, um ligeiro frenesi nos pés, explica):

Nos desenhos de expressão dramática o que domina acima de tudo é o expressionismo da forma, a força do claro escuro, que tem algo da tragédia wagneriana. Aliás, espero finalizar a minha obra com uma mensagem pessimista ou optimista, consoante a queiramos ver. Assim como que uma sequência do 'crepúsculo dos deuses'.

Wagner: — Crepúsculo dos Deuses — A minha espinha estica-se. Num vácuo imaginário, ressoa triunfante e em estrépido, o Coro dos Escravos Judeus. Wagner. Verdi. Os Nibelungos e Nabuco. Recorro à história não distante. Ao pensamento-conhecimento próximo. Não! É melhor que deixe isso para trás. Olho o Beethoven magnífico que o Luís Osório fez de memória. Fantástico, divinal, arrepiante.

José Manuel Capelo  
Extractos da Entrevista

## O eu nos outros

«Tio!

Rui, a um canto da sala, escondido pela árvore de Natal, via por entre as agulhas verdes, a sobrinha a procurá-lo de pessoa em pessoa. Havia música, havia fumo, havia risos. As palavras eram muitas, vinham de todos as direcções, encontravam-se no espaço, explodiam em vogais sonoras... Era bom estar ali afastado, a fumar um cigarro, a entreter os olhos em Lisa, que o chamava, o chamava sempre.

— Tio! Tio!

Disponha-se a aparecer, a tomar a sobrinha nos braços, quando a campainha se introduziu nas palavras todas, nos risos, no fumo. Lisa correu logo para a porta, grandes beijos, cachecóis flamejantes que se tiravam, pequenos embrulhos com laços coloridos.

— Olha, quem!

— Ora viva!

— Até que enfim!

Por entre as agulhas, Rui ficou-se a ver dois rostos que se foram aproximando cada vez mais do centro da sala. Um casal que não recordava ter visto nos anos anteriores, em casa do irmão: ele, muito alto, camisa branca, gravata sobre o escuro, macio de olhos, os cabelos penteados com um ligeiro toque de vento; ela um sorriso semicerrado nos olhos, os lábios com palavras abafadas, assim como quem pergunta se está a mais, as mãos amparando toda a alegria ao redor, um cabelo castanho-claro, puxado para trás, numa curva incompleta... Havia em ambos uma atracção perfumada, um desenho de gestos, que os diferenciava de todas as outras pessoas, os recordava na atmosfera lu-

minosa. Quando uma garrafa de espumante era aberta, o ruído da rolha parecia uma saudação a eles dirigida.

Não tardou muito que todas as crianças cercassem os recém-chegados numa mistura movimentada de cabelos, olhos e narizes. Lisa, tão ternamente impetuosa, abraçara-se a uma perna do desconhecido, começara a trepar, já estava nos ombros altos, acenando com as mãos para toda a gente.

«Deixou de chamar por mim...» — e Rui levemente magoado, um pouquinho de azedume no cigarro, mais se refugiou por detrás da árvore, tocando com os dedos na nave espacial, que oferecera à sobrinha. Tinha a sensação de se encontrar num bosque, com pássaros quietos de algodão-em-rama, observando o bulício de uma grande cidade: e a grande cidade era a sala, com doces, e pernas, nomes e cores, braços e música... Tudo acontecia a uma grande distância, num constante entrelaçar de quilómetros de alegria, de rodopio, de mãos dadas, beijos, gargalhadas. Sobressaindo dessa confusão — um cabelo com um ligeiro toque de vento, uns olhos macios, uns lábios com palavras abafadas... Sim: o casal. O casal que Rui não conhecia, que aparecera de súbito tirando do frio cachecóis flamejantes, perfumado de nítida atracção, com todas as crianças ao redor. É um perfume sem aroma, que vem muito lá do íntimo dos dois... «Emocionado, e sempre no segredo do seu bosque, Rui levou aos lábios a taça que trouxera para ali: era um vinho seco, arrefecido, explodia imperceptivelmente nas gengivas, na língua, na garganta. «Nada mau,

nada mau...» Tentou abandonar a árvore, ir até ao meio da sala, apresentar-se ao par que tão estranha e docemente o impressionava. Hesitou — e disse em voz muito baixa:

— Que intrusos tão curiosos!

Acendeu outro cigarro e, por entre as agulhas, tocando de quando em quando, a nave espacial, entreteve-se com os olhos em, Lisa presa agora ao pescoço do desconhecido, e corpo pequenino a ondular de riso como se fora um cachecol num dia de vento alegre... Pensou: «E acontece isto no Natal, festa de família, festa do meu sangue!» A sobrinha tinha-o esquecido por completo, dançava no sangue desconhecido dos «Olhos Macios» e dos «Lábios com Palavras Abafadas», num vaivém doido numa ternura que nada conseguia interromper.

— Lisa! — chamou, num segundo de coragem.

Mas Lisa não ouviu, ou não quis ouvir, e Rui se-meando cinza no sopé da árvore, descobriu na solidão do bosque que o intruso era ele e não quem daquela maneira lhe roubava a filha de seu irmão.

...Ainda a ceia vinha longe quando o casal se retirou. Porta aberta, os cachecóis flamejantes, sumiram-se no frio, ondulado um adeus exuberante e perfumado — e Lisa, subitamente só no meio da sala, olhou para tudo, olhou para todos, e começou a chamar:

— Tio! Tio! Tio!

Mas Rui desaparecera da sala, sumira-se de todos fora-se da alegria do Natal — e Lisa, junto à árvore, perguntou:

— Onde está a minha nave espacial...?

Pedro Alvim